



**PROFEPT**

MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL  
Farroupilha

**INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA**

**CAMPUS JAGUARI**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**DIVANE BACIN BOLZAN**

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A ESCRITA  
ARGUMENTATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO  
SOCIOCOMUNICATIVO DOS ESTUDANTES**

A construção e aplicabilidade da produção textual no Ensino Médio

Jaguari - RS

2023

**DIVANE BACIN BOLZAN**

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A ESCRITA  
ARGUMENTATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO  
SOCIOCOMUNICATIVO DOS ESTUDANTES**

A construção e aplicabilidade da produção textual no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *campus* Jaguari do Instituto Federal Farroupilha, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leticia Ramalho Brittes

Jaguari - RS

2023

Ficha catalográfica  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B694i Bolzan, Divane Bacin  
A importância do trabalho com a escrita argumentativa  
para o desenvolvimento sociocomunicativo dos estudantes :  
a construção e aplicabilidade da produção textual no Ensino  
Médio / Divane Bacin Bolzan. - Jaguari, 2023.  
120 f. : il.

Orientadora: Letícia Ramalho Brittes  
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação  
em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal  
de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, 2023.

1. Escrita. 2. Argumentação. 3. Sociocomunicação.  
4. Inserção social. 5. Formação integral. I. Brittes, Letícia  
Ramalho, orient. II. Título.

CDU: 81´1:37

Elaborada por:  
Márcia Della Flora Cortes CRB10/1877

**DIVANE BACIN BOLZAN**

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A ESCRITA  
ARGUMENTATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO  
SOCIOCOMUNICATIVO DOS ESTUDANTES**

A construção e aplicabilidade da produção textual no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Farroupilha, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

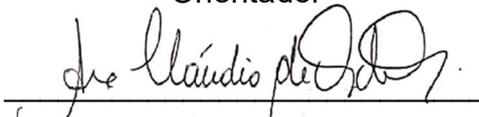
Aprovado em 26 de maio de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



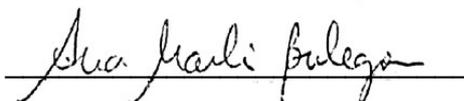
Dra. Letícia Ramalho Brittes

IFFar - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul  
Orientador



Dra. Ana Cláudia de Oliveira da Silva

IFFar - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul



Profa. Dra. Ana Marli Bulegon

UFN – Universidade Franciscana - Campus Santa Maria

**DIVANE BACIN BOLZAN**

**OFICINA DE PRODUÇÃO TEXTUAL**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Farroupilha, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

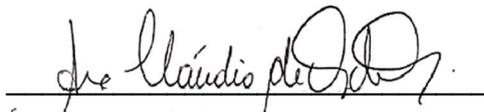
Validado em 26 de maio de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



Dra. Letícia Ramalho Brittes

IFFar - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul  
Orientador



Dra. Ana Cláudia de Oliveira da Silva

IFFar - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Vicente do Sul



Profa. Dra. Ana Marli Bulegon

UFN – Universidade Franciscana - Campus Santa Maria

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela coragem e pela força para superar as dificuldades.

Ao meu companheiro, Jarbas Manucello, pela compreensão nos silêncios e ausências, pelo companheirismo e presença. Gratidão por tudo!

À minha mãe, Isabel Bacin Bolzan, que me fez professora também pelo seu exemplo de comprometimento, seriedade com o trabalho e a ternura com o magistério. Ao meu pai, Valdemar Bolzan, que me ensinou o poder transformador da leitura. Entre minhas lembranças da infância, o vejo lendo seus jornais e revistas, que nunca faltaram em nosso lar. Minha eterna gratidão a vocês dois pela vida, pelos ensinamentos e pelo encorajamento de sempre.

Às minhas colegas e amigas da vida, Sabrina Klose Nadalon, Rozemara Nich e Dávine Carvalho Escobar, pela força nos momentos de dúvida, pelas sugestões e pelo companheirismo.

À minha orientadora, Leticia Ramalho Brittes, muito obrigada pela orientação, pelas conversas, pela compreensão e pela generosidade em dividir o conhecimento para a construção deste trabalho. Da mesma forma, agradeço à professora Taniamara V. Chaves, que sempre atende às solicitações com carinho, empatia e compreensão. Muito mais do que conhecimento, aprendi humanidade com vocês.

Ao Eder Fernando Borba, secretário do ProfEPT, muito obrigado pelo pronto atendimento, sempre cordial e correto.

Às professoras doutoras Ana Claudia de Oliveira da Silva e Ana Marli Bulegon, que compuseram a banca examinadora deste trabalho, agradeço por todas as contribuições dadas, que tornaram este trabalho ainda mais relevante e de qualidade.

Agradeço ainda ao Instituto Estadual de Educação Professora Guilhermina Javorski, instituição que me acolheu enquanto estudante, há mais de vinte anos faz parte da minha vida como professora e que agora me concedeu o espaço para a pesquisa. A história da minha vida funde-se a este estabelecimento de ensino.

Ao Profept, ao IFFAR campus Jaguari, a todos os professores e colegas, agradeço a oportunidade e o aprendizado. Certamente, o mestrado fez-me uma pessoa melhor.

A todos o meu carinho e gratidão.

Como posso educar sem estar envolvido  
na compreensão crítica de minha própria busca  
e sem respeitar a busca dos alunos e alunas?

(Paulo Freire, 2018)

## RESUMO

Esta dissertação, intitulada: “A importância do trabalho com a escrita argumentativa para o desenvolvimento sociocomunicativo dos estudantes - A construção e aplicabilidade da produção escrita no Ensino Médio”, tem como objetivo descrever a pesquisa para a compreensão das principais dificuldades que os estudantes do ensino médio relatam ao escrever textos argumentativos, relacionando a importância da produção textual ao desenvolvimento sociocomunicativo dos estudantes. Além da análise de dados, registro e formulação de hipóteses, a dissertação registra ainda a produção de aplicação de material em forma de oficina de texto - produto educacional - que contribuiu para sanar as dificuldades advindas da análise dos questionários aplicados aos estudantes. Todo o trabalho desenvolvido tem como fundamental objetivo contribuir para que os jovens participem efetivamente na sociedade, fomentando assim a construção de uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) que contemple a omnilateralidade dos sujeitos. A pesquisa qualitativa analisa os dados coletados entre estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de escola Pública Estadual no Município de Jaguari -RS. A coleta de dados deu-se por meio de visita inicial à turma pesquisada, seguida da aplicação de um questionário no Google Forms a todos os estudantes que concordaram em fazê-lo. Os dados obtidos foram analisados sob a forma de Análise Crítica de Discurso, com registro descritivo detalhado de todas as informações que forem relevantes à pesquisa. Após a análise dos dados coletados, como forma de contribuição com os sujeitos pesquisados, a elaboração, aplicação e avaliação do produto educacional tem como objetivo contribuir para esclarecer questões pertinentes à temática da escrita, promovendo a inserção dos jovens na sociedade contemporânea, facilitando que os mesmos expressem seus argumentos em textos descritivos de forma clara e coesa. Ao final da pesquisa, almejou-se esclarecer a importância de que os estudos gramaticais que são ofertados aos estudantes sirvam para a real inserção profissional no mundo do trabalho e participação efetiva na sociedade. A pesquisa foi ainda de grande valia na própria formação pessoal e profissional da pesquisadora, pois auxiliou a compreender as reais necessidades dos estudantes na aplicabilidade dos conhecimentos da Língua Portuguesa na escrita.

**Palavras-chave:** Escrita - Argumentação - Inserção Social - Formação Integral

## ABSTRACT

This dissertation, entitled: “The importance of working with argumentative writing for the socio-communicative development of students - The construction and applicability of written production in High School”, aims to describe the research for understanding the main difficulties that high school students face. report when writing argumentative texts, relating the importance of textual production to the socio-communicative development of students. In addition to data analysis, recording and formulation of hypotheses, the dissertation also records the production of application of material in the form of a text workshop - educational product - which contributed to solving the difficulties arising from the analysis of the questionnaires applied to students. All the work developed has the fundamental objective of contributing so that young people participate effectively in society, thus fostering the construction of a Vocational and Technological Education (EPT) that contemplates the omnilaterality of the subjects. The qualitative research analyzes the data collected among students of the third year of High School of a State Public School in the Municipality of Jaguari -RS. Data collection took place through an initial visit to the researched class, followed by the application of a questionnaire in Google Forms to all students who agreed to do so. The data obtained were analyzed in the form of Critical Discourse Analysis, with a detailed descriptive record of all information relevant to the research. After analyzing the collected data, as a way of contributing to the researched subjects, the elaboration, application and evaluation of the educational product aims to contribute to clarifying issues relevant to the theme of writing, promoting the insertion of young people in contemporary society, facilitating that themselves express their arguments in descriptive texts in a clear and cohesive way. At the end of the research, the aim is to clarify the importance that the grammar studies offered to students serve for real professional insertion in the world of work and effective participation in society. The research was also of great value in the researcher's own personal and professional training, as it will help to understand the real needs of students in the applicability of knowledge of the Portuguese language in writing.

**Keywords:** Writing - Argumentation - Social Insertion - Comprehensive training

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escrita dissociada de questões gramaticais .....	45
Figura 2 - A relação entre escrita e leitura, segundo os pesquisados .....	47
Figura 3 - Frequência de leitura ao longo da semana .....	49
Figura 4 - Pensamentos e referências ao que se pretende escrever.....	55
Figura 5 - Você sabe como começar uma redação - gráfico.....	61
Figura 6 - Por que você acredita que isso acontece - descrições “sim” .....	62
Figura 7 - Por que você acredita que isso acontece - descrições “não”.....	63
Figura 8 - A Gramática e a escrita.....	72
Figura 9: Layout da Oficina de Produção textual, já no Classroom .....	92
Figura 10: Acessibilidade e entendimento .....	94
Figura 11: Linguagem utilizada .....	95
Figura 12: Estrutura e recursos .....	95
Figura 13: Compreensão de conteúdos e informações .....	96
Figura 14: Informações atrativas .....	96
Figura 15: Interatividade e aprendizado .....	97
Figura 16: Cumprimento do propósito de aprendizagem .....	97
Figura 17: Despertar o aprendizado .....	98

## **LISTA DE APÊNDICES**

**APÊNDICE A** - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para Participantes Menores de Idade

**APÊNDICE B** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para Participantes Da Pesquisa Maiores De Idade

**APÊNDICE C** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis Legais (TCLE)

**APÊNDICE D** - Termo de Confidencialidade dos Dados

**APÊNDICE E** - Questionário

**APÊNDICE F** - Questionário de avaliação do Produto Educacional

**APÊNDICE G** - Produto Educacional

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ACD** - Análise Crítica de Discurso

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior

**COVID-19** - Do inglês Corona Virus Disease 2019 , doença de coronavírus 2019

**EJA** - Educação de Jovens e Adultos

**ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio

**EPT** - Educação Profissional e Tecnológica

**FACISA** – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas

**IFFAR** - Instituto Federal Farroupilha

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**PCN** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**PROFEPT** – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

**RCGEM** - Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio

**TALE** - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**URI** – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

## SUMÁRIO

<b>1 MEMORIAL DESCRITIVO</b>	<b>15</b>
<b>2 APRESENTAÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>3 INTRODUÇÃO</b>	<b>21</b>
<b>4 OBJETIVOS DESTA PESQUISA</b>	<b>27</b>
4.1 OBJETIVO GERAL	27
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
<b>5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>28</b>
5.1 A GRAMÁTICA NA SALA DE AULA	31
5.2 O NECESSÁRIO TRABALHO E A VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR	33
5.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA SOCIEDADE - UMA PERSPECTIVA FRENTE ÀS QUESTÕES POLÍTICAS E LÓGICAS MERCADOLÓGICAS	35
<b>6 METODOLOGIA</b>	<b>38</b>
6.1 NATUREZA DA PESQUISA	38
6.2 FONTE DE PESQUISA	40
6.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	40
6.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS ÉTICOS	41
<b>7 ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>43</b>
7.1 OS DISCURSOS DOS ESTUDANTES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA	44
7.2 A INTERTEXTUALIDADE NAS FALAS DOS PESQUISADOS	50
7.3 A ESTRUTURA DO TEXTO ARGUMENTATIVO - OS DESAFIOS DA ESCRITA	59
7.4 O APRENDIZADO DA GRAMÁTICA - ELEMENTO FACILITADOR OU DIFICULTADOR DA ESCRITA?	70
7.5 A CAPACIDADE DE PROPOR SOLUÇÕES NO DISCURSO DOS ESTUDANTES	74
7.6 A PRESENÇA DA ESCRITA E O USO DAS MÍDIAS NA VIDA DOS ESTUDANTES	77
7.7 O QUE APRENDER EM PORTUGUÊS PARA ESCREVER MELHOR - NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES	81
<b>8 PRODUTO EDUCACIONAL</b>	<b>88</b>
8.1 APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL - AS PRODUÇÕES ESCRITAS E A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A OFICINA DE CRIAÇÃO DE TEXTOS.	91
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) PARA PARTICIPANTES MENORES DE IDADE</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PARTICIPANTES DA PESQUISA MAIORES DE IDADE</b>	<b>109</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA</b>	

<b>PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS (TCLE)</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE D - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE F – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO: PRODUTO EDUCACIONAL</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE G – PRODUTO EDUCACIONAL</b>	<b>120</b>

## 1 MEMORIAL DESCRITIVO

Sou jaguariense, filha de Valdemar Bolzan e Isabel Bacin Bolzan. Neta, sobrinha, filha e irmã de professores, habilitados, cada um, em uma das diversas áreas do conhecimento, nascida no ano de 1977.

Possuo a seguinte graduação: Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Santiago, em 27 de janeiro de 2000 e Pós-Graduação “Lato-Sensu” em Pedagogia Gestora: Administração, Orientação e Supervisão Escolar pela FACISA – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, em 12 de novembro de 2007. Monografia: O Papel do Supervisor Escolar diante das mudanças da família e da escola: uma análise teórica a partir dos anos 80, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Marli Bulegon.

Minha trajetória profissional pessoal sempre esteve ligada à área educacional, exceto em um primeiro momento, enquanto ainda cursava a graduação, quando tive a oportunidade de trabalhar como membro de corpo editorial em jornal de circulação regional: O Jaguar, como Chefe de Redação, entre os anos de 1999 a 2001, em consonância ao fato de estar cursando Letras. Neste primeiro e intenso contato com a escrita tive a oportunidade de perceber a importância da palavra escrita para a vida em sociedade.

Antes de realizar a graduação, já tive o primeiro contato com a área da educação, realizando o Curso de Magistério pelo Instituto Estadual de Educação Professora Guilhermina Javorski (1995).

No ano 2000, ingressei no serviço público estadual – município de Jaguari, onde exerço minhas atividades como professora até o presente momento. Minha atuação profissional, deste modo, está intimamente ligada ao estudo e aplicação da Língua Portuguesa e Espanhola, suas leituras, interpretações e aplicações no âmbito educacional.

Tive também a oportunidade de atuar como diretora na extinta Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Severiano de Almeida, entre 2003/2006. No Instituto Guilhermina, onde atuo como docente da disciplina de Língua Espanhola, atualmente, já tive oportunidade de atuar como Coordenadora da EJA, na Coordenação e

Supervisão Pedagógica e, atualmente, como vice-diretora nas gestões 2019-2021 e 2022-2024.

Face ao meu histórico acadêmico/profissional, meu tema de interesse para pesquisa no mestrado não poderia ser outro que não o campo da escrita, mais especificamente a dificuldade dos estudantes em escrever textos dissertativos – aplicar os conhecimentos adquiridos na Língua Portuguesa e em todos os demais componentes curriculares em seus textos.

Acredito que a escrita de textos é importante em quaisquer áreas do ensino e mesmo da vida humana. Incentivar, proporcionar e adequar conhecimentos aos estudantes, através de bases curriculares consistentes, independente de nível, de âmbito educacional e principalmente de classe social, proporcionando a todos escrever de forma clara e compreensível e registrar seu saber de forma coerente e coesa seria uma finalidade para qualquer curso. Penso que proporcionar a todos os saberes da escrita de forma concreta, especialmente em instituições públicas, seria uma forma de inclusão de classes que são, historicamente, menos favorecidas.

Após tantos anos em sala de aula, vivenciando as diversas dificuldades que os estudantes encontram na atividade escrita, percebi, no curso de mestrado, uma oportunidade de, através de uma pesquisa bem elaborada, critérios concretos de análise e, especialmente, elaboração de um produto que realmente colabore com os estudantes, tentar abrandar a dificuldade de expressão escrita, tão comum entre os estudantes.

## 2 APRESENTAÇÃO

Sabe-se que a linguagem é um instrumento de interação social, através do qual os homens, desde os primórdios, estabelecem suas relações. A linguagem, através de suas diversas manifestações, é tão inerente aos seres humanos quanto os hábitos mais básicos e necessários à sobrevivência.

Podemos ver em Azeredo, a seguinte afirmação:

A linguagem não é apenas mediadora das relações do homem com o mundo que o cerca e com seus semelhantes. Mais do que isso, a linguagem constitui e torna possíveis essas relações. Pode-se mesmo dizer que as relações que por meio dela se elaboram e se estabelecem são tão variadas e distintas quantas são as possibilidades de expressão verbal do homem. A linguagem coloca-se entre o homem e o mundo que o cerca como uma espécie de mapa que o orienta para a percepção das coisas e das relações entre as coisas. (AZEREDO, 2010, p.8)

Entretanto, a relação com a escrita de textos não é algo assim tão harmonioso e tido como necessário ou comum na vida dos estudantes. Na experiência de sala de aula, há mais de vinte anos no contato diário com as disciplinas da área das linguagens, observa-se que a proficiência, tanto da leitura quanto da escrita são objetos ainda distantes da maioria dos estudantes, especialmente nas escolas públicas, ainda mais evidente nas classes menos favorecidas, onde o acesso à leitura, interpretação e escrita não são objeto de interesse nas famílias.

Outra evidência na “pobreza” da construção de textos argumentativos (desde os mais simples) pode ser observada no crescente uso das redes sociais por todas as camadas da sociedade. Pela formação não consolidada dos saberes da escrita, os participantes das redes não conseguem, através de textos, em muitas situações, expor seus sentimentos, seus saberes, sua posição com clareza, coesão e coerência, tornando impossível aos leitores a compreensão do que o texto realmente quer dizer.

Cabe aqui ressaltar que, em momento algum, a presente pesquisa tem como foco aumentar a exclusão daqueles que desconhecem ou não possuem formação sólida com relação aos conhecimentos gramaticais da Língua Portuguesa e a sua aplicabilidade nos textos. A proposta e a justificativa do tema vai no sentido oposto à esta lógica. Na pesquisa e na elaboração do projeto de pesquisa, na coleta e análise de dados, na elaboração, aplicação e avaliação do produto educacional e na escrita da dissertação, a intenção é promover meios para aqueles que não se sentem seguros com relação aos seus registros escritos encontrem formas de ver a linguagem, mais especificamente através da escrita, como fontes de inserção social, de promoção de

igualdade e forma de registro dos diversos saberes.

Desta forma, este estudo pretende analisar a importância do estudo da gramática e da argumentação para a construção textual e os motivos que tornam tão difícil aos estudantes dos diversos níveis a escrita de textos. Frente ao exposto, evidencia-se o problema de pesquisa:

Com base nos relatos dos estudantes, quais práticas pedagógicas podem auxiliar na aplicação dos estudos da gramática para superar dificuldades na escrita de textos argumentativos no ensino médio?

Visando desenvolver a pesquisa de forma organizada e coesa, este estudo está distribuído da seguinte forma: o primeiro elemento constante é o memorial descritivo da pesquisadora. Destaca-se que a presença deste elemento no texto justifica a escolha do tema de pesquisa e a construção deste trabalho. É natural que sintamos a necessidade de contribuir, de forma positiva, consciente e ativa, com os sujeitos com os quais convivemos e, trazer a história pessoal da pesquisadora para este texto, auxiliará o leitor a compreender a pertinência que esta pesquisa tem para a comunidade na qual está sendo desenvolvida.

Na sequência, o texto de apresentação delimita o problema de pesquisa, elemento fundamental para todo o desenvolvimento do trabalho. Em seguida, no texto de introdução deste trabalho, a intenção é de situar o leitor acerca do trabalho desenvolvido ao longo deste estudo. E, em continuidade, a delimitação dos objetivos geral e específicos que, no projeto de pesquisa, foram motivadores para a efetivação de cada uma das etapas.

Dando continuidade à pesquisa e, como principal forma de validá-la, estão dispostos os textos da Fundamentação Teórica deste trabalho. Este capítulo está subdividido em três textos fundamentais: A gramática na sala de aula, O necessário trabalho e a valorização do professor e O papel do professor na sociedade - uma perspectiva frente às questões políticas e lógicas mercadológicas.

Na escolha dos textos fundamentais, foram atentamente observadas as leituras propostas pelas disciplinas do curso de Mestrado em Educação Básica, Profissional e Tecnológica - ProfEPT do IFFAR - Campus Jaguari, visto que ali encontram-se citações de István Mészáros (A Educação para Além do Capital), Maria Ciavatta (A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade) e Moisey Mikhaylovich Pistrak (Fundamentos da Escola do Trabalho).

Essas e outras leituras foram amplamente debatidas nas aulas, nos trabalhos

e nos escritos realizados pelos mestrandos na etapa inicial do curso e são, sem sombra de dúvida, fundamentais para o entendimento de questões como omnilateralidade, empoderamento dos sujeitos na sociedade em que vivem e valorização do trabalho de todos os seres humanos.

Mais especificamente na área da Língua Portuguesa, são debatidas, não só na fundamentação mas em diversos textos deste estudo, os seguintes autores: José Carlos de Azeredo, em Fundamentos da Gramática do Português, Lev Semenovitch Vygotsky, em Pensamento e Linguagem, Andrea Berenblum, em A Invenção da Palavra Oficial, João Wanderley Geraldi, em A Aula como Acontecimento e O Texto na Sala de Aula e Irandé Antunes, em Aula de Português, entre outros.

E, ainda como elementos basilares da fundamentação teórica, surgem, ao longo deste estudo, Paulo Freire, em obras como Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Compromisso e Por uma Pedagogia da Pergunta, além de Miguel Arroyo, em Ofício de Mestre. Especialmente nestas leituras há contribuições muito valiosas para o desenvolvimento de atividades pedagógicas em quaisquer áreas do saber, propiciando qualidade nas relações que são desenvolvidas dentro das salas de aula, na integração entre os sujeitos, com seus pares e com o mundo, sempre com vistas à construção de uma aprendizagem significativa.

No capítulo subsequente, está contida a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, contendo os seguintes elementos: natureza da pesquisa, fonte de pesquisa, procedimentos de coleta de dados e considerações sobre os aspectos éticos. A saber: trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como fonte de pesquisa estudantes do ensino médio regular da rede pública estadual do Estado do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados em sala de aula, através da aplicação de questionário semiestruturado, com ampla consideração sobre os aspectos éticos, tratando-se de pesquisa que envolve seres humanos, estando inclusive, descritos benefícios, possíveis riscos e gerenciamento destes, caso ocorram.

Com relação à análise dos dados coletados, o estudo apoia-se na Análise Crítica de Discurso (ACD), baseado nas teorias de Norman Fairclough (Discurso e Mudança Social), Ruth Wodak e Allan Luke (Análise do Discurso numa Perspectiva Crítica) observando nas palavras dos estudantes pesquisados todas as possíveis relações que são colocadas através dos textos apresentados, bem como as suas experiências, suas vivências e crenças. Consideram-se, na ACD, a hegemonia, o

poder dos povos e a intertextualidade para a compreensão dos discursos.

Todos esses elementos, criticamente analisados, servem de base para a elaboração do produto educacional, que, pensado e construído após a análise dos dados, poderá ser utilizado não apenas dentro deste estudo, mas como um ferramenta de auxílio a outros professores para o desenvolvimento das habilidades de escrita entre os estudantes.

Ainda na descrição do Produto Educacional, constam as suas possíveis dificuldades de aplicação e a aceitação dos estudantes frente às dinâmicas propostas. Convém lembrar que este elemento, necessário para a validação do curso de mestrado, deve surgir das inquietações e dúvidas presentes nas atividades de docência e que busquem facilitar o processo de ensino e aprendizagem nas comunidades escolares.

Por fim, este documento traz as considerações finais e elementos complementares, nos apêndices e anexos, também importantes para a compreensão de todas as etapas da pesquisa.

### 3 INTRODUÇÃO

O ato de escrever é fundamental para a vivência plena em sociedade. Esse saber, que deveria ser comum a todos os seres humanos, entretanto, é negado a muitos, uma vez que as instituições escolares cada vez mais preocupam-se em, apenas, seguir parâmetros estabelecidos pelas políticas educacionais vigentes em cada governo.

Entender a escrita como um ato político, libertador, contraria a ideia tão difundida na sociedade atual de que a educação deve apenas atender à constante necessidade de formar trabalhadores que sejam meramente capacitados para atender de forma satisfatória aos interesses mercadológicos. Um estudante egresso da educação básica capaz de expor seu pensamento com clareza e fundamentação, através da escrita, será também um cidadão consciente de sua existência e de seu potencial em sociedade, dificilmente sendo reduzido apenas a mão-de-obra subserviente aos interesses de grupos dominantes.

O grande desafio imposto às escolas na contemporaneidade está diretamente ligado às rápidas transformações às quais a sociedade vem sendo exposta, tanto no desenvolvimento tecnológico quanto no que diz respeito às relações intra e interpessoais. Tais transformações impactam diretamente no ensino que é oferecido aos estudantes do Ensino Médio na rede estadual do Rio Grande do Sul.

O Ensino Médio, compreendido como etapa de finalização da Educação Básica, oferecido atualmente nas escolas públicas pertencentes ao estado do Rio Grande do Sul está assim caracterizado: após a conclusão de nove anos de Ensino Fundamental - Anos Iniciais (do 1º ao 5º ano) e Anos Finais (6º ao 9º ano), os estudantes ingressam no Ensino Médio. São mais três anos de formação, que têm como principal função reforçar e aprofundar conhecimentos previamente adquiridos nos estudos anteriores.

Além do Ensino Médio regular diurno, objeto desta pesquisa, que conta com o total de 1000 horas ao longo dos três anos de formação e que possui população de estudantes, em sua maioria, com idades entre 15 e 19 anos, o estado do Rio Grande do Sul ainda oferece outras especificidades ou modalidades, a saber: Ensino Médio em Tempo Integral e Ensino Médio Noturno, como especificidades e Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Educação Especial, Educação Escolar Indígena e Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância (EaD), Educação

Profissional e Tecnológica e Educação para Formação Docente - Curso Normal de Nível Médio, como modalidades de Ensino Médio.

Atualmente, o documento norteador das ações a serem desenvolvidas no Ensino Médio gaúcho em escolas públicas estaduais denomina-se: Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio – RCGEM, e encontra-se disponível no portal da educação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em <https://educacao.rs.gov.br/gestao-pedagogica>.

A pesquisa descrita neste trabalho foi desenvolvida no Instituto Estadual de Educação Professora Guilhermina Javorski, no município de Jaguari - RS. O objeto de pesquisa, o Ensino Médio regular diurno oferecido pelo estabelecimento, que além desta etapa oferece o Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), Curso Normal pós médio e Curso Técnico em Contabilidade - Noturno, também pós médio.

O Instituto Guilhermina, de acordo com seu Projeto Político Pedagógico, conta atualmente com cerca de 500 estudantes e corpo docente em torno de 60 professores, além de cerca de 15 funcionários que exercem suas atividades nos serviços de secretaria, monitoria, portaria, merendeira e manutenção e limpeza dos espaços da escola.

Todos os professores são habilitados para a área de atuação na qual estão trabalhando, em sua absoluta maioria são licenciados e alguns já possuem especialização e mestrado. Entre os funcionários, alguns já possuem nível superior e outros estão cursando.

É a única escola da zona urbana do município que oferece o Ensino Médio diurno e noturno. O nível socioeconômico dos estudantes atendidos pela instituição é de baixa renda, sendo a maioria advindos de famílias de prestadores de serviço, pecuaristas e agricultores. Muitos estudantes residem no interior do município. Esses necessitam do serviço de transporte escolar, ofertado pela rede estadual, para acessarem presencialmente as aulas.

A escola conta com equipe diretiva escolhida democraticamente através de eleição, da qual participam todos os segmentos da comunidade escolar (professores, servidores, pais e estudantes). Os candidatos devem ser professores ou servidores que possuem vínculo efetivo com a instituição escolar. Também participam das decisões da escola o CPM - Círculo de Pais e Mestres, Grêmio Estudantil e Conselho Escolar, o último com funções deliberativas.

O município de Jaguari localiza-se na região centro-oeste do Rio Grande do Sul, distante cerca de 400km da capital. É conhecido como a Cidade das Belezas Naturais, possui cerca de 10.000 habitantes e foi colonizado por imigrantes italianos. A cidade não conta com grandes empresas. As vagas de emprego são ofertadas no ramo do comércio - atendimento ao público ou prestação de serviço e na agricultura, em pequenas propriedades familiares. Para os jovens, o município ainda oferece poucas oportunidades de continuidade de seus estudos, embora já conte com um Campus do IFFAR - Instituto Federal Farroupilha, situado na localidade do Chapadão, que oferece cursos técnicos subsequentes e cursos superiores de tecnologia.

A maioria dos estudantes egressos do Instituto Guilhermina, ao seguir seus estudos, acaba optando por residir em cidades maiores, como Santa Maria, Santa Cruz do Sul ou Porto Alegre. Aqueles que não seguem a vida acadêmica, prestam serviço em estabelecimentos comerciais do município ou seguem as atividades rurais em pequenas propriedades familiares no município.

Poucas são as oportunidades de acesso à cultura, sendo que o município não conta com espaços como cinema ou teatro. A Biblioteca Pública Municipal possui espaço próprio, porém pouco acessado pela comunidade local. As oportunidades de lazer são mais comumente ligadas às festas de comunidade, promoções religiosas e eventos esportivos, como campeonatos de futebol ou jogos de bocha promovidos pelos clubes particulares do município.

Neste contexto, a educação precisa, urgentemente, preparar os jovens estudantes para que possam exercer com autonomia a sua cidadania, entendendo que, para isso, precisam conhecer as diversas realidades, através de leitura, convívio social e acesso aos mais diversos meios da cultura.

Sabe-se que a escola representa importante papel de inclusão social. Uma vez que, através de uma formação que realmente prepare os cidadãos para uma leitura crítica e autônoma dos fatos do mundo que o cercam, a escola poderá proporcionar às futuras gerações maiores oportunidades às diversas classes, com menores disparidades entre os mais e os menos favorecidos.

O uso da Língua Portuguesa escrita, em textos, como ferramenta de sociabilização precisa de que, mais e mais, professores, estudantes, pesquisadores entendam de uma educação que incentive os jovens à leitura, à interpretação, ao uso da gramática e de todos os seus conhecimentos na vida diária, prática.

Temos hoje jovens estudantes que passam vários anos de suas vidas em escolas, com currículos formais, que oferecem conhecimentos da língua materna em todos os anos de estudo e estes mesmos estudantes concluem sua formação com pouca ou nenhuma capacidade de aplicar os saberes que lhes foram oferecidos na escrita de textos. Fica evidente que, neste processo, algo está desestimulando o real aprendizado.

Pretendeu-se, através da pesquisa, elucidar as dificuldades que os estudantes encontram na escrita de textos dissertativos ainda no Ensino Médio. O levantamento de dados, para objeto de análise e escrita deste trabalho, ocorreu em forma de uma visita inicial à turma de alunos concluintes do Ensino Médio Diurno - 3º ano do turno vespertino, com breve explicação sobre a pesquisa e debate sobre o tema da escrita de textos dissertativos. Posteriormente, os estudantes responderam a um questionário elaborado no Google Forms.

A escolha da plataforma Google Formulários justifica-se pela recente familiarização que ocorreu entre os estudantes e professores na ocorrência da pandemia de COVID-19, na qual as instituições escolares precisaram adaptar seus modelos pedagógicos para o ensino remoto. Os discentes possuem facilidade no acesso e utilização deste tipo de ferramenta tecnológica, bem como os dados são armazenados com segurança, facilitando o acesso para análise das respostas.

O questionário foi respondido apenas pelos estudantes que concordaram em fazê-lo. Após o retorno dos questionários preenchidos, deu-se início à problematização das questões propostas no formulário, com análise dos relatos à luz do currículo escolar a que os estudantes foram submetidos em sua formação.

As questões constantes no formulário foram elaboradas com o principal objetivo de remeter os jovens a relatar quais são as reais dificuldades que eles sentem ao serem provocados a escrever textos argumentativos e quais as suas percepções sobre como sanar essas dúvidas.

Além de questões de múltipla escolha, os jovens também tiveram oportunidade de responder questões dissertativas no formulário, possibilitando uma breve análise de suas capacidades de aplicação da norma culta da língua materna em seus textos.

Considerando que estamos realizando uma pesquisa por amostragem e envolvendo seres humanos, a identidade dos alunos envolvidos na pesquisa será guardada, sendo que seus nomes não serão requisitados no preenchimento do formulário. Compete dizer que, mais importante do que a identificação dos sujeitos

analisados, está a demonstração das reais capacidades de escrita e também das dificuldades relatadas pelos estudantes.

Na elaboração do produto educacional a ser aplicado aos estudantes, a presente pesquisa buscou promover intervenções possíveis para facilitar o trabalho de escrita. Trabalho esse tão necessário para que sejam contemplados objetivos fundamentais para a implementação de uma sociedade em que todos tenham voz e para a redução das desigualdades sociais que ora imperam na sociedade brasileira.

Na aplicação, validação e avaliação do produto educacional, descritos pormenorizados em outro capítulo deste trabalho, estão expostas a preocupação em sanar as dúvidas e anseios decorrentes das respostas obtidas na pesquisa e que, certamente, não são exclusivas apenas do grupo observado, mas da maioria dos estudantes da educação básica pública em nosso país.

Ainda, dentro do trabalho de pesquisa a ser realizado, a busca pela integração entre o conhecimento da língua, das suas regras básicas e a intencionalidade do uso da língua como meio de inserção social, de promoção de igualdade e de desenvolvimento científico, socioeconômico e cultural, são elementos norteadores.

Vemos em Azeredo a importância do conhecimento da língua e da sua função primordial para a humanidade:

Os sinais sonoros ou gráficos com que se materializam nossos discursos veiculam sentidos que elaboramos durante o processo de falar-escrever e ouvir-ler. Como tudo mais que constitui nossa herança cultural e plasma nossa identidade histórica e social, esses sinais — manifestação da língua que falamos/escrevemos — são uma propriedade coletiva extraordinariamente maleável e adaptável às circunstâncias comunicativas, aos interesses dos indivíduos e aos caprichos do tempo e da história. Conhecê-los para fins interativos é um requisito da vida em sociedade, mas descobrir e explicitar como são e a que leis estão sujeitos em seu funcionamento é tarefa adicional, nem sempre de efeitos práticos evidentes, mas pertinente à aventura histórica do homem em busca do autoconhecimento. (AZEREDO, p.6, 2010)

Quando estudamos sobre linguagem, estamos essencialmente discutindo herança cultural e perpetuação de saberes. Apesar de maleável e adaptável, a linguagem escrita possui a extraordinária função de registrar, para futuras gerações, de forma extremamente fiel, as percepções que possuímos acerca do mundo em que vivemos.

Entende-se que a capacidade comunicativa escrita dos seres humanos pode conectar o homem a saberes já construídos e mais, aperfeiçoá-los, na medida em que

ele adquire habilidades de ler, interpretar e reinventar conhecimentos registrados em outros tempos e por outras civilizações.

Evidencia-se, portanto, a importância do conhecimento da escrita, do seu estudo e da necessidade de que ela deixe de ser um mecanismo de exclusão, passando a ser ferramenta de promoção da vida em sociedade.

## 4 OBJETIVOS DESTA PESQUISA

Ao pensar um trabalho de pesquisa, é essencial que consigamos delimitar nossos objetivos, a fim de que todos os encaminhamentos necessários para a efetivação da pesquisa sejam plenamente atingidos.

Desse modo, apresentam-se, a seguir, o objetivo geral e os objetivos específicos do presente trabalho de pesquisa, que foram os norteadores de todas as ações propostas e desenvolvidas.

### 4.1 OBJETIVO GERAL

Pesquisar e compreender quais as principais dificuldades que os estudantes do ensino médio relatam ao escrever textos argumentativos, relacionando a importância da produção textual ao desenvolvimento sociocomunicativo dos estudantes.

### 4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Verificar quais as dificuldades dos estudantes do Ensino Médio com relação à produção textual a partir da aplicação de entrevista semiestruturada;
- b) Identificar as dificuldades no processo de construção de saberes dos estudantes para a escrita dissertativa;
- c) Coletar e analisar criticamente as falas dos estudantes acerca dos saberes construídos em língua portuguesa, relacionando-as à capacidade de consolidação da escrita dissertativa;
- d) Elaborar um produto educacional que vise auxiliar os estudantes na tarefa de escrever textos, através do compartilhamento de métodos, técnicas e materiais didáticos com a finalidade de promover conhecimento na produção textual;
- e) Ampliar saberes acerca da gramática normativa através de materiais atrativos, com utilização prática na escrita argumentativa;
- f) Verificar as contribuições do produto educacional em relação às práticas pedagógicas;

## 5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sabe-se que, na escola, o estudo da língua é uma das primeiras experiências a que as crianças são expostas. Ainda nos contatos iniciais das creches, os pequenos são estimulados a comunicar-se com os seus professores e colegas.

Este estudo segue por toda a vida acadêmica, com o processo de alfabetização e, posteriormente, com a leitura e interpretação nas diversas áreas e disciplinas do conhecimento. A linguagem é aprendida pelos seres humanos e, como algo aprendido, sempre pode ser melhorado com a experiência e a troca entre os envolvidos.

Esse contato é indiscutivelmente essencial aos seres humanos, conforme vemos em Azeredo:

Qualquer pessoa minimamente informada sabe que a linguagem é um instrumento de comunicação e que ela está presente no dia a dia de cada um de nós, em cada instante de nossas vidas, servindo para a interação de dois ou mais indivíduos ou, muitas vezes, para o indivíduo “falar consigo mesmo”. “Falamos mentalmente”, falamos sozinhos, “falamos” nos sonhos etc. A função social da comunicação entre pessoas é, seguramente, a mais evidente tarefa desempenhada pela linguagem. (AZEREDO, 2010, p.17)

Entretanto, na mesma proporção em que o uso da língua é inerente à condição humana da vida em sociedade, o estudo dos processos que compõem as regras determinantes da linguagem vive uma crise histórica nos bancos escolares.

Percebe-se que, cada vez menos, os estudantes desenvolvem o interesse pela língua materna, seus processos e regramentos e menor ainda é o empenho na escrita de textos.

Lamentavelmente, esse desinteresse leva muitos estudantes a abandonar oportunidades de expressar-se, de levantar sua voz e seu saber em diversas situações da vida em sociedade, quando “a palavra” é o instrumento maior de comunicação, como afirma Freire:

Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana. E o método que lhe propicia essa aprendizagem comensura-se ao homem todo, e seus princípios fundam toda pedagogia, desde a alfabetização até os mais altos níveis do labor universitário. A educação reproduz, assim, em seu plano próprio, a estrutura dinâmica e o movimento dialético do processo histórico de produção do homem. Para o homem, produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana. A pedagogia é antropologia. (FREIRE, 2014, p.17)

Está na escola a maior oportunidade das massas de desenvolver sua competência comunicativa de forma plena, buscando assim dar voz àqueles que,

historicamente, percebem seu saber e sua história sendo diminuídos, excluídos ou desvalorizados pelas classes dominantes. Para que esta mudança tão necessária aconteça, todavia, a escola precisa reinventar muitos de seus métodos, com vistas a atender às reais necessidades dos estudantes, buscando tornar o estudo da língua algo palpável, associado às realidades dos estudantes, como vemos em Pistrak:

Voltamos, assim, ao ponto já analisado várias vezes através de outros caminhos, ou seja, à ideia de que escola deve não somente formar, mas suscitar os interesses das crianças, organizá-los, ampliá-los, formulá-los e fazer deles interesses sociais. Poderíamos mesmo formular o raciocínio da seguinte forma: a escola deve transformar os interesses individuais, as emoções das crianças, em fatos sociais, cimentando com base nisso o coletivo infantil. (PISTRAK, 2011, p.146)

A escrita de textos, a aplicabilidade do saber na escrita deveria, desta forma, fazer parte do trabalho pedagógico das escolas com uma finalidade bastante específica: dar voz e oportunidades a todos.

Entende-se que, para escrever textos, é necessário o conhecimento da língua, de seus mecanismos e conceitos. A Língua Portuguesa, se trabalhada com naturalidade, dentro daquilo que os estudantes conhecem, apreciam e, vista como necessária à vida coletiva, deixaria de ser apenas mais uma disciplina e passaria, então, a ser objeto da curiosidade. Desta forma, a busca pelo conhecimento e a transcrição deste conhecimento em texto poderia deixar de ser algo tão distante para tornar-se, finalmente, algo prazeroso.

E, por estas práticas e expectativas delegadas à escola, o que se espera de um aluno que esteja no processo de conclusão de seus estudos, na etapa final de educação básica, é que consiga ter o discernimento necessário que lhe permita escolher e expressar a sua opinião através de textos bem construídos, e que estes se amparem em conhecimentos de um acervo cultural bastante diversificado, contribuindo para a qualidade do seu trabalho e atestando o seu nível de desenvolvimento autônomo.

Não se pode deixar de citar aqui, um essencial elemento do processo de escolarização: os educadores. Quando analisamos o texto de Mészáros, o papel do professor, por vezes esquecido, vem bem representado em:

De fato, o papel dos educadores e sua correspondente responsabilidade não poderiam ser maiores. Pois, como José Martí deixou claro, a busca da cultura, no verdadeiro sentido do termo, envolve mais alto risco, por ser inseparável do objetivo fundamental da libertação. Ele insistia que “ser cultos es el único modo de ser libres”. Ele resumia de uma bela maneira a *razão de ser* da própria educação: “Educar es depositar en cada hombre toda la obra humana que le ha antecedido; es hacer a cada hombre resumen del mundo viviente

hasta el día em que vive...”. Isso é quase impossível dentro dos estreitos limites da educação formal, tal como ela está constituída em nossa época, sobre todo tipo de severas restrições. O próprio Martí percebeu que todo o processo de educar deveria ser refeito sob todos os aspectos, do começo até um fim sempre em aberto, de modo a transformar a “formidável prisão” num lugar de emancipação e de realização genuína. (MÉSZÁROS, 2008, p.58)

Os profissionais em educação, cada vez são mais pressionados pelo crescente ritmo de trabalho, acúmulo de tarefas e a necessidade de atendimento de múltiplas turmas e disciplinas. Dessa forma, nem sempre conseguem perceber as sutilezas das diversas histórias de vida dos seus estudantes e sequer conseguem prever tempo para um debate mais profundo em sala de aula sobre tais temas.

Deste modo, mais uma vez, aqueles que já são silenciados pela sociedade, não encontram, no ambiente escolar e nos seus professores, meios para expor suas vivências, o que acaba impedindo a construção das identidades e dos projetos de vida destes estudantes.

Boa parte da dificuldade em romper com os hábitos já estabelecidos e conhecidos na prática pedagógica do ensino na área das linguagem advém dos velhos hábitos da educação formal, onde a gramática normativa é vista como regra a ser ensinada, pura e sem contextualização, o que torna o processo de aprendizagem menos efetivo e nada prazeroso.

Nesta discussão, cabe uma análise mais atenta do que afirma Antunes em sua obra sobre os sentidos do trabalho, que podem facilmente, aqui, serem comparadas com as relações que se estabelecem dentro do ambiente escolar:

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, dada pela omnilateralidade humana, somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) sociais e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões. Em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo. (ANTUNES 1999 p.177)

Assim como no ambiente de trabalho, também a escola precisa deixar de ver seus estudantes apenas como meros reprodutores de conteúdo e passe a percebê-los como indivíduos que necessitam de uma formação que se sobreponha à

unilateralidade, que fuja de qualquer produção alienada. Muito pelo contrário, necessita-se como nunca de uma escola que forme cidadãos emancipados, aptos a contribuir de forma decisiva nos mais diversos campos da vida pessoal, pública, artística, de estudo e pesquisa.

A necessidade de procurar soluções para confusões existentes em textos escritos passa por uma observação crítica de textos elaborados por alunos do ensino médio. Porque eles têm como um dos objetivos escolares emancipar-se enquanto sujeitos críticos e atuantes na sociedade em que estão inseridos.

### 5.1 A GRAMÁTICA NA SALA DE AULA

Todos os professores de Língua Portuguesa, em algum momento de sua trajetória profissional, já se depararam com o dilema sobre ensinar ou não ensinar gramática aos seus alunos. A sociedade compreende e valida a necessidade do conhecimento das regras para a compreensão da língua materna e tal afirmação pode ser encontrada em textos fundamentais, como em Vygotsky:

A gramática é uma matéria que parece não ter grande utilidade prática. Ao contrário de outras matérias escolares, não dá à criança qualificações que não possuísse já. A criança já conjuga e declina quando entra para a escola e até houve quem afirmasse que o ensino da gramática podia ser dispensado. A isto só podemos retorquir que a nossa análise mostrou com toda a clareza que o estudo da gramática é de primeiríssima importância para o desenvolvimento mental da criança. (VYGOTSKY, 2001, p.100)

Compreendida apenas como conjunto de regras que prescreve estruturas na língua padrão, de fato, a gramática normativa limita-se a um guia descritivo a ser decorado, que não serve para explicar a língua. Desta forma, pouco contribui para que os estudantes compreendam o funcionamento da língua e apliquem seus saberes na interpretação e escrita de textos.

Em sala de aula, ainda são muitos os professores que optam por repassar aos estudantes o conjunto das regras estabelecidas pela gramática, mesmo sabendo que, para comunicar-se com os seus pares, os estudantes, ao ingressarem na escola, já possuem habilidade necessária, ainda que desconheçam as regras que estabelecem modos de aplicação ou classificam as palavras que compõem as frases.

Tal procedimento metodológico vem fortemente associado às estruturas nas quais os professores de Língua Portuguesa também foram formados. Somente há pouco tempo surgiram discussões mais profundas e estudos acerca da necessidade

de estudar e descobrir as regras gramaticais a partir da análise do texto e não o contrário: aprender a regra para depois estudar o texto.

Outro aspecto importante com relação ao estudo de uma gramática essencialmente normativa estaria ligado à histórica importância social que se dá àqueles que conhecem e aplicam em seu cotidiano uma linguagem erudita. Sabe-se que, desde os primórdios da colonização, a língua é um elemento importante de dominação e, desta forma, a compreensão das normas e a escrita mais elaborada e correta estaria reservada apenas aos nobres. Podemos encontrar esta realidade em Berenblum:

Esta situação fez com que o grupo de letrados fosse separando-se cada vez mais do resto da população e, ao mesmo tempo, contribuiu para consolidar uma distância progressivamente maior entre a palavra escrita e a palavra falada, reservada a primeira a uma pequena minoria. (BERENBLUM, 2003, p.47)

Esse é, sem dúvida, o aspecto mais cruel do ensino de gramática em escolas públicas. A segmentação dos estudantes em capazes ou incapazes de conhecer e aplicar os conceitos gramaticais e a consequente eliminação (através da reprovação) daqueles que são considerados inaptos.

Se considerarmos a gramática como a descrição de uma estrutura linguística de um dado momento na história de uma língua, ela jamais deveria ser motivo de exclusão de seus nativos falantes. Obviamente que o conhecimento das normativas facilita aos falantes a organização de seu pensamento e expressão dele em frases e textos escritos, mas estas habilidades não deveriam estar associadas apenas ao conhecimento de regras.

O ensino da gramática precisa ser compreendido como uma tarefa complementar aos elementos que os estudantes já trazem consigo. Se considerarmos que desde os pequenos já ingressam na escola com saberes necessários para estabelecer comunicação, passamos a respeitar a construção já efetivada pelo nosso aluno. A partir do que os alunos conhecem e das experiências que são divididas entre todos, devem então ser construídos os saberes para a língua escrita, objeto deste projeto de estudo.

Alinhada aos conceitos básicos da EPT, espera-se que o estudante que faz uso dos conhecimentos da gramática em sua vida cotidiana, obtenha sucesso em suas habilidades comunicativas de modo geral. Assim alcançaríamos o que vemos em Ciavatta:

A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos. (CIAVATTA, p.3, 2005)

Através da compreensão da estrutura da língua e da reflexão sobre a linguagem, os estudantes seriam convidados a desenvolver amplamente a competência linguística e aqui, estaria sendo aplicada, finalmente, uma gramática funcional, que traria aos estudantes a capacidade de emancipação, colaboração e participação efetiva na vida em sociedade.

## 5.2 O NECESSÁRIO TRABALHO E A VALORIZAÇÃO DO PROFESSOR

Não há como discutir qualquer mudança na educação sem a observação atenta sobre um essencial ator neste processo: o professor. Infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade que não valoriza ou sequer compreende a docência como um trabalho primordial para a evolução da sociedade.

Inúmeros são os escritos sobre a necessidade de que os professores, em todas as esferas de atuação, tenham seu valor reconhecido. Os mecanismos para este reconhecimento perpassam várias ações, como uma formação consistente, voltada à pedagogia crítica, reconhecimento do tempo utilizado por esses profissionais para preparo de suas aulas e não somente a atuação frente ao aluno como tempo de serviço, valorização salarial, reconhecimento e confiança da sociedade em seu labor.

Infelizmente, na contramão desse reconhecimento, ainda são muito verdadeiras as palavras de Arroyo, na obra *Ofício de Mestre*, quando escreve:

*“Para professora ou professor de escola qualquer um serve”*. Lembro de tempos tão próximos em que a mudança de prefeito ou governador podia significar a mudança do quadro do magistério. Os apadrinhados e apadrinhadas ocupavam as salas de aula, as diretorias e cargos de confiança. “Que diferença faz?”, se pensava, “para ensinar as primeiras letras qualquer um serve”. (ARROYO, 2002, p.189)

Enquanto os governantes, a sociedade, os estudantes e os próprios professores não entenderem que educação não se faz por qualquer um, mas sim por

profissionais devidamente habilitados e comprometidos com seu trabalho, dificilmente veremos reais mudanças na atuação em sala de aula.

Vivemos tempos nos quais grandes empresas demonstram interesse em dominar também a educação pública, inserindo, insistentemente, no ideal de educação, a preparação rápida de jovens para que esses ingressem no mercado de trabalho. Ouve-se, cada vez com maior frequência, que é necessário apenas saber ler, escrever e fazer contas para que os estudantes estejam preparados.

Aqui, de modo essencial, a figura do professor faz toda a diferença. Se a educação brasileira contar com professores bem preparados e com uma identidade profissional consolidada, a disseminação de uma educação rasa encontrará maiores barreiras para, de fato, acontecer.

Vemos a preocupação com a figura do professor em Elísia Paixão de Campos:

Nenhuma mudança se efetivará em sala de aula sem o seu decisivo apoio e sem sua intermediação. Assim, o professor deve entrar no processo primeiramente com uma grande dose de boa vontade: para aprender, para ensinar, para experimentar a mudança, para enriquecê-la com os acontecimentos da sala de aula, refazê-la se preciso ou criar novas alternativas. Mas nunca se negar a fazer, deixando de lado seu papel de professor (CAMPOS, 2014, p.21)

Muito mais do que mero repetidor, um professor consciente de sua função social, será capaz de despertar em seus estudantes a vontade de fazer diferente. Precisamos, enquanto professores, entender a educação como um processo que dialoga com os estudantes, amplia significados.

Já se conhecem as formas como os professores foram preparados para o exercício da docência até o presente momento. Muitos apenas focados na aquisição de conhecimentos concernentes à sua futura área de atuação. Futuramente, em sala de aula, provavelmente, estes professores irão apenas repetir os saberes adquiridos em sua formação. Aqui, cabe citar também os cursos de formação de professores, que precisam dedicar tempo à preparação do trabalhador-professor.

A educação brasileira precisa preparar os futuros professores para que estes entendam que possuem, sim, autonomia para discutir currículos escolares, tempos de aprendizagem e formas de avaliação de saberes entre seus estudantes e não apenas obedecer a critérios que já vem prontos e estabelecidos por programas de governo. As formações de professor que são oferecidas aos que já atuam também deveriam oferecer esta perspectiva aos docentes.

A formação dos professores mostra-se bastante voltada apenas aos educandos e seu desenvolvimento, mas apresenta-se frágil no que diz respeito aos profissionais em educação e seu fundamental papel de educar. Professoras, especialmente aquelas que trabalham com as séries fundamentais, são vistas como pessoas da família e não como profissionais. Este é um aspecto grave da educação, pois nos primeiros anos são construídos saberes que servirão de alicerce para a vida.

Não que o carinho, a proximidade, não sejam importantes para a acolhida da criança na escola, mas o professor não pode deixar de ser visto e valorizado como profissional e precisa, urgentemente, entender-se como trabalhador em educação, que vende seu tempo e seu conhecimento para a formação de outros seres humanos.

### 5.3 O PAPEL DO PROFESSOR NA SOCIEDADE - UMA PERSPECTIVA FRENTE ÀS QUESTÕES POLÍTICAS E LÓGICAS MERCADOLÓGICAS

O professor, como parte integrante da escola pública, também enfrenta todos os desafios e dificuldades a que são expostos os demais profissionais no atual cenário do mercado de trabalho.

Em função da crescente desvalorização desta categoria de profissionais, inclusive e principalmente no aspecto financeiro, há uma questão que ganha destaque ano após ano: a quantidade de horas-aula que trabalha um professor para garantir o seu sustento. Em escolas públicas, é muito comum encontrar colegas professores com mais de trinta períodos (horas) de aulas semanais, divididos entre escolas e até municípios distintos.

Considerando o exposto acima, cabe um questionamento: qual o referencial de dignidade humana que pode ser aplicado a um profissional que dedica todos os dias da semana a atender presencialmente, em três turnos diários, aos seus estudantes e, nos finais de semana, reserva seu tempo para o preparo de suas aulas e correção das avaliações?

Fica evidente que, dentro destas condições de trabalho, que ocupam quase que a totalidade de tempo de vida deste trabalhador (docente), a falta de previsão de espaços para pesquisa, elaboração de materiais pedagógicos, organização de suas atividades e avaliação, a qualidade formativa que é oferecida aos discentes ficará comprometida.

O compromisso com a qualidade do trabalho do professor e do tempo que este profissional necessita para a organização da atividade frente aos seus alunos, deveria ser preocupação primordial do Estado, como vemos em Arroyo:

O que é escola é e o que os seus profissionais são depende e muito da vontade política, dos confrontos de hegemonia nas opções políticas, mas depende muito também da herança estrutural, social, cultural onde finca suas raízes a velha estrutura do sistema escolar, a velha concepção e prática de ensino, os velhos vínculos entre ensino e mercado, a velha cultura seletiva, excludente de nossa formação social, que invadiu as escolas e, também, a cultura de seus profissionais... (ARROYO, 2002, p.196)

As escolas, seus professores, deveriam reservar tempo para o conhecimento e a discussão de problemas sociais nos quais toda a comunidade está inserida. Com o conhecimento sobre as angústias de alunos, pais, funcionários e professores, os estudantes seriam instigados a raciocinar sobre temas políticos, evitando a restrição de pensamento apenas a questões técnicas, que são apresentadas nos livros didáticos.

Entretanto, o que se percebe cada vez com maior evidência nos espaços escolares são as repetições dos discursos de mercado, que prometem eficiência e eficácia, resultados a curto prazo e capacidade competitiva, uma vez que os professores encontram-se amarrados aos currículos que lhes são impostos pelas políticas governamentais.

Podemos ver essa preocupação nas palavras de Brittes:

Nessas condições, os professores, subordinados às políticas neoliberais, não participam das escolhas do que pode ser objeto de estudo em aula, pois essas determinações já vêm expressas no currículo que foi elaborado para atender a apenas uma classe social e, na maioria das situações, seu trabalho restringe à ação de reproduzir o conteúdo do livro didático. Nesse caso, os professores assumem o cargo de funcionários assalariados do governo, executores de práticas previamente estabelecidas por organismos do Estado. Esse processo resulta na alienação do Trabalhador do processo de trabalho pela parcelarização das tarefas, além de expropriar esse profissional do produto do seu trabalho. (BRITTES, 2011, p. 34)

A escola e o currículo que são oferecidos aos alunos não podem ser vistos como uma oportunidade de lucro e, jamais, os professores devem ser formados ou entendidos dentro de um formato empresarial, no qual o processo de ensino-aprendizagem seja compreendido como compra e venda de um produto.

Para fazer com que os discentes compreendam corretamente os fenômenos sociais, o trabalho do professor demanda tempo, leitura, análise, planejamento e dedicação.

Encarada como processo mercadológico, onde o professor apenas “vende” o conhecimento ao aluno, que “compra” o saber apenas limitando-se a responder questões pré-estabelecidas por avaliações externas, converte-se uma relação pedagógica em relação comercial. E essa relação comercial pouco ou nada exige intelectualmente dos estudantes, uma vez que não os instiga a pensar, questionar e usar da criatividade.

Na contramão do entendimento de uma escola que forma pessoas e não apenas trabalhadores, assistimos cada vez com maior frequência a ingerência de políticas que levam os docentes a apenas cumprir o que lhes é determinado, seja pela falta de tempo para planejar diferente, seja pelos modelos de avaliação das escolas e dos estudantes, cada vez mais comuns nas redes de educação. Podemos perceber essa realidade nas palavras de Hypolito Moreira:

O ciclo fecha-se com o incremento de modelos de gestão adequados para a consecução dessas políticas, todos dedicados a formas regulativas do trabalho docente, do currículo e da gestão escolar. Nesse sentido, ações notadamente gerencialistas são apresentadas como solução para todos os problemas da educação pública, articuladas, como se sabe, a partir de pressupostos da eficiência, dos resultados, da avaliação e da competência. (MOREIRA,2010, p.4)

Especificamente no que toca ao presente projeto de pesquisa, pode-se citar o uso das regras gramaticais nas aulas de Língua Portuguesa. Aquele professor que, por falta de tempo, de planejamento ou mesmo de formação adequada, apenas limita seu trabalho à reprodução de normas e regras, dissociadas de um contexto, dificilmente proporcionará aos seus estudantes um conhecimento que, de fato, lhes sirva na produção de textos argumentativos.

Por outro lado, uma gramática emancipadora, compreendida a partir da análise das diversas realidades que são apresentadas pelos próprios discentes, irá não só instigá-los a aprender e aplicar os conhecimentos da língua materna como também será facilitadora nos seus processos comunicativos.

Mas, para que o docente possua liberdade suficiente no seu planejamento, aplicabilidade de conceitos e, principalmente, reconhecimento de seu trabalho, há que se construir um quadro de resistência, onde os professores não concordem com a terceirização de seus projetos pedagógicos e das gestões das escolas.

## 6 METODOLOGIA

A pesquisa realizada levou em conta certos parâmetros estabelecidos para escolher os melhores caminhos, com vistas a tornar o estudo mais organizado e efetivo, conforme podemos ver em Jacobini:

A produção do conhecimento se dá a partir da comunicação com outras pessoas da área, comunicação essa que vem em grande medida através do texto escrito. Ninguém produz um conhecimento a partir do nada: a nossa contribuição está em aplicar, aperfeiçoar, sugerir, criticar, propor, repensar algo que já foi pensado e trabalhado por outros. (JACOBINI, 2011, p.11)

A partir da realidade dos alunos do ensino médio, considerando as dificuldades e limitações em relação a produções textuais, o objetivo geral da pesquisa foi conversar com os estudantes na sala de aula, em um momento inicial e, na sequência, aplicar um questionário no Google Forms que levou os estudantes a pensar e propor a melhoria do ensino da tipologia textual dissertativo-argumentativa.

O embasamento da pesquisa e a elaboração do produto educacional sempre tem em vista desenvolver a autonomia crítica e discursiva dos discentes nas aulas de língua portuguesa dentro da instituição de ensino e fora dela.

Desenvolver algo que colabore de modo real com o ensino de produção textual, deve ir além da simples análise e aplicação de atividades que são apresentadas nos livros didáticos. Para um ensino efetivo da construção do pensamento, não basta que o estudante se detenha apenas em completar tarefas no seu cotidiano escolar, se faz necessário que os saberes tomem significado na vida dos estudantes.

Para contemplar estes objetivos, foi desenvolvida uma pesquisa com os estudantes do ensino médio, questionando, observando e descrevendo, a partir dos questionários aplicados, quais elementos que já foram estudados e/ou descritos na área de produção textual, assim como a coleta de dados acerca das principais dificuldades encontrados no desenvolvimento da escrita argumentativa

### 6.1 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa realizada tem caráter qualitativo, observando atentamente os fenômenos sociais, históricos e estruturais que envolvem a escola e os estudantes.

Toda a pesquisa atenta especialmente às questões descritivas que envolvem o objeto deste estudo.

A leitura do capítulo II, do livro Metodologias de Pesquisa em Ensino, de Marco Antônio Moreira, que trata dos métodos qualitativos em pesquisa permite o

conhecimento e análise cuidadosa dos meios que deverão ou poderão ser utilizados no trabalho, no curso de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

Da análise dos textos depreende-se que o trabalho de pesquisa precisa ser feito com bastante critério e atenção, tendo como objetivos o conhecimento da realidade, o registro adequado e concreto, a análise atenta e a aplicação de produtos educacionais que realmente venham a contribuir no campo da educação, qualificando assim o trabalho realizado pelos pesquisadores.

Uma pesquisa qualitativa visa não apenas conhecer, registrar e analisar o tema proposto, mas ainda propor soluções para as questões que forem apresentadas durante o estudo.

A presente pesquisa trata de um problema conhecido e antigo (a dificuldade na escrita de textos argumentativos), enfrentado diariamente não só pelos professores de Língua Portuguesa, mas por todos os docentes, uma vez que a escrita constitui-se ferramenta fundamental de aprendizagem.

Assim, todos os textos deste trabalho buscam ainda primar pela criticidade e reflexão nas escolas para vencer as barreiras estabelecidas e, por muitas vezes, difíceis de serem superadas pelos professores em suas práticas docentes, como vemos em Moreira:

Analogamente, os docentes, através da reflexão crítica, podem concluir que práticas antigas moldadas por hábito e tradição são inúteis ou irrelevantes nos tempos atuais; por exemplo, práticas disciplinares que funcionavam antes, hoje já não são aceitáveis ou são contraproducentes (ibid.). Quanto ao contexto, eles podem chegar à conclusão de que sua estrutura é inadequada e obstaculiza o alcance de metas educativas; por exemplo, a estrutura física da aula pode dificultar o trabalho em grupos, a interação pessoal, o ensino centrado no aluno. (MOREIRA, 2011, p.92)

Desse modo, todos os elementos observados durante a realização deste trabalho são tratados com total cuidado, critério e atenção, observando sempre que estamos tratando com sujeitos sociais e históricos, que deverão trazer diferentes saberes e histórias para registro e análise.

## 6.2 FONTE DE PESQUISA

Com relação ao grupo amostral a ser pesquisado e, buscando atender aos objetivos de uma pesquisa, torna-se necessário delimitar quais sujeitos serão considerados público-alvo do estudo. Assim, foram investigados no processo, observados, 15 estudantes do terceiro ano do ensino médio do turno vespertino do Instituto Estadual de Educação Professora Guilhermina Javorski, com a intenção de que o produto educacional elaborado seja aplicado a estes, que em breve estarão concluindo seus estudos nesta modalidade de ensino. Estes estudantes possuíam, à época da pesquisa, idades compreendidas entre 17 e 20 anos de idade. Os entrevistados residiam, a sua maioria na zona urbana do município e alguns na zona rural.

## 6.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados para a pesquisa procurou entender as dificuldades na escrita de textos de uma parcela dos estudantes do Ensino Médio no município de Jaguari - RS. Serviu como uma amostragem das dificuldades que a maioria dos alunos da rede pública de ensino apresenta ao escrever textos.

Segundo Martin Bauer e George Gaskell:

A amostragem garante eficiência na pesquisa ao fornecer uma base lógica para o estudo de apenas partes de uma população sem que se percam as informações - seja esta população uma população de objetos, animais, seres humanos, acontecimentos, ações, situações, grupos ou organizações. Como pode o estudo de uma parte fornecer um referencial seguro do todo? A chave para decifrar este enigma é a *representatividade*. (BAUER e GASKELL, 2008, p.41)

A pesquisa teve seu início com uma visita à turma de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, onde aconteceu uma conversa informal da pesquisadora com os estudantes sobre as impressões e dificuldades que os mesmos encontram na escrita de textos argumentativos - a redação.

Neste momento inicial, a pesquisadora já realizou algumas anotações, que já serviram de base para análise da segunda parte do trabalho, sendo considerada a coleta de dados por observação. Na sequência, após serem informados sobre todos os aspectos éticos da pesquisa, os sujeitos pesquisados foram convidados a responder um questionário no formato Google Forms (Apêndice E), onde puderam registrar, de forma escrita, suas impressões acerca das dificuldades que os mesmos encontram no momento da escrita de seus textos.

Constam no questionário, um total de 14 perguntas de múltipla escolha e descritivas que serviram de base para análise de dados.

Os questionários foram disponibilizados de forma virtual a todos os estudantes que concordarem em participar da pesquisa, encaminhados através de e-mail cadastrado pela pesquisadora no momento da visita à sala de aula.

A pesquisadora colocou-se à disposição para auxiliar os estudantes em eventuais dúvidas sobre o acesso ou preenchimento do questionário (sem interferência nas respostas dos alunos), sempre considerando que o mesmo guardará sigilo sobre as respostas, não sendo, em momento algum, identificados os nomes dos estudantes que responderam às questões.

#### 6.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS ÉTICOS

Participaram da pesquisa estudantes do terceiro ano do Ensino Médio que, ao serem convidados para participar da pesquisa como sujeitos do trabalho, receberam, por parte da pesquisadora, explicações sobre as condições de caráter ético. Considera-se que os sujeitos envolvidos no estudo são seres humanos, devendo, portanto, ser observadas atentamente as condutas éticas adequadas.

Aos sujeitos envolvidos na pesquisa foi garantido o anonimato, sendo preservadas ocultas as identidades em todos os momentos da pesquisa, como também na divulgação de seus resultados. A coleta das informações serviu exclusivamente para dar suporte à pesquisa científica proposta por este projeto.

Para identificação das narrativas, a pesquisadora utiliza a denominação: estudante 1, estudante 2 e assim sucessivamente.

Também foi informado aos estudantes que os mesmos têm total liberdade de optar por não participar da pesquisa, em qualquer circunstância, e que não lhes ocorrerá nenhum prejuízo se assim optarem por fazê-lo. Da pesquisa, não serão ocasionados custos ou despesas aos participantes.

Alguns riscos mínimos relacionados ao estudo poderiam ser provocados, como por exemplo: constrangimento, desconforto, cansaço ou qualquer outro sentimento proveniente das perguntas elaboradas ou do estado físico, psicológico ou emocional. Caso algum participante sentisse qualquer desconforto, poderia encerrar a participação na pesquisa a qualquer momento. É importante destacar que nenhuma proposta tinha por objetivo provocar situações de desconforto ou estresse mas, caso

elas ocorressem, o participante seria encaminhado pela pesquisadora aos órgãos competentes de saúde do município (psicólogos ou equipe de saúde) para acompanhamento especializado.

A pesquisa buscou ainda proporcionar benefícios às partes envolvidas, uma vez que, de seus resultados e análises, espera-se uma melhoria na qualidade da escrita entre os estudantes do Ensino Médio e, quem sabe, mudanças nas práticas pedagógicas em sala de aula. Estas ações têm em vista a melhoria da qualidade do ensino e da vida digna e participativa em sociedade. Cabe lembrar que a principal meta da pesquisa é ouvir os estudantes e proporcionar um espaço para que os mesmos opinem, reflitam e melhorem a sua capacidade na escrita de textos dissertativos.

Mais uma vez, considerando que a pesquisa envolve seres humanos, respeita os princípios éticos constantes nas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016. A coleta de dados iniciou somente após a submissão e aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto Federal Farroupilha. O projeto foi ainda cadastrado na Plataforma Brasil e ficou condicionado à autorização da instituição participante.

Aos estudantes que aceitaram participar da pesquisa foi entregue o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICES A e B). Este foi lavrado em duas vias, uma sendo entregue ao participante e a outra que permanece na posse da pesquisadora. Constam neste termo informações sobre a pesquisa: objetivos, metodologia, benefícios e riscos.

Também foi informado aos estudantes que os mesmos possuem a escolha de desistir da mesma a qualquer momento, como sujeitos voluntários, sem qualquer dano aos mesmos.

Aos responsáveis pelos estudantes menores de idade, também foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis Legais (TCLE) (APÊNDICE C), também em duas vias, sendo que um permanece na posse dos responsáveis e outro com a pesquisadora, para que as famílias também tenham conhecimento da pesquisa.

Os questionários digitais e dados coletados ficarão sob responsabilidade e guarda da pesquisadora, por cinco anos, conforme Resolução nº 466/2012, e Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa. A pesquisadora assinou o Termo de Confidencialidade dos dados (APÊNDICE D) que atende os aspectos éticos referentes à confidencialidade dos dados.

## 7 ANÁLISE DOS DADOS

Para a compreensão dos dados coletados, é utilizada a análise crítica do discurso (ACD), com a finalidade de encontrar o real sentido das falas dos estudantes, contemplando assim seus anseios e preocupações acerca do tema pesquisado.

Realizar a análise dos discursos pressupõe um olhar atento sobre a temática da escrita a partir do ponto de vista dos estudantes, discutindo os principais pontos apresentados nos questionários, sempre considerando o poder do discurso, como vemos em Luke:

A tarefa pendente para a análise crítica do discurso é, portanto, a de fornecer uma análise detalhada das vozes e dos textos culturais em diferentes sítios educacionais locais, enquanto tenta, teórica e empiricamente, conectá-los a um entendimento de poder e ideologia em formações e configurações sociais mais amplas. A principal unidade para a análise do discurso em uma perspectiva crítica é o texto. Os textos são vistos como ações sociais, instâncias significativas e coerentes do uso falado e escrito da linguagem. (LUKE, 2000, p.101)

Espera-se que, a partir das respostas elencadas pelos estudantes no formulário proposto e, à luz da observação atenta dos discursos, surjam hipóteses capazes de nortear a compreensão sobre os reais problemas que os estudantes enfrentam ao serem desafiados a escrever textos argumentativos.

O questionário proposto traz aos estudantes questões de múltipla escolha e também questões dissertativas. Especialmente nas questões dissertativas, podem ser observadas, nas produções textuais, a capacidade de adequação vocabular, aplicação gramatical e, indiretamente, a competência sociocomunicativa dos sujeitos investigados nesta pesquisa.

Além do conteúdo das respostas, a forma como os textos e justificativas são elaboradas pelos estudantes traz importantes informações sobre a capacidade que o grupo analisado já possui (ou não) para expressar seus conhecimentos na modalidade escrita da linguagem, bem como auxilia na construção do produto educacional, também parte deste projeto de pesquisa.

Em Wodak, encontra-se a compreensão de que a análise crítica do discurso também se ocupa da devolutiva de materiais que contribuam com a formação dos sujeitos pesquisados:

Basicamente, a noção de 'crítica' significa distanciar-se dos dados, situar os dados no social, adotar uma posição política de forma explícita, e focalizar a auto-reflexão, como compete a estudiosos que estão fazendo pesquisa. Para todos os que estão envolvidos com a ACD, a aplicação dos resultados é extremamente importante, seja em seminários práticos para professores,

médicos ou funcionários públicos, ou na produção de pareceres técnicos, ou no desenvolvimento de livros didáticos. (WODAK, 2010, p. 234)

Assim, analisando criticamente os discursos apresentados pelos estudantes na proposta do questionário, são tratados os dados coletados na pesquisa.

## 7.1 OS DISCURSOS DOS ESTUDANTES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA

A primeira pergunta presente no questionário fornecido aos estudantes trazia a seguinte pergunta: “Você considera a escrita uma habilidade importante? Justifique.”

Dentre os 15 questionários respondidos, todos os estudantes responderam sim. Assim, há uma referência à necessidade da escrita para a vida dos estudantes a partir da perspectiva dos próprios entrevistados.

Considerando que a leitura e a escrita são saberes que construímos na interação com os outros sujeitos e que, quanto mais apurados esses saberes são, melhores também serão as interações com o mundo, pode-se afirmar que, tendo todos os questionários respostas assertivas sobre a importância da escrita, os estudantes pesquisados já internalizaram que é através da palavra que os homens descrevem seu mundo, suas preocupações, as vivências e repassam o saber através das gerações.

Este é um aspecto bastante positivo acerca da necessidade de que as redes de ensino, gestores e professores reforcem as atividades que desenvolvam esta habilidade em seus planejamentos didáticos, visto que os próprios estudantes compreendem esta necessidade para a sua inserção na vida em sociedade.

Entretanto, as formas de escrita registradas no questionário destoam um pouco da correção gramatical e ortográfica. Estudantes concluintes do ensino médio deveriam apresentar escrita com correção gramatical adequada, atentando para aspectos como a acentuação e pontuação.

Mesmo reconhecendo a importância da escrita, alguns dos estudantes questionados não demonstraram preocupação com questões formais da língua, como ortografia ou sintaxe, visto que responderam às questões sem se observar o registro da letra maiúscula, pontuação ou ortografia, como vemos na figura a seguir:

Figura 1 - Escrita dissociada de questões gramaticais

sim,por que esta relacionada com nosso cotidiano

Sim, e' a base que nos faz ter experiencia para uma vida social que nos fara ser bons em trabalhos.

sim, a escrita faz parte do nosso dia a dia , do nosso futuro

sim.porque e importante para ver como sua escrita como sua letra .

sim, pois ajuda na redação, e em outros aspectos como a dicertação a fala entre outras maneiras de se falar e escrever

Sim. Para podermos saber oque as pessoas escreve para definir a fala delas , aprender conhecimento

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Baseando-se nas respostas apresentadas, duas hipóteses fundamentais precisam ser levantadas. A primeira diz respeito a uma possível despreocupação com o registro das respostas, visto que se tratava de um questionário que não coletava nomes, bem como não pontuava para as atividades escolares dos estudantes.

Entretanto, a segunda hipótese trata de uma questão bem mais preocupante. Considerando que a língua culta e o regramento gramatical ainda são muito cobrados para acesso e permanência no meio acadêmico e até mesmo na vida profissional, possivelmente, estudantes com esse padrão de escrita seriam excluídos no acesso à cursos superiores de maior concorrência e prestígio ou de processos seletivos com vistas ao ingresso no mercado de trabalho.

Para justificar a preocupação presente na segunda hipótese, vejamos as palavras de João Wanderlei Geraldi:

O retorno ao ensino da gramática pode produzir a tranquilidade de consciência que o paradoxo do ensino baseado em textos coloca para a escola e a sociedade. Definidas as normas do dizer e definidos os conceitos com que descrever a língua (ou os gêneros discursivos) há um objeto a ser transmitido ou ensinado, em seu sentido tradicional.[...], porque é em nome de outras coisas que se pede o ensino da gramática: correção, competência, competitividade, produtividade e eficiência e, por fim, acesso aos bens culturais. (GERALDI, 2015, p. 116)

O ensino da gramática em sala de aula, sempre considerada em sua forma prática, útil e não apenas como conjunto de normas na base da formação dos estudantes, poderia ter evitado que tais incorreções, como as registradas nas respostas acima, tivessem acontecido.

Ainda analisando a primeira questão colocada aos estudantes, curiosamente, uma das respostas apresenta preocupação com a caligrafia<sup>1</sup>, ao registrar em sua resposta a seguinte afirmação: “é importante para ver como sua escrita como sua letra”.

Esta preocupação possivelmente remete aos primeiros anos de alfabetização, quando os professores apresentam uma constante priorização no desenvolvimento do traçado das letras, das formas que são apresentadas pelas crianças na aprendizagem das primeiras letras.

Nota-se nesta resposta, com clareza, o quanto são importantes, para os estudantes, os discursos que são internalizados desde o ingresso nas redes escolares. Ainda efetivando uma análise de discurso, cabem aqui as palavras de Luke:

[...] as instituições sociais como escolas e universidades são constituídas por e através de discursos, que engendram o denso tecido de textos falados, escritos e simbólicos das burocracias institucionais (isto é, políticas, documentos curriculares, formulários) e seus ubíquos encontros face a face (isto é, interações, em sala de aula, conversas informais) (LUKE, 2000, p. 97).

É bastante provável que este estudante tenha ouvido, por diversas vezes, que se a sua letra fosse feia, sem belos traços, ele não seria aprovado ou de alguma forma, teria seu trabalho desmerecido.

Para além de uma questão simplesmente estética, esse estudante poderia, em sua resposta, ter observado outras questões sobre a necessidade do desenvolvimento das habilidades de escrita, como a inserção na sociedade, a perpetuação dos saberes, o poder da escrita de dar voz aos menos favorecidos. Entretanto percebe-se, pelo seu discurso, a necessidade de atender a um anseio de caráter hegemônico, onde quem não escreve “bonito” não tem sua verdade valorizada.

A segunda questão apresentada aos estudantes remetia mais especificamente à leitura, trazendo à luz a relação entre leitura e capacidade de escrita, segundo o entendimento dos pesquisados.

O ato de ler é um importante exercício para que mantenhamos nosso cérebro em constante movimento de aprendizagem. Através da leitura, somos capazes de conhecer o mundo, compreendê-lo e, conseqüentemente, nos inserimos nele de maneira ativa.

---

<sup>1</sup> ca.li.gra.fia s.f. 1. arte de traçar as letras com perfeição; 2. modo de escrever. Segundo o Minidicionário da Língua Portuguesa - Soares Amora.

Através da leitura, os seres humanos tornam-se capazes de se desvincular do senso comum, desenvolver autonomia intelectual, de todas as formas emancipam-se através de um posicionamento fundamentado e crítico.

Considerando a leitura e a interpretação do mundo como uma importante fonte de transformação, de reinvenção e de interação, nota-se o poder da leitura para também promover a humanidade e a dignidade àqueles a quem a sociedade, de alguma forma, nega estes direitos.

Conforme Rezende:

Na leitura, o ser humano procura apreender a pluralidade, na parte que é também um todo, através do texto, que é também contexto. Dessa maneira, ele faz-se no mundo. Um mundo de mudanças, onde o homem se reinterpreta, continuamente. Ao mudar-se, muda o mundo. Ao ler o mundo, o homem muda-se (REZENDE, 2002, p. 33).

Torna-se claro que, através do acesso à leitura e à escrita, estaremos proporcionando aos estudantes formas de fuga da alienação e da dominação das classes favorecidas.

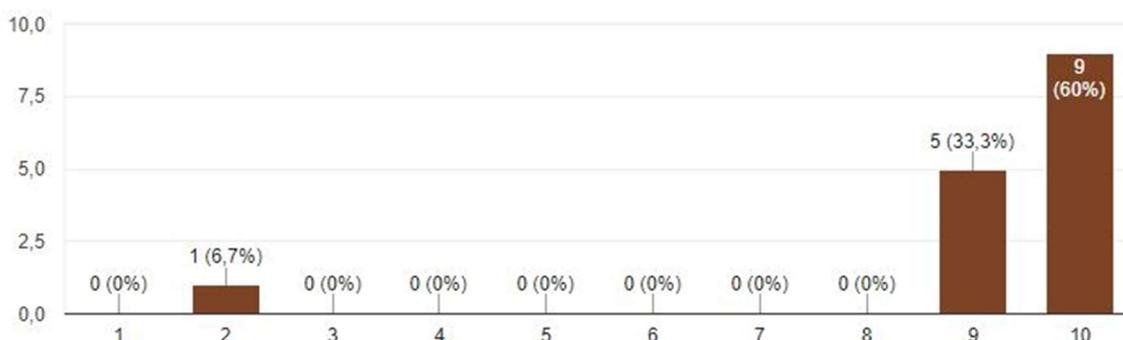
Desse modo e, considerando a importância fundamental da leitura, muito além de uma atividade mecânica, mas como uma ferramenta para interpretar o mundo que nos cerca, os estudantes pesquisados foram questionados sobre os seus hábitos de leitura ao longo da semana:

Para este questionamento, os estudantes apresentaram a seguinte resposta:

Figura 2 - A relação entre escrita e leitura, segundo os pesquisados

2. Você acredita que a leitura e a escrita estão relacionadas? Em uma escala de 1 a 10, o quanto você considera essa relação?

15 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na análise desta questão, 1 dos estudantes entende que há pouca relação entre escrita e leitura, marcando a opção 2. Em contrapartida, a maioria dos estudantes entende que existe uma relação muito estreita entre estas duas

habilidades, visto que 5 estudantes marcaram a opção 9 e outros 9 estudantes marcaram a opção 10, evidenciando uma total ligação entre as competências.

É bastante comum no ambiente escolar que os professores das diversas áreas do conhecimento façam uma cobrança ativa sobre os professores de língua portuguesa acerca do desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos estudantes.

Da mesma forma, é comum ouvir no ambiente escolar que determinado estudante “possui facilidade para escrever”. Entretanto, para aqueles que observam com maior atenção as rotinas dos estudantes, evidencia-se que, comumente, bons escritores são, antes, assíduos leitores.

O desenvolvimento da escrita vem intimamente atrelado à leitura dos mais diversos textos e da capacidade de interpretação, de interação com o mundo que os sujeitos são capazes de desenvolver.

Quando se fala em leitura, precisa-se entender que, atualmente, estudantes e professores estão inseridos em uma realidade que não apenas oferece leituras nos livros, mas também nos computadores, celulares, na vivência com outros seres proporcionada pelas atividades cotidianas. Cabe aos sujeitos um exercício de intertextualidade, analisando com critério quais leituras são convenientes, construtivas e capazes de proporcionar enriquecimento de saber e interação. Os escritores precisam ser desafiados a observar, interpretar, posicionar-se e, posteriormente, registrar suas impressões de maneira escrita.

Em textos dissertativos, os estudantes são desafiados a registrar seus argumentos com fundamentação teórica. Para isso, a leitura é fundamental, como vemos nas palavras de Mário Osório Marques, em *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*:

E uma conclusão se impõe, de ordem prática: importa escrever para buscar o que ler; importa ler para reescrever o que se escreveu e o que se leu. Antes o escrever, depois o ler para o reescrever. Isso é procurar; é aprender: atos em que o homem se recria de contínuo, sem se repetir. Isso é pesquisar. (MARQUES, 2006, p. 92)

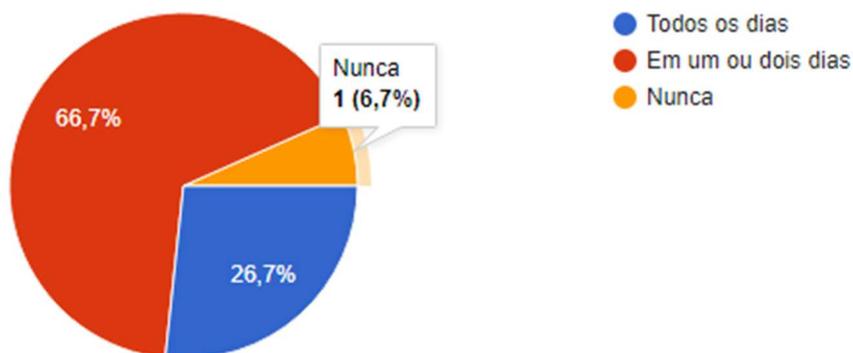
Complementando a necessidade da leitura para o desenvolvimento da escrita, a pergunta na sequência questionava os estudantes sobre a frequência de leitura de cada um deles.

A figura a seguir traz, representada através de um gráfico, as respostas marcadas pelos estudantes.

Figura 3 - Frequência de leitura ao longo da semana

2.1 Com que frequência você realiza leituras (sem considerar as redes sociais) ao longo da semana?

15 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Estabelecendo-se uma comparação entre a pergunta 02, onde a absoluta maioria destaca que leitura e escrita são importantes, em contrapartida, ao responder a questão 2.1, os estudantes demonstram que a frequência com que se dedicam à leitura é bem abaixo do que se espera.

Nesta questão, 01 estudante respondeu que nunca realiza leituras, 10 estudantes (66,7%) declaram que apenas em um ou dois dias ao longo da semana e apenas 04 declaram que realizam leituras todos os dias.

Há que se destacar um ponto importante aqui. A pergunta trazia em si um aspecto singular: sem considerar as redes sociais. Este elemento foi aqui colocado de maneira estratégica, tendo em vista que, atualmente, a maioria dos jovens faz uso de smartphones conectados à internet e que, se considerados como leituras, os frequentes acessos às redes sociais os caracterizariam como leitores assíduos.

Convém dizer ainda que não se trata, de maneira alguma, de excluir da pesquisa, a leitura nas redes sociais. Compreende-se a sua enorme capacidade comunicativa e de interação (características próprias da linguagem). A intenção, ao acrescentar este trecho à questão, era de provocar os estudantes a pensar sobre os tipos de leituras a que eles estão tendo acesso.

Percebe-se que a maioria dos estudantes não considerou como leitura os textos que os professores das disciplinas das outras áreas do conhecimento proporcionam diariamente em sala de aula.

Caso os estudantes tivessem considerado que textos trabalhados em aulas de Filosofia, Biologia e Matemática, por exemplo, são fontes de leitura, todos teriam marcado que realizam leituras diariamente, considerando que, ao responder o questionário estavam todos em período letivo, com aulas presenciais de segunda a sexta-feira.

Retoma-se aqui a busca pela importância da construção do conceito de leitura. Para melhor explicar a necessidade da compreensão do mundo de maneira crítica e consciente, convém observar as palavras de Freire: “ler é aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (FREIRE, 2001, p.8).

## 7.2 A INTERTEXTUALIDADE NAS FALAS DOS PESQUISADOS

As análises aqui apresentadas consistem em um estudo sobre a íntima relação que se estabelece entre as competências de leitura e de escrita. Traz como aporte teórico dois importantes conceitos: discurso e intertextualidade.

Para trazermos as falas dos estudantes para análise precisamos, antes, compreender estes conceitos em sua plenitude. Em primeiro lugar, atentemos para as palavras de Azeredo:

A prática da comunicação linguística oral ou escrita constitui o que chamamos de discurso (substantivo derivado do verbo discorrer, que significa “desenvolver um assunto por meio de palavras”). O discurso é necessariamente um acontecimento protagonizado por um enunciador e um ou mais destinatários numa dada situação, que inclui o momento histórico e o espaço social. Através do discurso as pessoas produzem textos, que podem tomar a forma tanto de frases unitárias (“Ai!”, “Alô!”, “Epa!”, “Pare!”, “Sensacional!”), quanto de uma sequência de palavras integradas em um todo dotado de sentido (uma fábula, um poema, uma reportagem etc.). (AZEREDO, 2010, p.20)

Pode-se perceber que, para que a prática comunicativa de fato aconteça, são necessários diversos elementos, dentre eles destacamos: o enunciador, o destinatário, momento histórico, espaço social e, especialmente, aquilo que se quer comunicar.

Para que as palavras sejam decodificadas pelo receptor, é necessário que este tenha desenvolvido em si a competência de conhecimento da língua, e, principalmente, que ele esteja disposto a “conversar” com os textos, concordando, discordando ou reelaborando os escritos, de modo que eles se ajustem ao seu pensamento.

Assim, sugere-se que a leitura não será um ato de mera aceitação, mas sim um movimento interação, interpretação e reelaboração de informações, com a finalidade de interagir com o mundo. O leitor deixa de ser um mero espectador daquilo que lê e se torna parte do processo de leitura no momento em que o escrito passa a ressignificar sua postura, suas atitudes e sua visão do mundo.

Dessa interação, a reflexão e a reelaboração dos saberes devem ser a base para a construção individual do aprendizado, uma vez que aquilo que já se sabe interage com novos conhecimentos, transmutando-se.

A partir desta relação, elencamos o segundo conceito: a intertextualidade, aqui exposto através das palavras de Norman Fairclough, em *Discurso e Mudança Social*:

A relação entre intertextualidade e hegemonia é importante. O conceito de intertextualidade aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes (gêneros, discursos) para gerar novos textos. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135)

Tudo o que escrevemos faz parte daquilo que já conhecemos do mundo. A intertextualidade pode ocorrer de forma explícita, quando aquilo que está escrito é facilmente relacionado ao que lemos ou implícita, quando ocorre de modo mais sutil. De qualquer modo, não deixa de atender ao seu conceito original, a geração de novos textos a partir de escritos já existentes.

Observando todas estas articulações é que se faz necessária a intensificação das propostas de leitura na formação dos estudantes e também de como eles próprios percebem a sua capacidade de leitura, antes de passarmos à análise da sua competência de escrita.

A terceira questão proposta no questionário aos estudantes, trazia a seguinte pergunta: *Você considera que entende com facilidade o que os outros escrevem? Em quais situações é mais fácil entender o que está escrito?*

Para este questionamento, 10 estudantes responderam que sim, entendem com facilidade o que os outros escrevem. Abaixo os registros das respostas:

**Estudante 1:** *Sim, consigo compreender, algumas vezes é necessário ler várias vezes para interpretar de forma correta.*

**Estudante 2:** *Sim, em situações em que o escritor utiliza de um modo mais informal para se comunicar durante a escrita.*

**Estudante 3:** *sim, quando esta escrita na em linguagem informal*

**Estudante 4:** *sim .e indo vendo interpretando que que escreveu.*

**Estudante 5:** *sim, depende do modo da escrita*

**Estudante 6:** *sim, em algumas situações onde a senha é ilegível*

**Estudante 7:** *Sim, em situações de textos com clareza.*

**Estudante 8:** *Sim. Em situações de textos com clareza.*

**Estudante 9:** *Sim, com clareza sem abreviação*

**Estudante 10:** *Sim. sem abreviações e escrito com clareza*

O estudante 1, em sua resposta, declara que “*algumas vezes é necessário ler várias vezes*”, revelando preocupação com o que considera a interpretação correta do discurso lido. Para realizar a decodificação de um texto, o leitor precisa efetivar um conjunto de operações enquanto lê, tais como observar, relacionar, concluir e comparar. Todas estas ações demandam muita atenção e este é um desafio imposto aos estudantes nos dias atuais. Tantas são as distrações oferecidas na vida moderna que se torna bastante difícil o exercício de concentração necessário para uma leitura efetiva.

Na análise das respostas dos estudantes 2 e 3, surge outra questão interessante. Ambas destacam que a leitura é facilitada quando se encontra em linguagem informal.

Os conceitos de linguagem formal e informal são trabalhados na escola, com a finalidade de que os estudantes possuam habilidades necessárias para adequar sua capacidade comunicativa à situação em que se encontram. Da mesma forma, espera-se que sejam capazes de adequar sua forma de escrita às diferentes situações.

Os estudantes compreendem que a escrita formal deve atender a todo um conjunto de normas que confere seriedade e distanciamento. Já a linguagem informal não se detém de maneira tão apurada às regras, mas se ocupa de transmitir a mensagem. Tanto que, na escrita informal são aceitas as abreviações, gírias, coloquialismos e até mesmo os emojis<sup>2</sup>, potencializados pelo crescente uso dos celulares conectados às redes sociais por meio da Internet.

Aqui, possivelmente, os pesquisados apontam que a leitura é mais agradável, próxima e até mesmo compreensível em situações externas aos ambientes formais, tal qual a escola. Provavelmente, referem-se às mídias, redes sociais ou outros locais

---

<sup>2</sup> Emojis e emoticons são representações gráficas usadas em conversas online, nas redes sociais e em aplicativos como o WhatsApp. O termo é de origem japonesa, composto pela junção dos elementos (imagem) e moji (letra). Além de adicionar significado e emoção às nossas palavras, podem substituir efetivamente mensagens curtas.

Fonte: <https://www.dicionariopopular.com/significado-dos-emoticons-emojis/>

de leitura, onde as convenções gramaticais não são exigidas para a habilidade da escrita.

Baseamos esta análise no conceito de Luke:

Todos os textos consistem em um jogo dinâmico de “diferença”, que os torna necessariamente polissêmico: significados múltiplos e potencialmente idiossincráticos podem ser gerados por leitores em contextos sociais particulares. Os traços distintivos e as diferenças de cada texto são então reconstruídos e reconstituídos em “leituras” distintas em “sítios institucionais locais”. (LUKE, 2000, p.97)

Considerando que os jovens são, por natureza, questionadores, inquietos e curiosos, é natural que a linguagem muito ligada às regras e padrões lhes pareça distante. O contexto social no qual os jovens encontram-se hoje inseridos proporciona que as leituras nas redes sejam rapidamente assimiladas, enquanto a leitura proporcionada em ambientes formais seria, então, mais difícil para este público.

A resposta apresentada pelo estudante 4, remete ao processo de leitura, uma vez que o mesmo declara que “*e indo vendo interpretando que que escreveu*”. Ainda que apresente algumas incorreções na escrita, percebe-se um movimento de interação com o discurso, nas palavras “indo”, “vendo” e “interpretando”.

Já o estudante 5, registra em sua resposta o “modo de escrita”, também deixando claro que entende mas, que a depender da forma como o texto foi escrito pelo interlocutor. Em todas as respostas até aqui registradas, percebe-se que os estudantes são expostos a tipos textuais diversos, uma vez que descrevem diferenças entre eles.

O estudante 6, em sua resposta, traz o seguinte trecho: “*situações onde a senha é ilegível*”. É bastante provável que esteja se referindo à letra quando escreve “senha”. Esta questão já foi discutida nas primeiras perguntas do questionário e parece estar sempre presente na abordagem sobre a escrita neste grupo pesquisado. Entre as respostas negativas ou aquelas que estabelecem alguma barreira para o entendimento, descritas a seguir, a caligrafia foi novamente elencada.

Os quatro últimos estudantes que responderam sim, trouxeram em suas respostas a necessidade de clareza para entendimento dos textos lidos. O princípio de clareza em um texto remete aos conceitos de coerência e coesão, como vemos nos Fundamentos da Gramática de Português, de José Carlos de Azeredo:

Uma sequência de frases só pode formar um texto se elas estiverem articuladas de forma coerente e coesa. Coerência e coesão são aspectos de um mesmo princípio organizador — a integração — graças ao qual a sequência de frases integrantes do texto se distribui e se estrutura como uma combinação aceitável/possível/plausível de conteúdos. Se esse princípio é

infringido, cria-se uma combinação incoerente de conteúdos[...] (AZEREDO, 2010, p.27)

Ainda, para que um texto seja claro e sua leitura facilitada, a utilização da ordem direta nas orações, a adequação vocabular e boa pontuação são necessários.

Também neste grupo final de respostas afirmativas, em duas respostas há a referência ao uso de abreviações. Contrariando colegas que responderam que uma linguagem informal facilitaria a compreensão, dois estudantes registram que utilizando a linguagem formal compreendem melhor aquilo que leem.

Quatro estudantes, aqui representados pelos números 11, 12, 13 e 14, declaram que, para compreender o que leem, dependem de alguns fatores, como veremos a seguir:

**Estudante 11:** *Depende a letra do individuo*

**Estudante 12:** *Nem sempre , mas na maioria das vezes consigo*

**Estudante 13:** *Depende do modo que é escrito e da concordância do texto.*

**Estudante 14:** *as vezes eu entendo ,quando esta escrito na forma normal de se falar*

Observando mais atentamente cada uma das respostas, podemos notar que estes estudantes citam conhecimentos prévios das aulas de Língua Portuguesa. A primeira deste grupo de respostas, novamente, aponta a caligrafia, quando o pesquisado aponta que consegue lê, mas “depende a letra”. Percebe-se que ele considera a leitura de textos manuscritos.

O estudante 13, em sua resposta apresenta a concordância e o modo como o texto é escrito como barreiras para a sua compreensão. E, na sequência, o estudante 14 traz uma maneira interessante de condicionar sua capacidade de interpretação à “forma normal de se falar”. Supostamente, esse estudante também se refere à ordem direta das orações e à adequação vocabular ao seu conhecimento de mundo, pois palavras que não fazem parte da sua forma de falar, seriam, portanto, dificultadoras da compreensão do texto.

Um estudante pesquisado respondeu que não consegue compreender o que lê, mas, na sequência, condicionou a compreensão à pontuação das frases, como vemos a seguir.

**Estudante 15:** *Não, fica mais fácil entender quando as frases ou textos estão bem pontuadas.*

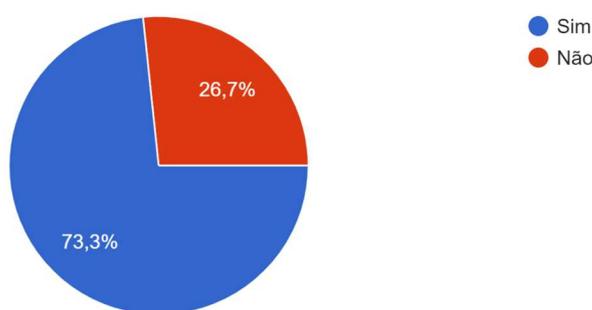
Ainda no campo da intertextualidade, observando a necessidade de

conhecimento e da interpretação de outros textos e contextos para a produção textual, a quarta questão apresentada aos estudantes, trazia o seguinte questionamento: “Você consegue associar seus pensamentos e suas referências (de mundo) ao que pretende escrever na redação?” A maioria dos estudantes, 11, responderam sim. Entretanto, 04 estudantes responderam não, como vemos no gráfico a seguir:

Figura 4 - Pensamentos e referências ao que se pretende escrever

4. Você consegue associar seus pensamentos e suas referências (de mundo) ao que pretende escrever na redação?

15 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para melhor analisar as respostas dos estudantes, a questão seguinte, 4.1, questionava por que os estudantes conseguiam ou não associar seus conhecimentos à escrita. Abaixo, para as quatro respostas não, foram registradas as seguintes descritivas:

**Estudante 1:** *por é mais difícil escrever o que se pensa*

**Estudante 2:** *não consigo juntar as duas ideias umas com as outras*

**Estudante 3:** *Depende a situação*

**Estudante 4:** *Nem sempre*

Observando com mais atenção a escrita do estudante 1, evidencia-se um comentário comum entre os estudantes quando questionados sobre a escrita: pensar e falar são mais fáceis do que escrever.

Em sala de aula, nas conversas mediadas pelo professor sobre os mais diversos temas, a maioria dos estudantes demonstra domínio sobre quaisquer temas. Opinam, concordam, discordam dos colegas, trazem argumentos e referências do seu mundo e das leituras que já possuem. Entretanto, no momento da escrita, estes mesmos sujeitos alegam que não conseguem expressar aquilo que pensam ou

sabem.

Obviamente que, na fala, usamos de outros elementos para nossa comunicação, tais como o tom da voz, os gestos, as expressões corporais e faciais. Estando em grupo, apoiamos ainda nossa argumentação na concordância expressa entre aqueles que comungam do mesmo pensamento ou até reforçamos nossa convicção quando contrariados por outros. O pensamento é amplamente explorado, considerando que, mesmo na atividade de escuta, estamos elaborando nossas convicções, aceitando ou não os argumentos que estamos ouvindo e, também, preparando nossa argumentação para basear nossa resposta.

Na escrita, embora aconteça um processo muito semelhante à fala, quanto à elaboração do pensamento, há uma responsabilidade diferente. Mesmo aquela redação solicitada pelo professor acerca de determinado tema e escrita em sala de aula, assim que entregue, será lida e analisada por alguém e, na ausência do diálogo, a necessidade de clareza no que se escreve, é fundamental. Talvez seja essa uma das barreiras para que os estudantes simplesmente escrevam aquilo que pensam.

O ato de escrever é descrito por Mário Osório Marques em *Escrever é Preciso*, o Princípio da Pesquisa, da seguinte maneira:

Mas, fiquemos no ato de escrever. É isso que importa agora. Importa o fato de que, ao escrever, estou sob a mirada de muitas leituras. Acho-me numa interlocução de muitas vozes que me agitam, conduzem, animam, perturbam. É isso que faz de meu escrever uma interlocução de muitas vozes, uma amplificação de perspectivas, abertura de novos horizontes, construção de saberes novos:  
Construção de novos saberes, a partir de saberes anteriores; na verdade, uma reconstrução deles, no sentido de desmontagem e recuperação de modo novo. Os saberes de cada interlocutor - confidentes, leitores, autores convocados com suas obras, sujeitos de práticas sociais a quem ouvi, entrevistei, interpelei - e os meus saberes se fundem e se transformam, reformulam-se. De maneira muito especial, meus saberes anteriores se configuram agora outros. A isso chamamos de aprendizagem. (MARQUES, 2006, p.23)

À luz do entendimento da intertextualidade acima descrito, podemos também perceber a preocupação do estudante 2, que declara não conseguir juntar as ideias umas com as outras. Aqui percebe-se, talvez, uma dificuldade de reformulação do pensamento, da transformação dos saberes prévios em outros saberes, baseados em novas informações.

Comumente, e até mesmo na proposta de redação no ENEM, antes da escrita, os candidatos são apresentados ao tema a ser desenvolvido por meio de textos - novas informações. Em sala de aula, ao solicitar a tarefa de escrever um texto

dissertativo, ideal seria que, previamente, o tema fosse apresentado, pesquisado e debatido para que, depois, a escrita ocorresse apenas como forma de registro. O texto escrito é, desse modo, resultado de reelaboração e acomodação de conhecimentos, ou seja, a aprendizagem em si.

Atentemos ao seguinte grupo de 08 respostas sim e suas análises descritivas:

**Estudante 5:** *Geralmente tudo que a gente vive permanece na memória e assim fica mais expresso o que escrever.*

**Estudante 6:** *sim. as referencias do mundo é o que nos da inspiração para fazer uma redação perfeita.*

**Estudante 7:** *Porque uso os fatos e dados cotidianos para promover um desenvolvimento na minha redação.*

**Estudante 8:** *Pois irei utilizar do meu repertório de conhecimentos e aprendizagem em meu texto.*

**Estudante 9:** *Por que e' o basico para uma redação de bom desenvolvimento*

**Estudante 10:** *Dependendo do assunto tratado na redação ele faz parte do nosso cotidiano e fazemos referências conhecidas.*

**Estudante 11:** *pois tenho facilidade em expresssar o que penso, e em associar informação*

**Estudante 12:** *Porque tenho facilidade em expressar meus pensamentos quando escrevo.*

De maneira bastante natural, este grupo de estudantes revela facilidade para expressar seus conhecimentos de maneira escrita. Destacam-se aqui as referências ao repertório, ao conhecimento de mundo, ao pensamento, ao cotidiano e às situações já vividas.

A educação básica e profissionalizante precisa dar voz e valorizar esses saberes e leituras de mundo de forma mais consciente, quebrando desse modo com os padrões hegemônicos hoje existentes nos diversos setores da sociedade em que vivemos. Os estudantes devem acreditar que o seu saber já construído, suas histórias de vida e suas opiniões também possuem importância, merecendo, portanto, serem registradas de maneira escrita.

Podemos ver a necessidade do desenvolvimento desta competência em Geraldi:

[...] é abrindo os espaços fechados da escola para que nele ele possa dizer a sua palavra, o seu mundo, que mais facilmente se poderá percorrer o caminho, não pela destruição de sua linguagem, para que surja a linguagem

da escola, mas pelo respeito à essas mensagens, a seu falante e ao seu mundo, conscientes de que também aqui, na linguagem se revelam as diferentes classes sociais. É desenvolvendo o direito à palavra - e na nossa sociedade isto inclui a direito à palavra escrita - que talvez possamos um dia ler a história contida, e não contada, da grande maioria que hoje ocupa os bancos das escolas públicas. (GERALDI, 2014, p. 131)

Complementando o argumento de Geraldi, um dos estudantes pesquisados, que também respondeu sim para a capacidade de relacionar conhecimentos e escrita, surge a preocupação com o conhecimento gramatical, na seguinte afirmação:

**Estudante 13:** *Sim, as vezes o que se torna mais difícil é conseguir dar coerência e achar os conectivos certos, mas consigo associar minhas ideias nas redações.*

Quando relata que encontra dificuldade em dar coerência ao texto e encontrar os conectivos adequados, este estudante possivelmente revela sua preocupação com questões gramaticais e da língua normativa, embora revele, que, mesmo assim, consegue associar suas ideias à escrita.

As duas últimas respostas deste grupo, mais simples, apenas declaram que:

**Estudante 14:** *vou associando as palavras.*

**Estudante 15:** *Porque sim*

Diante do exposto até aqui, assume-se que as competências de leitura e de escrita precisam, urgente e amplamente, serem desenvolvidas nas atividades pedagógicas, nas diversas disciplinas da educação básica.

A partir da leitura, como fonte de libertação dos sujeitos, que deverá proporcionar aos estudantes meios diversos para a desacomodação e da alienação, acontece a reelaboração do pensamento, o conhecimento de novos conceitos e a concretização do aprendizado. Há sempre que se considerar que a leitura precisa ser entendida como elemento de interação, onde o leitor “conversa” com o texto lido, concordando, discordando e, principalmente, agregando conhecimento à sua existência.

Através da escrita, acontece o registro desse saber, com vistas ao empoderamento dos estudantes. Através da ressignificação da escrita, a escola e a formação básica poderão assegurar que os jovens não estarão escrevendo para ninguém, mas que estão, de fato, registrando seu modo de ver e pensar o mundo.

### 7.3 A ESTRUTURA DO TEXTO ARGUMENTATIVO - OS DESAFIOS DA ESCRITA

Para escrever um texto dissertativo é necessário que o estudante, antes de iniciar o processo efetivo da escrita, realize um amplo processo de organização de pensamento. Para que seu texto venha corretamente dividido nas partes consideradas essenciais neste tipo de produção (introdução - desenvolvimento - conclusão), é necessária uma delicada organização e seleção de elementos.

Por se tratar de uma tipologia textual que envolve interlocução, o texto dissertativo precisa evidenciar o domínio do escritor sobre o tema a que ele se dispõe a escrever. Para isso, é necessário que a escrita comprove, por meio de provas, exemplos, citações de autoridades sobre o assunto, lógica ou senso comum, que quem escreve conhece o tema. Estabelecemos assim a definição sobre determinado assunto, que não pode ser tangente. O texto precisa ser consistente e amplo, com a finalidade de prender a atenção do leitor sobre a argumentação que deverá ser feita na sequência.

A escrita dissertativa é bastante complexa porque envolve não apenas o conhecimento sobre determinado assunto ou tema, mas exige que o autor convença o leitor de que as suas ideias são plausíveis e que tenha capacidade de defender, baseado em argumentos, o seu ponto de vista. Para que este objetivo seja atingido, o escritor deverá, simultaneamente, selecionar, organizar, relacionar e interpretar diversas informações na construção das orações e dos parágrafos que constituirão cada uma das partes do texto.

Convém, dentro deste contexto, uma breve pausa para considerarmos que o texto dissertativo utiliza-se do padrão culto da língua. Oportunizar este conhecimento aos estudantes deve, sempre, ser uma forma de superação das desigualdades sociais e não uma forma de acentuá-la, como vemos em Geraldi:

[...] me parece que cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, seu grupo social, etc. Isso porque é preciso romper com o bloqueio de acesso ao poder, e a linguagem é um de seus caminhos. Se ela serve para bloquear - e disso ninguém duvida -, também serve para romper o bloqueio. (GERALDI, 2014, p. 44)

A escrita dentro do padrão formal da língua precisa ser encarada como uma forma de acesso e oportunizar este conhecimento aos estudantes da formação básica e profissionalizante servirá como importante ferramenta para modificação das estruturas sociais vigentes. A cada dia torna-se mais necessário que as classes

populares dominem a variedade linguística socialmente privilegiada para, também através deste meio, buscar a superação de desigualdades sociais.

Para que todos os elementos de um texto dissertativo sejam contemplados, espera-se que o estudante faça uso dos diversos saberes adquiridos nas áreas do conhecimento. É, por isso, tão importante que os estudantes compreendam que quaisquer leituras contribuem para o desenvolvimento da capacidade escrita. Exemplificando: saberes da área das humanas podem ser amplamente explorados para justificar posicionamentos, dependendo do tema a ser desenvolvido. O mesmo acontece com os saberes trabalhados nas áreas das ciências exatas ou da natureza, basta que os estudantes percebam que a escrita é, na verdade, o registro daquilo que já sabemos ou conhecemos, em interação com o mundo no qual vivemos.

A necessidade de um trabalho interdisciplinar em prol do desenvolvimento da linguagem e da escrita também é vista em Wodak:

Em conformidade com seus predecessores na teoria crítica, a ACD<sup>3</sup> enfatiza a necessidade de um trabalho interdisciplinar de forma a alcançar uma compreensão mais completa de como a linguagem funciona, por exemplo, na constituição e transmissão do conhecimento, na organização das instituições sociais, e no exercício do poder. (WODAK, 2004, p.236)

Desse modo, reafirmamos novamente que a escrita configura-se como expressão do pensamento, instrumento de comunicação e, finalmente, como forma de interação. Através daquilo que se escreve, estaremos proporcionando voz e lugar, criando também um espaço de relações sociais extremamente importante.

Considerando todos estes aspectos do texto argumentativo e, sabendo que os estudantes entendem este processo, é que se torna tão comum que os professores de redação ou de Língua Portuguesa ouçam relatos dos estudantes nas salas de aula dizendo que não sabem como começar uma redação. Muitos declaram que depois que iniciam a escrita do texto, a tarefa torna-se mais fácil.

Esta, inclusive, foi uma das questões elencadas na conversa inicial da pesquisadora com os estudantes, na apresentação do questionário na sala de aula. Os estudantes demonstraram interesse em participar da pesquisa de imediato, em razão de entenderem ser este um espaço de discussão sobre os problemas que enfrentam no momento da escrita.

Com o objetivo de também analisar esta característica do texto dissertativo, a

---

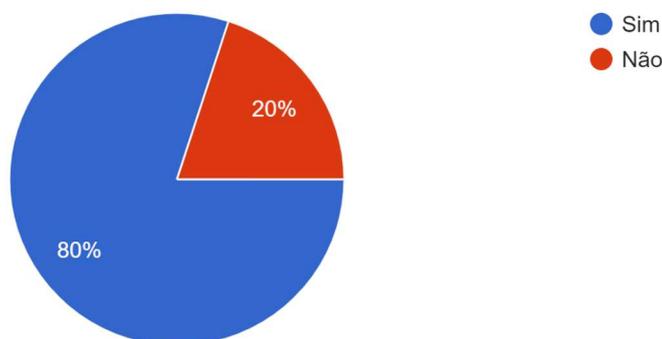
<sup>3</sup> ACD - Análise Crítica do Discurso, presente em: Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, Conceitos Importantes e seus Desenvolvimentos, por Ruth WodaK

quinta questão apresentada aos estudantes no questionário constante desta pesquisa, trazia a seguinte pergunta: “Você sabe como começar uma redação?”. Das 15 respostas obtidas, 12 estudantes responderam sim, o que representa 80% dos entrevistados. Entretanto, 3 estudantes responderam não, representando 20% deste grupo amostral, como vemos no gráfico a seguir:

Figura 5 - Você sabe como começar uma redação - gráfico

5. Você sabe como começar uma redação?

15 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Embora a maioria dos estudantes questionados tenha respondido sim, como veremos a seguir, nas respostas descritivas que complementam este tema, não há referência a questões importantes para iniciar uma escrita, tais como a seleção de informações, a organização dos fatos e argumentos que serão utilizados para a escrita. Mais uma vez, precisamos atentar para o conceito de coerência, fundamental para todos os tipos de texto. Para que a coerência em um texto dissertativo seja plenamente atingida, a organização de um roteiro a ser perseguido torna-se indispensável.

Alguns estudantes citaram o repertório e a bagagem cultural como meios necessários para iniciar a escrita. Evidentemente, estes elementos são fundamentais para a escrita de um texto dissertativo. Entretanto, isolados e sem a observância de recursos coesivos adequados, tais saberes não garantem a elaboração de um bom texto dissertativo.

Para complementar a análise sobre este tema, o questionário trazia a questão 5.1, que apresentava a seguinte pergunta descritiva: “Por que você acredita que isso acontece?”.

Visando a melhor compreensão dos discursos, as respostas foram agrupadas

da seguinte maneira: inicialmente, associadas às 12 respostas sim para: Você sabe como começar uma redação e as suas descritivas e, na sequência as 3 respostas não com suas descritivas:

Figura 6 - Por que você acredita que isso acontece - descrições “sim”

5.1. Por que você acredita que isso acontece? \*

Porque fomos bem preparados no ensino médio

Adquirindo o conhecimento do texto de apoio consigo iniciar a redação.

Por ler bastante e ter conhecimento.

Com muito estudo e explicações da professora

Porque, eu consigo iniciar a introdução e desenvolver sobre o assunto havendo o conhecimento sobre a questão.

porque eu aprendi vendo vídeo aulas, e também tive um bom encaminhamento na escola

Porque eu li os textos de apoio e garanti conhecimento sobre o assunto.

Por que estudei como fazer uma redação, tive a orientação por um professor

Por conta do meu repertório e minha bagagem cultural.

por conta do meu repertorio

vou associando as palavras.

por que eu não consigo pensar melhor nas ideias antes de passar elas para o papel

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Como podemos observar, os estudantes pesquisados não apontam em suas respostas a organização de ideias, a seleção de argumentos ou o roteiro que deverá ser seguido para a concretização de sua produção textual. Por outro lado, destacam a leitura de textos de apoio ou prévia, a preparação e orientação advindas da sala de aula ou vídeo aulas e a associação de palavras.

Na última resposta descritiva, entretanto, parece existir uma inconsistência, uma vez que o estudante responde que sabe iniciar uma redação, mas descreve que “não consigo pensar melhor nas ideias antes de passar elas para o papel”.

Entre os estudantes que responderam que não sabem como iniciar uma redação, minoria entre os pesquisados, as respostas foram as seguintes:

## Figura 7 - Por que você acredita que isso acontece - descrições “não”

### 5.1. Por que você acredita que isso acontece? \*

Na aula de aprendizado sobre redação devido a falta de transporte não estive presente, acredito que aprender fazer uma redação é quase igual fazer uma leitura exige muita concentração e silencio

por é mais difícil escrever o que se pensa

Sinto que tenho muitas ideias, mas é confuso organizá-las em apenas em um pequeno parágrafo.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A primeira resposta remete a um problema comum no ano de 2022 nas escolas públicas da rede estadual do estado do Rio Grande do Sul: a falta de transporte do interior do município para a cidade. Esse estudante esteve ausente das aulas presenciais por algum período e registrou que, enquanto os colegas aprendiam noções sobre redação, ele esteve ausente.

Destacamos aqui a necessidade da igualdade de acesso a todos, nas palavras de Geraldi:

[...] a “premissa de que apenas a igualdade social e econômica garante a igualdade de condições para ter acesso aos benefícios educacionais”. Mas acreditamos também que, no interior das contradições que se presentificar na prática efetiva da sala de aula, poderemos buscar um espaço de atuação profissional em que se delineie um fazer agora, na escola que temos, alguma coisa que nos aproxime da escola que queremos, mas que depende de determinantes externos aos limites da ação da e na própria escola. (GERALDI, 2014, p. 40)

Considerando que é um dever do estado garantir o acesso pleno ao espaço escolar<sup>4</sup>, de maneira igualitária a todos os estudantes, é preocupante verificar que alguns ainda sejam excluídos do ambiente escolar por quaisquer que sejam os motivos elencados (neste caso, a falta de transporte escolar). Por mais que a escola, através de sua estrutura, equipes diretiva e pedagógica e a ação de seus professores, busque meios de atuar em prol de uma formação significativa e crítica, estes fatores externos acabam por prejudicar substancialmente a formação, em especial, dos menos favorecidos.

O mesmo estudante destaca a necessidade de concentração e silêncio para a

<sup>4</sup> Diz o artigo 205 da Constituição Federal de 1988: “ A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

realização, tanto de uma boa leitura quanto de uma boa escrita. Podemos perceber no discurso deste estudante a importância que o espaço escolar representa para a construção do seu aprendizado e consequente inserção na sociedade em que vive.

A segunda e terceira respostas negativas trazem à tona um dizer que é comum entre os estudantes: a dificuldade em expressar através da escrita aquilo que se pensa. O pensamento, a fala, a leitura e a escrita são procedimentos cognitivos. Não basta conhecer as palavras para ler e escrever. É necessária atribuição de conceitos, elaboração de pensamento e organização para uma escrita efetiva. Embora a escrita seja construída sobre a fala, essas duas modalidades são diversas em muitos aspectos e, para que a primeira seja atingida com plenitude, é necessária uma formação consistente e voltada ao aprendizado significativo.

Ainda sobre a construção do texto argumentativo, a sexta questão presente no questionário abordava a seguinte situação: “Você tem facilidade em justificar suas opiniões em um texto escrito? Explique sua resposta.” A capacidade de validar teorias sobre quaisquer assuntos envolve a aplicação de conhecimento de mundo, de associação a outros que pensam da mesma forma e seleção de premissas.

Sujeitos conscientes da sua realidade são capazes de descrever sua própria história e, mais do que isso, são qualificados a, por meio de uma escrita significativa, elaborar críticas ao sistema vigente, bem como propor alternativas de mudança dos paradigmas ora estabelecidos. Por isso a constante necessidade de alternativas pedagógicas capazes de desenvolver habilidades de escrita que darão, muito mais do que o direito à palavra, a oportunidade de retratar as diversas realidades que compõem a vida dos que agora ocupam os bancos escolares, preferencialmente ressignificando-a.

Nesta questão, a amostra dos pesquisados ficou assim dividida: 7 estudantes responderam que sim, possuem facilidade em justificar suas opiniões, enquanto 4 estudantes condicionaram sua resposta, dizendo que depende da situação e outros 4 responderam que não conseguem justificar suas opiniões em textos escritos. A seguir, vamos trazer à discussão os elementos mais importantes, sempre observando os princípios da ACD, nas respostas dos estudantes.

**Estudante 1:** *Sim, pois é através do uso do senso crítico que eu faço o uso da minha elaboração de ideias e opiniões.*

**Estudante 2:** *Poque tive ótimas aulas de português ,filosofia,sociologia*

As duas primeiras respostas trazem, em seus discursos, temas que precisam

ser analisados com atenção. O estudante 1 destaca o senso crítico para elaboração de ideias e opiniões, enquanto o estudante 2 revela ótimas aulas de português, filosofia e sociologia. Discutiremos aqui a importância de um currículo integrado na formação dos estudantes, uma vez que eles próprios elencam conhecimentos de outras áreas, que não apenas da linguagem, como base para desenvolvimento de uma boa escrita.

Dante Henrique Moura, no artigo: Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: Dualidade Histórica e Perspectivas de Integração, destaca:

Ainda torna-se relevante ressaltar que todo conhecimento significativo é contextualizado, produzido e utilizado em contextos específicos. Contextualizar a aprendizagem significa superar a aridez das abstrações científicas para dar vida ao conteúdo escolar relacionando-o com as experiências passadas e atuais vivenciadas pelos estudantes/educadores, projetando uma ponte em direção ao seu futuro e ao da realidade vivencial.(MOURA, 2007, p.24)

O aprendizado, em todas as áreas do conhecimento, deve propor práticas pedagógicas que levem o estudante a conhecer, mas principalmente a analisar, questionar, o mundo que o cerca e as relações que nele se estabelecem, com intenção de intervir nele e buscar a melhora da qualidade de vida de todos. O conhecimento, contextualizado e relacionado às vivências dos estudantes será capaz de despertar a habilidade da escrita argumentativa, baseado em conhecimentos que são interdisciplinares.

Entretanto, para que o ensino aconteça de modo interdisciplinar, sem anular a autonomia de cada uma das disciplinas, a escola ainda precisa passar por um amadurecimento significativo. Os professores precisam compreender que o seu trabalho, muito mais do que, simplesmente, repetir abstrações científicas, precisa estar vivo e em constante interação com as demais áreas do saber. Para tanto, desde o regime de trabalho, a organização de espaços físicos e temporais das aulas deveriam ser repensados. Por mais que essa ainda seja uma realidade distante da maioria das escolas públicas, alguns movimentos em prol de atividades mais significativas e que fomentem a aprendizagem crítica e real já são percebidos, a maioria deles por iniciativa individual de professores.

O estudante 3, também aponta em sua resposta descritiva as suas vivências diárias, bem como o seu repertório, como vemos a seguir:

**Estudante 3:** *sim, por conta das vivências do dia a dia e também por conta do meu repertório*

Em muitas respostas descritivas, o grupo amostral aponta o repertório como elemento constituinte ou facilitador das suas escritas. Isso provavelmente sugere que tal conceito tenha sido trabalhado nas atividades pedagógicas de redação em sala de aula. Convém um olhar atento sobre o termo “repertório”. Na cartilha do participante do Enem, há diversas referências a ele, mais especificamente na avaliação da Competência II, que versa sobre “Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa”. Vejamos a definição de repertório:

Outro aspecto avaliado na Competência 2 é a presença de repertório sociocultural, que se configura como uma informação, um fato, uma citação ou uma experiência vivida que, de alguma forma, contribui como argumento para a discussão proposta. (INEP, Cartilha do Participante, 2020, p. 16)

Obviamente, a observação de experiências vividas ou de citações pertinentes ao tema desenvolvido fortalecem a construção da argumentação, estando, deste modo, plenamente associados os conceitos de escrita argumentativa e repertório.

Os estudantes 4, 5, 6 e 7 explicam que conseguem justificar suas opiniões, mas, condicionam sua resposta positiva à necessidade de conhecimento do tema e concentração, como vemos nas transcrições das respostas, abaixo:

**Estudante 4:** *Sim. Se eu tiver conhecimento do tema sugerido.*

**Estudante 5:** *Sim, geralmente consigo com concentração.*

**Estudante 6:** *Algumas vezes sim, porém existem temas que eu possuo mais facilidade e torna isso mais leve e fácil, e também temas que fogem do meu dia a dia que dessa forma se torna um pouco mais complicado.*

**Estudante 7:** *Depende o tema*

É muito comum entre os estudantes concluintes de ensino médio, educação básica profissionalizante e todos aqueles que se preparam para ingresso no ensino superior, a preocupação com o tema a ser discorrido na redação do Enem. A polêmica é tão grande que até os meios de comunicação e redes sociais elaboram e apresentam listas com os possíveis temas a serem escolhidos para o dia da prova dissertativa.

Considerando que o estudante 5 traz em sua fala a necessidade de concentração, imaginemos a capacidade de se concentrar de um estudante que, apresentado a um tema apenas no momento da escrita, necessita, além de responder a todas as outras questões presentes na prova, precisa elaborar o seu pensamento e

praticar o ato da escrita, em espaço de linhas e de tempo pré-determinados. E que todos estes fatores influenciarão diretamente no seu desempenho para acesso aos cursos superiores.

Ao longo de todo este estudo, sempre se considerou a escrita como meio para dar voz aos menos privilegiados, como ferramenta de luta contra a hegemonia das classes dominantes. Em contrapartida, o acesso aos melhores cursos evidencia o caráter excludente e classificatório a que os estudantes são expostos neste tipo de processo seletivo.

Sobre a intenção da escrita de textos, podemos observar o que destaca Geraldi:

Normalmente, nos exercícios e nas provas de redação, a linguagem deixa de cumprir qualquer função real, construindo-se uma situação artificial, na qual o estudante, à revelia da sua vontade, é obrigado a escrever sobre um assunto que não havia pensado antes, no momento em que não se propôs e, acima de tudo, tendo que demonstrar (esta é a prova) que sabe. E sabe o quê? Escrever. E bem. Além disso, que esteja claro que ele está sendo julgado, testado e, às vezes, até mesmo competindo! (GERALDI, 2014, p. 126)

Avaliados apenas dentro de competências previamente estabelecidas, que privilegiam a norma padrão da linguagem e, com temas por vezes descontextualizados de grande parte dos estudantes, seriam válidas intenções no sentido de rever este sistema de avaliação da escrita no principal exame de admissão de estudantes ao ensino superior em nosso país.

Na obra *Português no Ensino Médio e formação do Professor*, Clecio Bunzen já descreve, com preocupação, esta modalidade de escrita ensinada pela escola:

Essa prática de ensino, constantemente legitimada pelas propostas de escrita da maioria dos conjuntos de vestibulares e de algumas avaliações de rede, configura a **pedagogia da exploração temática**. São propostas de produção de texto que solicitam aos alunos que escrevam uma redação sobre determinado tema, sem definir um objetivo específico, sem preocupação sociointerativa explícita. É uma prática de ensino e de avaliação da escolarização que raramente considera a natureza dialógica em imperativa da própria linguagem e que praticamente anula a subjetividade necessária a toda autoria. (BUNZEN, 2009, p. 148)

Mais uma vez, podemos observar que a escrita não pode e nem deve ser dissociada da realidade do escritor. Mesmo aqueles que possuem facilidade em articular seu pensamento em prol da escrita enfrentarão dificuldades para realizar este ato se estiverem frente a um assunto que desconhecem ou não consideram interessante.

A próxima resposta traz em si o conceito de aprendizado, como vemos:

**Estudante 8:** *sim, pois tenho uma facilidade em afirmar e justificar informação e aprender de forma rápida sobre assuntos de texto distintos*

De fato, o aprendizado se configura como um elemento norteador para a realização da escrita, especialmente se considerarmos que a escrita não é uma habilidade nata do ser humano. Depende de dedicação, de leitura crítica, de elaboração e reelaboração do pensamento.

A resposta a seguir, traz em si uma contradição, pois, apesar de responder sim, o estudante demonstra que em determinadas ocasiões não consegue expressar seus pensamentos na escrita.

**Estudante 9:** *Sim, pois às vezes não sabemos expressar na escrita aquilo que pensamos .*

Nas falas a seguir, os estudantes apontam barreiras para justificar seu pensamento, tais como o assunto (tema) abordado e, novamente, a dificuldade em transcrever, com clareza o pensamento, como vemos.

**Estudante 10:** *Dependendo do assunto sim, quando consigo interpretar e entender de forma correta, é mais fácil de justificar.*

**Estudante 11:** *nem sempre ,por que as vezes eu não consigo me expressar ou mostrar o que eu quero*

Nessas três últimas afirmativas, podemos perceber o quanto a escola, através de suas práticas pedagógicas, pode afastar os estudantes do ideal de interação social. Através de seus discursos, esses estudantes revelam que, ao avaliar a sua própria produção escrita, não estão, de fato, dizendo aquilo que pensam. Ou que, simplesmente, através do texto não conseguem se expressar. Essa afirmação contraria o princípio básico da linguagem, que é a própria comunicação.

Partindo dessa breve análise, observemos as palavras de Antunes:

Nunca foi tão urgente promover uma escola que seja, de fato, uma porta de entrada de todas as pessoas para o mundo da participação e do desfrute dos bens materiais e culturais que temos produzido. Faz muito tempo que as portas da escola (pelo menos da escola que favorece o engajamento, a participação) não se abrem. E nesse tempo, o ensino e a avaliação que fizemos em torno da língua “excluíram” mais que “botaram pra dentro” aqueles que nos bancos da escola se sentaram. (ANTUNES, 2012, p. 86)

A escrita necessita, dentro da escola, deixar de ser um elemento que afasta os estudantes da comunicação. Talvez trabalhando os saberes da leitura, interpretação e escrita de forma mais próxima e natural aos estudantes, estas barreiras sejam mais facilmente superadas.

O último grupo analisado desta questão (4 estudantes), destacam que não conseguem justificar suas opiniões em textos escritos, como vemos:

**Estudante 12:** *Não . Porque tenho muita dificuldade em interpretação*

**Estudante 13:** *não .não porque não tenho facilidade de interpretar*

**Estudante 14:** *não, pois tenho dificuldade em escrever minhas ideias*

**Estudante 15:** *Não*

Em contrapartida ao que se espera de um estudante em fase de conclusão do Ensino Médio, etapa que serviria para aprofundamento e consolidação dos saberes adquiridos no Ensino Fundamental, os discursos supracitados apontam que falhas ocorreram e que será mais dificultado o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia, especialmente na aplicação escrita.

Vejamos o que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases - LDB/1996, Capítulo II, na Seção IV, Artigo 35, que trata do Ensino Médio:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.  
(BRASIL, 2005, p. 18)

De acordo com as finalidades supracitadas, especialmente a compreensão, a relação da teoria com a prática, a adaptação e a preparação para o trabalho e a cidadania estariam comprometidos, a partir da escrita dos estudantes nestas últimas quatro afirmativas.

O processo de ensino-aprendizagem da escrita necessita estar ligado à prática social, fortemente mediado pelo uso da linguagem. Devemos ter em mente que nossos estudantes estão sendo preparados, na educação básica, para, muito em breve, acentuar sua participação na sociedade, onde, em todas as oportunidades em que puderem expor suas concepções, que o façam baseadas em argumentos contundentes e de forma organizada.

Entretanto, há ainda um longo caminho a percorrer neste sentido, pois esta construção de saber parece estar distante da realidade da maioria dos nossos educandos.

#### 7.4 O APRENDIZADO DA GRAMÁTICA - ELEMENTO FACILITADOR OU DIFICULTADOR DA ESCRITA?

Este capítulo do trabalho também vai abordar o trabalho da gramática em relação ao desenvolvimento da capacidade de escrita. Consideremos que o estudo da gramática como conjunto das normas que regem a língua está amplamente associado às aulas de Língua Portuguesa, tanto pela sociedade (pais, estudante e comunidade escolar) quanto pelos professores que ministram esta disciplina. Há, inclusive, uma forte cobrança da sociedade neste sentido. Muitos ainda entendem que bons professores de português são aqueles que conseguem, em sua prática, repassar uma grande quantidade de regras, conceitos e exercícios de gramática.

Entretanto, a construção da aprendizagem da escrita não está somente associado ao amplo conhecimento das regras gramaticais a serem aplicadas. Obviamente que um escritor que conhece a língua, possui riqueza vocabular, correção ortográfica e entende as relações de concordância, subordinação e ordem encontrará maior facilidade para a escrita, mas não necessariamente um exímio conhecedor das regras será um bom escritor. Observemos as palavras de Geraldi:

Do ponto de vista da história das línguas e da gramáticas, sabe-se que são os gramáticos que consultam os escritores para ver que regras eles seguem, e não os escritores que consultam as gramáticas para ver que regras devem seguir. Não faz sentido ensinar nomenclaturas a quem não chegou a dominar habilidades e utilização corrente e não traumática da língua escrita. Isso não significa que a escola não refletir sobre a língua, mesmo porque esta é uma das atividades usuais dos falantes e não há razão para reprimi-la. (GERALDI, 2014, p. 38)

A escrita de um texto atende a uma necessidade comunicativa. É o momento em que o escritor se dedica a elaborar o seu conhecimento para transmitir aquilo que pensa. A gramática, entendida apenas como conjunto de normas e regras a serem seguidas, ou pior, decoradas, parece, desse modo, dissociada da intenção comunicativa. Ideal seria que os estudantes, neste estudo entendidos como escritores, compreendessem que possuem domínio suficiente de gramática, a ponto de conseguirem comunicar seu pensamento através dos textos que são, por eles, escritos.

Assim, a sétima questão presente no questionário apresentado ao grupo amostral trazia a seguinte pergunta: Você consegue associar e utilizar os conhecimentos da gramática que aprendeu nas suas aulas na escrita dos seus textos?

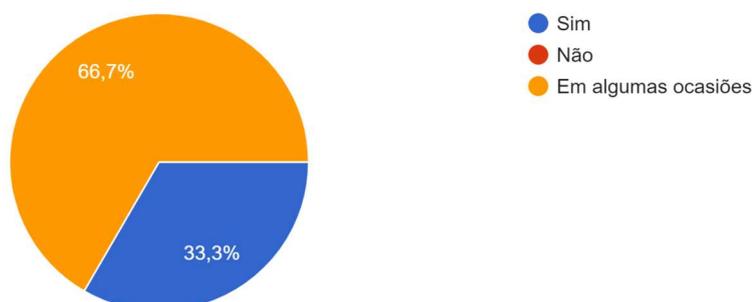
Do ponto de vista dos estudantes, como veremos a seguir, analisando as suas

respostas, a maioria absoluta (10 dos 15 entrevistados) revela que consegue associar os conhecimentos de gramática à escrita. Apenas 5 declaram que associam os conhecimentos à prática escrita. Nenhum dos pesquisados declara que não consegue realizar esta associação. Vejamos o gráfico:

Figura 8 - A Gramática e a escrita

7. Você consegue associar e utilizar os conhecimentos da gramática que aprendeu nas suas aulas na escrita de seus textos?

15 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Como forma de complementar a sétima questão e, provocando a capacidade de escrita dos pesquisados, o questionário trazia a questão 7.1, que solicitava a justificativa da resposta anterior. Como veremos na descrição das respostas a seguir e, a partir da Análise Crítica de Discurso que, conforme determina Luke, tem um interesse particular na relação entre linguagem e poder (2010 p.224), há uma discrepância considerável a ser observada entre o que se aprende na sala de aula em gramática e sua aplicabilidade em textos escritos.

As respostas a seguir, divididas em um quadro, estão assim organizadas: inicialmente, os estudantes que responderam: sim e em seguida os estudantes que responderam: em algumas ocasiões para 7.1 Você consegue associar e utilizar os conhecimentos da gramática que aprendeu nas suas aulas na escrita de seus textos? Justifique sua resposta.

SIM	<p><b>Estudante 1:</b> <i>sim, quando precisamos para saber as regras de acentuação e muitas outras regras</i></p> <p><b>Estudante 2:</b> <i>Utilizo muito do conhecimento que eu adquiro na sala de aula para usar em meus textos.</i></p> <p><b>Estudante 3:</b> <i>Porque quando utilizamos a gramática no nosso</i></p>
-----	---

	<p><i>dia a dia fica mais fácil de associar ela na escrita de textos.</i></p> <p><b>Estudante 4:</b> <i>Por conta de ter aprendido bem a gramática.</i></p> <p><b>Estudante 5:</b> <i>sim ,porque é fácil .</i></p>
EM ALGUMAS OCASIÕES	<p><b>Estudante 6:</b> <i>Dependendo da ocasião, acho muito complicado compreender o uso de certos conhecimentos, mesmo que os já tenha aprendido em sala de aula.</i></p> <p><b>Estudante 7:</b> <i>por que é difícil</i></p> <p><b>Estudante 8:</b> <i>o tema apresentado</i></p> <p><b>Estudante 9:</b> <i>porque depende a situação e o caso que as palavras ea forma da frase ou texto se apresentam</i></p> <p><b>Estudante 10:</b> <i>as vezes eu esqueço de usar a gramática ou eu não lembro de todas</i></p> <p><b>Estudante 11:</b> <i>As vezes consigo, em outras vezes tenho dificuldades pois algumas regras são mais complicadas.</i></p> <p><b>Estudante 12:</b> <i>Em certas situações tenho facilidade e em certas facilidades não.</i></p> <p><b>Estudante 13:</b> <i>Dificuldade de interpretação</i></p> <p><b>Estudante 14:</b> <i>Porque se o tempo for curto para escrever esquecemos de algumas regras gramaticais</i></p> <p><b>Estudante 15:</b> <i>Em algumas ocasiões , sim consigo</i></p>

Nos discursos dos estudantes, especialmente entre aqueles que declaram que nem sempre conseguem associar conhecimentos, estão presentes as complicações, as dificuldades em lembrar das muitas regras gramaticais. Entretanto, o uso da gramática na escrita não deveria ser lembrado apenas pela sua dificuldade, mas sim pela sua utilidade.

Uma gramática trabalhada em sala de aula a partir dos conhecimentos que os estudantes já possuem sobre a linguagem os levaria a entender que a escrita não é mais do que o registro de suas vivências, observados padrões que se fazem necessários para que o que se diz seja compreendido não apenas por quem escreve, mas especialmente, que seja decodificado por quem lê. O maior problema no estudo da gramática em sala de aula não está centrado no objeto em si, mas no modo como ela vem sendo trabalhada, apenas como conjunto de normas, aprendido pela

repetição de exercícios e cobrada através da aplicação de provas.

Vemos em Geraldi o quanto o ensino da gramática padrão é necessário:

Três razões: O padrão tem muitos valores e não pode ser negado; não é verdade que ele desculturaliza, que veicula necessariamente uma só ideologia. Não é verdade que é muito difícil - eu não os alunos já sabem. falar em não ensinar o padrão equivale a tirar o português das escolas (GERALDI, 2014, p. 33)

O estudante 7 traz em sua resposta - *por que é difícil* - justamente o oposto daquilo que se espera do aprendizado de Língua Portuguesa na escola. Construída a concepção de aprender gramática é dificultoso, penoso e inútil, também se afasta os jovens da possibilidade de adquirir uma habilidade que fará muita diferença em sua vida futura, na participação na sociedade e nas oportunidades que lhes serão apresentadas.

Além de apenas conhecer as normativas, o aprendizado da gramática proporciona a capacidade de compreender melhor o mundo. A habilidade de escrita é desenvolvida especialmente a partir da observação, através da leitura, de como as outras pessoas escrevem e interagem com o mundo. O estudante 9 aborda esta questão quando diz - *porque depende a situação e o caso que as palavras ea forma da frase ou texto se apresentão*. Desconsiderada a inadequação gramatical, está expressa a necessidade de compreensão pela forma da frase ou texto. Mesmo que este estudante considere que tem dificuldade em aplicar os conhecimentos de gramática à escrita, a adequação gramatical se faz necessária para a compreensão.

Outro aspecto a ser considerado é que o conhecimento da modalidade formal da língua propicia capacidade de adequação vocabular, lembrando que existem, sim, ocasiões em que há necessidade de maior rigor e atendimento às regras, tanto na fala quanto na escrita. E conhecer os aspectos mais formais da língua é um direito dos estudantes. Entretanto, a aquisição deste conhecimento jamais deve servir como forma de perpetuação de poder, de prática hegemônica ou de negação de outras formas de comunicação.

Um dos grandes desafios, neste sentido, seria aprender a gramática não de forma descontextualizada, distanciada da fala e com foco especial naquilo que está certo ou errado, mas a partir da análise de como falamos e como registramos nosso saber na forma escrita. Entender a gramática como ferramenta (reflexiva, contextualizada e significativa) e não como uma barreira a ser superada para o trabalho da escrita aproxima o saber trabalhado em sala de aula com a possibilidade de utilizar o texto como meio promotor da cidadania e inclusão social.

## 7.5 A CAPACIDADE DE PROPOR SOLUÇÕES NO DISCURSO DOS ESTUDANTES

A capacidade escrita, como já amplamente discutida neste trabalho, possui funções bastante significativas para os seres humanos. Além de registrar a história de vida, o pensamento e as emoções, outra função atribuída à escrita seria a capacidade de elaborar o pensamento a fim de propor soluções para os problemas que vivenciamos na sociedade em que estamos inseridos.

Esta, aliás, é uma das competências analisadas e pontuadas nos temas de redação propostos pelo ENEM. Neste exame, os estudantes são desafiados a desenvolver um texto sobre o tema proposto e, também, determinar elementos válidos (agente, ação, modo/meio, efeito/finalidade e detalhamento) que poderiam solucionar o problema discutido no texto dissertativo-argumentativo elaborado pelo estudante.

A capacidade de propor uma solução para determinado problema envolve o conhecimento sobre o assunto, elaboração de pensamento e associação de elementos capacitados a construir uma proposta viável de solução. Seria impossível exigir de alguém que desconhece completamente determinado assunto, que este sujeito propusesse uma solução para tal.

A oitava pergunta presente no questionário apresentado aos pesquisados, apontava para a capacidade de pensar em soluções para situações-problema e o registro por escrito, de modo claro, deste pensamento, como vemos: 8. Em situações-problema, você acredita que consegue pensar em soluções? E consegue propor essas soluções de modo claro, por escrito?

Para esta questão, 08 estudantes responderam que sim, alguns com justificativas, como veremos a seguir:

**Estudante 1:** *sim pois tendo uma boa base e uma formula para aplicar oque se sabe se torna fácil passar para o papel aquilo que se pensa*

**Estudante 2:** *Sim. Não dificuldade de passar pra escrita meus pensamentos*

**Estudante 3:** *Sim, dependendo do assunto e situação.*

**Estudante 4:** *sim, em algumas ocasiões*

**Estudante 5:** *Sim, em certas situações sim.*

**Estudante 6, 7 e 8:** *Sim*

Mesmo entre os estudantes que responderam que conseguem pensar em soluções, podemos perceber a preocupação com o assunto (tema) a ser tratado, o que evidencia uma situação comum nas salas de aula no que tange às propostas de

redação trabalhadas: a distância daquilo que se escreve da realidade conhecida pelos estudantes.

Podemos ver nas palavras de Irandé Antunes - Aula de português - a preocupação com as propostas de escrita, dissociadas da realidade dos estudantes:

A prática de uma escrita sem função, destituída de qualquer valor internacional, sem autoria e sem recepção ( apenas para exercitar), uma vez que, por ela, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo entre o autor e o leitor do texto. (ANTUNES, 2003, p. 26-27)

Tratando-se de estudantes concluintes do Ensino Médio, percebe-se que os sujeitos entrevistados já foram expostos a diversas propostas de elaboração de textos dissertativos e que, mesmo aqueles que se entendem que conseguem resolver os problemas, condicionam esta prática ao conhecimento, vivência do tema proposto. Para escrever, que é uma atividade fim, o estudante precisaria, antes, ser desafiado a conhecer, depois planejar a escrita, escrever e, por fim, revisar sua escrita ou até mesmo apresentá-la aos colegas, para, através da discussão, significar e ressignificar seu pensamento.

Nas respostas registradas pelos estudantes a seguir, fica mais evidente esta preocupação com o problema, o tema ou a situação abordada:

**Estudante 9:** *Dependendo do tema tratado tenho mais facilidade e em outras acho mais difícil pois quando não tenho conhecimento.*

**Estudante 10:** *Depende do problema retratado.*

**Estudante 11:** *Dependendo da situação.*

**Estudante 12:** *as vezes*

**Estudante 13:** *nem sempre em situações problemáticas não consigo pensar com clareza*

**Estudante 14:** *Ainda tenho que praticar mais para ter uma solução clara*

**Estudante 15:** *Depende da situação*

Quando trazemos estes discursos para a análise crítica podemos, mais uma vez, perceber que aquilo que se ensina ou se discute em sala de aula, nem sempre condiz com a realidade na qual aqueles sujeitos se encontram inseridos. Deste modo, torna-se inviável a participação ativa dos educandos em uma discussão, uma vez que eles desconhecem ou possuem poucas informações sobre os temas propostos..

Mais uma vez, o estudo aponta para uma discussão sobre o currículo trabalhado em sala de aula, as concepções do que devem ou não ser discutidas pelos

professores de língua portuguesa e redação e mais especificamente sobre as ideologias. O trabalho da escrita precisa ser significativo para ter uma função na vida dos sujeitos. Mais do que isso, a escrita precisa servir para ressignificar a vida. Podemos ver esta definição em *Discurso e Mudança Social* - Fairclough:

Prefiro a concepção de que a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos. (FAIRCLOUGH, 2001, p.119)

Se um estudante - escritor - percebe que não consegue pensar em uma solução para o tema discutido é porque ele também entende que este debate não se aproxima dos conhecimentos e vivências que ele possui. Está legitimada a exclusão dos saberes do aluno daquilo que a escola julga importante ser debatido e é, desta forma, relevante para a sociedade.

A atividade escrita, entendida apenas como um exercício vazio de significado aos olhos dos estudantes, os afasta do prazer e da função principal da escrita, o da comunicação. Vejamos as palavras de Antunes:

[...] Parece incrível, mas é na escola que as pessoas "exercitam" a linguagem ao contrário, ou seja, a linguagem que não diz nada. Nessa linguagem vazia, os princípios básicos da textualidade são violados, porque o que se diz é reduzido a uma sequência de frases desligadas uma das outras, sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão e sem responder a qualquer tipo de contexto social. (ANTUNES, 2003, p. 26)

Urge que a escola reveja as propostas das atividades de escrita e a definição de critérios neste sentido é muito importante. Em um país com tamanhas diferenças de saber e vivências de seu povo, estabelecer um único parâmetro, uniforme, de conceitos e temas a serem trabalhados é limitador. Respeitar as diferenças, flexibilizar o que se discute, dar valor à cultura local, refletir sobre a realidade vivida são ações que visam estreitar a relação entre o que os estudantes já conhecem e os saberes que estão acessando para escrever seus textos em prol de um uso efetivo na sociedade, na cultura e também na política.

Todo o saber construído em sala de aula precisa e deve ser revertido para a promoção de uma transformação social, que integre todos os cidadãos, dê voz aos menos favorecidos e também os ajude a enfrentar situações ou os problemas que eles conhecem. Desse modo o aprendizado estará, de fato, promovendo a emancipação humana desses sujeitos.

## 7.6 A PRESENÇA DA ESCRITA E O USO DAS MÍDIAS NA VIDA DOS ESTUDANTES

O atual cenário mundial nos coloca a cada dia mais conectados aos recursos digitais. Há algumas décadas atrás, as formas de comunicação entre os seres humanos estavam limitadas aos encontros pessoais, às cartas que demoravam muito tempo para serem entregues e respondidas, telegramas e, mais recentemente, aos telefonemas. Nos últimos anos, passamos pela revolução digital, que aproximou a maioria das populações ao uso de computadores, telefones com múltiplas funções de comunicação e, naturalmente, à internet.

Toda esta gama de possibilidades de comunicação e interação oferecida pela era digital também vem exigindo que as pessoas utilizem cada vez mais a leitura e a escrita. A maioria das redes sociais nas quais os jovens estão inseridos se utiliza da linguagem verbal para efetivar a comunicação. Embora aplicativos de comunicação como o como Whatsapp<sup>5</sup> ofereçam a possibilidade envio de mensagens por áudios, fotos e uso de figurinhas, a base de seu serviço de comunicação ainda se situa na escrita. São pequenas frases, reunidas em forma de um diálogo, nas quais os interlocutores conseguem se comunicar de forma rápida e fácil.

Entretanto, neste e em outros serviços oferecidos pela conexão à internet, o uso da linguagem não se preocupa com a forma padrão da escrita. Com a finalidade de facilitar e tornar a comunicação mais rápida e simples, são permitidas a supressão de letras na escrita das palavras (não pode ser registrado apenas como ñ, o porquê passa a ser pq, você torna-se vc e assim por diante), símbolos, figuras e emojis são integrados às frases, sinais de pontuação e sinais gráficos (acentos) raramente são utilizados.

Essa também é uma forma de comunicação humana e, não há dúvida em dizer que hoje é uma das mais utilizadas por todos para a troca de mensagens informais e de forma instantânea, atualmente. Entretanto, no contexto escolar e, diante da necessidade de que os estudantes aprendam formas de comunicação que vão além daqueles meios que eles já conhecem, caberiam, nas discussões sobre as

---

<sup>5</sup> Segundo a própria empresa: “O WhatsApp começou como uma alternativa ao SMS. Nosso produto agora oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de mídias: texto, fotos, vídeos, documentos e localização, assim como chamadas de voz. Alguns dos seus momentos mais pessoais são compartilhados por meio do WhatsApp, e é por isso que implementamos a criptografia de ponta a ponta em nosso aplicativo. Por trás de cada decisão de produto, existe nosso desejo de possibilitar que as pessoas se comuniquem em qualquer lugar do mundo sem barreiras.” Disponível em: <[https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt\\_br](https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br)> Acesso em 10 jan 2023.

metodologias de ensino de língua portuguesa, debater sobre este tipo de comunicação, integrando-a ao estudo da língua e, principalmente, proporcionar aos estudantes a possibilidade de conhecer outras formas de escrita.

Neste sentido, a nona pergunta presente no questionário apresentado aos estudantes, trazia a seguinte questão: "Você considera que escreve pouco ou bastante ao longo de uma semana? Cite os principais locais nos quais você costuma utilizar a escrita para se comunicar com outras pessoas." Dentre as respostas descritivas apresentadas, apenas duas não fizeram citação direta às redes sociais, como vemos a seguir:

**Estudante 1:** *Sim, na escola*

**Estudante 2:** *Sim, escrevo nas aulas e treino redações semanais.*

Todos os demais estudantes, a maioria considerando que escreve bastante, cita alguma tecnologia digital ou redes sociais, como vemos:

**Estudante 3:** *Bastante, geralmente em redes sociais como Instagram e WhatsApp.*

**Estudante 4:** *Escrevo bastante em meios de comunicações, por exemplo, WhatsApp, instagram...*

**Estudante 5:** *Bastante, através de mensagem de texto, como o Whatsapp, Instagram e Twitter<sup>6</sup>.*

**Estudante 6:** *Bastante em certas situações nas aulas e bastante em redes sociais.*

**Estudante 7:** *Bastante. Whatsapp*

**Estudante 8:** *Bastante, WhatsApp é o mais usado*

**Estudante 9:** *sim, escola, espaço de redação, WhatsApp*

**Estudante 10:** *sim, em conversas no whatsapp, e todos os meios de comunicações*

**Estudante 11:** *escrevo muito ,pois escrevo mensagem para meus amigos*

**Estudante 12:** *em casa e nas redes sociais*

**Estudante 13:** *nas redes sociais , em casa,no colégio*

---

<sup>6</sup> Instagram e Twitter são redes sociais oferecidas aos usuários por meio de aplicativos para celular ou acesso por sites na internet que permitem a divulgação de conteúdos pessoais. O Instagram direciona o conteúdo a ser publicado mais especificamente às fotografias ou vídeos curtos enquanto o Twitter se ocupa de veicular textos curtos (até 280 caracteres) com a opinião pessoal do proprietário da conta. Ambas as redes proporcionam que os seguidores manifestem sua concordância ou aprovação dos conteúdos veiculados através de curtidas (likes) ou comentários.

**Estudante 14:** *livros , mangas , instagram*

**Estudante 15:** *Pouco. Whatsapp*

Ao longo deste estudo, está sempre elencada a necessidade da comunicação e a importância da escrita para dar voz aos menos favorecidos. Neste sentido, não se pode negar que as novas tecnologias de comunicação são uma ferramenta de popularização de outras formas de pensar e de ver o mundo, além de proporcionar uma aproximação rápida, barata e acessível à maioria das pessoas. Entretanto, no que tange ao uso da língua portuguesa, aqui se encontra um desafio para os professores. A linguagem utilizada neste tipo de comunicação, por se valer de neologismos, abreviações e outros muitos recursos, muda, além da nossa percepção sobre o mundo e dos hábitos de interação, a própria língua. E, neste aspecto, é necessária uma atenção especial, pois como afirma Geraldi: a perda da língua é também a perda da identidade (2015 p.128).

As renovações linguísticas fazem parte da vida dos povos, sabe-se que a língua é um objeto mutável, adaptado aos falantes que dela fazem uso e que, dessa forma, a linguagem utilizada na internet não pode apenas ser vista com preconceito ou como algo ruim. O principal problema a ser debatido é quando esta forma de linguagem passa a se tornar rotina e ocasionar dúvidas na escrita da forma padrão. Como já observado, o uso do porquê, amplamente estudado nas aulas de língua portuguesa, perde completamente o seu sentido na escrita em redes sociais, quando é reduzido a “pq”. E, certamente, um estudante que só escreve em redes sociais dessa forma encontrará dificuldades em utilizar a forma correta quando a adequação vocabular assim exigir.

Outro aspecto necessário de ser abordado neste sentido é a questão do tempo que se emprega para o aprendizado. Sabe-se que a leitura, a interpretação, a elaboração do pensamento e a escrita são processos que exigem tempo, concentração e, mais do que isso, dedicação. Em conversas de bate-papo, como as que são proporcionadas pelo twitter, whatsapp e outros, um fator importantíssimo é o tempo, ou melhor, a falta dele. As pessoas precisam ser muito rápidas para responder, participar do tema conversado e, para atender a essa demanda, surgem as mudanças na escrita, como as abreviaturas, as siglas, as imagens. Toda essa interação é um processo interessante, mas pode ocasionar dificuldades para a realização de leituras e interpretação de textos mais complexos, com sentenças mais elaboradas e que exigem maior interação do leitor.

Erroneamente, algumas propostas pedagógicas, tendo em vista diminuir o dano causado ao uso da norma padrão da língua, sugerem que o uso das redes e das mídias seja proibido no espaço da sala de aula. Entretanto, os recursos digitais também podem oferecer benefícios bastante significativos para a aprendizagem, desde que utilizados com um amplo planejamento e que atendam às necessidades e curiosidade dos estudantes.

Algumas ações como a proposta de leituras online de textos com referências mais formais, a própria análise da escrita nas redes comparada à escrita formal e a abordagem a respeito deste tema em sala de aula poderia auxiliar os estudantes a compreender que a linguagem utilizada nas redes e na internet, hábito tão corriqueiro e comum entre todos, trata-se de uma linguagem grupal e que, dessa forma, deveria ficar restrita à situação específica a que serve.

Analisando as respostas dos pesquisados, pode-se perceber que a maioria entende que escreve bastante, o que legitima a necessidade e a presença da escrita na vida destes sujeitos. De fato, através da escrita podemos externar sentimentos, nos aproximar de nossos pares, manter contato com o mundo que nos cerca e, principalmente, modificá-lo de forma positiva.

A sala de aula e suas práticas não podem, desse modo, deixar de validar esta forma de comunicação, analisá-la, compreendê-la e adequá-la. Vemos em Antunes uma importante função da escola:

Assim, é que nada acontece por acaso, isto é, tudo que se faz em uma sala de aula tem sua razão de ser: o que percebemos e o que fazemos, ou sua contrapartida, o que deixamos de perceber e o que deixamos de fazer. (ANTUNES, 2012, p. 83)

A proposta de práticas que ressignifiquem também esta forma de comunicação escrita certamente serviria para que os estudantes que encontram dificuldade no aprendizado e aplicação da norma padrão da escrita se sentissem mais à vontade para, partindo daquilo que já conhecem, aprendessem novas formas de expressar suas vivências, seus saberes e assumissem de forma crítica e criativa o seu lugar de cidadãos promotores de uma nova sociedade.

## 7.7 O QUE APRENDER EM PORTUGUÊS PARA ESCREVER MELHOR - NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

O estudo da Língua Portuguesa, a língua materna, é de extrema importância e necessidade para que os estudantes estabeleçam comunicação com as pessoas com as quais convivem, tanto que logo que acessam à sala de aula, nos primeiros anos da vida, os pequenos são estimulados a interagir com os demais, seja através da fala, dos gestos, das expressões artísticas e, futuramente, dos textos escritos. Esta potência do ato de comunicar expressa uma necessidade própria da espécie humana, de integrar-se ao grupo, de ser percebido, acolhido, aceito e de alguma forma, diversificar e melhorar a comunidade na qual nos inserimos.

Nesse sentido, nas aulas de português, o que se discute e o que se aprende são fundamentais para a transformação da vida dos sujeitos. A decisão do que ensinar, de modo que este tempo dedicado aos estudos efetivamente colabore com a vida dos estudantes, não deve ser uma decisão apenas administrativa, baseada em necessidades de comércio. Vemos em Geraldí, a definição do que a língua representa para a sociedade:

A língua é produzida socialmente. Sua produção é fato cotidiano, localizado no tempo e no espaço da vida dos homens: uma questão dentro da vida e da morte, do prazer e do sofrer. Numa sociedade como a brasileira - que, por sua dinâmica econômica e política, divide e individualiza as pessoas, isola-as em grupos, distribui a miséria entre a maioria e concentra os privilégios na mão de poucos -, a língua não poderia deixar de ser, entre outras coisas, também a expressão dessa mesma situação. (GERALDI, 2014, p. 14)

Trabalhar conteúdos e saberes de forma mecânica, dissociados da realidade na qual são discutidos, aumenta ainda mais a distância entre os que muito têm e sabem daqueles que sequer possuem acesso às formas mais simples de cultura e de conhecimento. Ouvir os estudantes em suas necessidades e compreendê-los, partindo o objeto de estudo dos seus anseios pessoais e de suas formas de ver o mundo seriam, portanto, maneiras interessantes de associar o conhecimento, o aprendizado a uma forma real de transformação na vida desses sujeitos.

Em busca de tentar compreender as necessidades que os próprios pesquisados julgam importantes para a escrita de textos, a décima e última pergunta presente no questionário indagava o seguinte: O que você pensa que deveria aprender para facilitar a escrita de textos?

Nessa etapa da pesquisa, espontaneamente, 05 estudantes apontaram a

necessidade de aprimorar a leitura, como veremos nas respostas a seguir:

**Estudante 1:** *aprender a ter o hábito de ler mais, e também escrever mais redações*

**Estudante 2:** *Ler mais textos para aumentar meu conhecimento e também praticar muito a escrita.*

**Estudante 3:** *ler mais, estudar gramática , acentuação*

**Estudante 4:** *Ler mais livros para abrir novas portas de conhecimento.*

**Estudante 5:** *Interpretação de textos , aprender a praticar mais a leitura , ajuda muito na escrita pois conhecemos palavras novas*

Além de citar a gramática, o treino da escrita e ampliação vocabular, podemos perceber nas cinco primeiras respostas a necessidade da presença da leitura. O estudante 4 amplia este conceito quando sugere a leitura de livros “para abrir novas portas de conhecimento”.

Nas práticas de leitura propostas em sala de aula, precisamos tomar bastante cuidado com o desenvolvimento do gosto pela leitura. No ensino tradicional, a leitura pode ser trabalhada apenas como uma ferramenta mecânica, uma necessidade prevista no currículo escolar. Dissociada da realidade dos estudantes, sem conexão com o universo dos jovens, a leitura tende a ser apenas uma prática que leva ao cansaço e ao tédio, distanciando os leitores do seu verdadeiro propósito, que é o de interação. A leitura crítica leva à reflexão. Dessa forma, pensamentos autônomos, inovadores e humanizadores seriam desenvolvidos pelos estudantes, quando desafiados a leituras de fato significativas e próximas à sua realidade.

Ainda discutindo sobre a importância e necessidade da leitura em sala de aula e também fora do espaço escolar, cabe dizer que leituras mais elaboradas, com textos mais densos e de interpretação com maior grau de dificuldade devem também ser trabalhadas pelos professores de língua portuguesa, mas apenas após a construção de uma base sólida de leitura. Assim como qualquer outra atividade, a prática da leitura leva ao aperfeiçoamento desta habilidade. Por esta razão é tão importante que o hábito da leitura seja desenvolvido e estimulado nos espaços escolares desde muito cedo. Assim, estudantes em níveis mais avançados, como os pesquisados, que já são concluintes do ensino médio e aqueles que estão próximos a ingressar no mercado de trabalho ou na vida acadêmica, já estariam melhor adaptados às habilidades da leitura, com maior fluência e rapidez na interpretação de textos diversos.

Além da leitura, um dos estudantes apontou a necessidade de desenvolvimento

de técnicas de escrita, como vemos:

**Estudante 6:** *Técnicas que facilitem na escrita e leitura para adquirir conhecimentos.*

A escrita de textos dissertativos envolve um amplo e complexo conjunto de elementos, que englobam uma formação sólida, a escolha de argumentos e conhecimentos prévios, elaborados em forma de frases e parágrafos, dentro de um esquema que prevê introdução, desenvolvimento e conclusão das teorias apresentadas. Não se trata, portanto, de uma fórmula pronta a ser aplicada para a resolução de uma tarefa, apenas. Envolve toda a história de vida do sujeito que está disposto a escrever e ainda, a responsabilidade daquilo que está sendo dito, que será, no futuro, lido e interpretado por outros sujeitos.

Entretanto, cada vez mais surgem propostas e ofertas de ensino que colocam a escrita como uma tarefa que pode ser resolvida a partir de modelos, fórmulas ou técnicas que, aplicadas, garantiriam o sucesso da escrita. Vemos em Gomes que:

Escrever exige estudo sério, não é uma competência que se forma com algumas “dicas” - apenas o estudo dedicado, uma prática constante da escrita e muita leitura levarão à competência na produção escrita. Algumas dicas, colocadas no momento de algum problema específico, podem ajudar, mas, colocadas como uma fórmula mágica para escrever bem, são uma falácia. (GOMES, 2009, p. 116)

A consolidação do ato da escrita é uma das atividades mais complexas que os seres humanos podem efetivar. Para chegar até a escrita de um texto bem sucedido, as exigências de raciocínio são diversas. Por este motivo é que o texto é, cada vez mais, uma prática social. Onde quer que se escreva, seja em livros, trabalhos acadêmicos ou em redes sociais, o objetivo é sempre o de estabelecer comunicação, dizer a sua verdade e transformar de modo positivo a sociedade em que vivemos.

Outro estudante pesquisado aponta para a necessidade de ampliação da proposta de redações, como vemos a seguir:

**Estudante 7:** *tendo mais proposta de texto.*

A questão da escrita em sala de aula ainda esbarra em outro aspecto a ser considerado: a flexibilização ou não que o currículo oferece aos professores para a escolha do que deve ser trabalhado em sala de aula. Nem sempre é fácil atender à necessidade de ensinar o português e, ao mesmo tempo, destinar espaços de tempo adequados e suficientes para a prática de leitura, interpretação, debate e escrita. Por vezes, estas últimas atividades são entendidas pela comunidade escolar e pelas próprias instituições como perda de tempo. Vemos em Geraldi esta preocupação:

Por outro lado, os professores de comunicação e expressão, inconformados com o bizantinismo dos programas oficiais, têm frequentemente tentado superar, na prática, a dicotomia língua/literatura. Buscam integrar o trabalho com a linguagem em sala de aula, através da leitura ou da produção de textos que levem aluno a assumir crítica e criativamente a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor-intérprete. (GERALDI, 2014, p. 19)

A escrita é uma atividade crítica que, trabalhada com seriedade e compromisso dentro dos espaços escolares, proporciona a inserção de todas as realidades e vivências de modo igual na sociedade. Entretanto, para que isto aconteça, ainda é necessário que as práticas da linguagem e o reconhecimento do valor da comunicação sejam trabalhados de maneira consciente e de acordo com as necessidades e possibilidades dos estudantes dentro das salas de aula.

Ainda neste sentido de proximidade daquilo que se pensa e o que se escreve, outro estudante pesquisado apontou que para escrever precisa:

**Estudante 8:** *Saber colocar meus pensamentos no papel*

A resposta acima aponta para a necessidade de tornar a escrita uma atividade crítica, próxima da realidade dos estudantes e, acima de tudo, potência para a transformação da sociedade. Quando um estudante declara que não consegue colocar os seus pensamentos no papel, de forma escrita, possivelmente ele aponta para o processo de alienação ao qual foi exposto durante a sua formação. Neste sentido, podemos atentar novamente para as palavras de Geraldi:

Como se vê, é o conceito de trabalho (não alienado) que supera a concepção tradicional de literatura, de língua e de saber. Se conseguimos que ele esteja no centro de nossas preocupações pedagógicas, entendido como prática de um sujeito agindo sobre o mundo para transformá-lo e, para, através da sua ação, afirmar a sua liberdade e fugir à alienação, estaremos talvez conseguindo formar uma capacidade linguística plural nos nossos alunos, pela qual poderão, inclusive, de quebra, dominar qualquer regra gramatical, qualquer rótulo fornecido pela retórica ou pela história literária. A escola que conseguir isso certamente formará pessoas com a metade dos nossos bloqueios, de expressão verbal e outros... (GERALDI, 2014, p. 25)

A formação básica deve buscar pela libertação de padrões, repetição de fórmulas de conceitos já pré-elaborados e determinados pela escola tradicional. O conhecimento das normas gramaticais da língua padrão e dos saberes já construídos por gerações deve ser entendido como um direito a ser assegurado aos estudantes e não como único objetivo do ensino da língua portuguesa. Ao contrário, este conhecimento precisa ser visto como ferramenta fundamental para a escrita, para que os pensamentos e concepções dos estudantes sejam transcritos em seus textos.

Estudantes verdadeiramente preparados para a vida adulta e para o mercado

de trabalho deveriam ter plenamente desenvolvida a capacidade de transcrição dos seus pensamentos para textos argumentativos, afinal, é para isto que se escreve. Qualquer atividade de escrita que distancie o sujeito daquilo que ele sabe e acredita torna-se vazia de significado, assim como um trabalhador que é impedido de usufruir dos frutos de seu trabalho.

Outro estudante descreve a necessidade de concentração:

**Estudante 9:** *A me concentrar mais*

Esta declaração também aponta claramente para a organização do pensamento, para a utilização dos saberes já construídos durante as aulas na prática da escrita. Como já mencionado anteriormente, a escola ainda representa, para a maioria dos estudantes de instituições públicas, o único espaço destinado exclusivamente à apropriação de conhecimento. Muitos jovens, fora do ambiente escolar, utilizam seu tempo para contribuir com a renda da família, trabalhando com suas famílias no campo ou mesmo prestando algum serviço quando residem na zona urbana. Dessa forma, espaço para dedicar ao pensamento, à leitura e à concentração são oferecidos apenas pelas salas de aula.

Para a escrita é necessária concentração, elaboração de ideias e, especialmente, tempo. Nesse sentido, mais uma vez, a organização do currículo escolar é fundamental para que esses espaços de tempo sejam garantidos na organização das aulas e das atividades que são oferecidas aos estudantes.

A questão do conhecimento foi amplamente abordada pelos pesquisados nesta pergunta, tanto que mais um dos entrevistados citou o saber constituído em sua resposta, como vemos:

**Estudante 10:** *Me aprofundar mais , para obter um bom conhecimento*

Novamente, pode-se perceber que os pesquisados apontam para a necessidade de construção de saber no ambiente da sala de aula. Quando declara que para escrever bem, precisa “aprofundar mais”, provavelmente, este estudante aponta para práticas de leitura, interpretação e aplicação de saberes. Além de dizer que todas as áreas do conhecimento são acessadas para a construção da escrita, precisamos estar atentos especialmente ao estudo da língua portuguesa, ferramenta principal para a construção dos textos escritos. É de fundamental importância que o que se aprende esteja associado com a vida dos estudantes. Vemos em Clecio Bunzen:

Para dar autonomia a esse aluno de EM e promover uma prática de ensino

de língua materna - menos artificial e instrumental, e contemple a necessidade de jovens que já produzem textos em gêneros diversos, [...] temos de pensar em aulas e materiais didáticos para este nível de ensino que estabeleçam uma inter-relação entre as atividades de leitura, produção de texto e análise linguística e que não fragmentem a relação entre língua e vida. (BUNZEN, 2009, p. 159)

A escrita precisa ser entendida urgentemente como um ato de libertação e, para que isso ocorra, a ferramenta essencial da qual se utiliza para a sua efetivação (a língua portuguesa) não pode ser aprendida de forma fragmentada, distante e como a citação acima declara, artificial.

Neste sentido, a seguir, os cinco estudantes a seguir apontaram para a gramática como necessária para a melhora na escrita, como vemos:

**Estudante 11:** *Aprender mais o uso de vírgulas e acentuação.*

**Estudante 12:** *Acredito que mais treino, conhecimento sobre os assuntos, e ter mais habilidades sobre as gramáticas.*

**Estudante 13:** *Acentuação, classe gramatical das palavras, como escrever e argumentar em uma redação, etc...*

**Estudante 14:** *uma melhora na acentuação*

**Estudante 15:** *gramática, pontuação e uso de acentos*

Considerando o total de quinze estudantes entrevistados, o fato de cinco (um terço dos entrevistados), espontaneamente, apontarem o estudo da gramática como importante para o desenvolvimento da escrita, podemos perceber o quanto é relevante discutir sobre este tema. Obviamente, os estudantes percebem que conhecer a língua padrão, os seus conceitos e regras é de fundamental importância para que o ato da escrita seja consolidado.

Entretanto, o que acontece na maioria dos ambientes escolares é a repetição de conceitos de gramática através de exercícios previamente elaborados e oferecidos através de livros didáticos que trazem temas, por vezes, distantes da realidade dos sujeitos que ali estão. Desse modo, decoram-se regras que não são aplicadas no momento da escrita e, quando há necessidade de escrever, os saberes que foram decorados não contribuem diretamente para a sua finalidade.

As provas de língua portuguesa frequentemente apontam para este padrão de aprendizado. São cobrados os saberes apresentados aos estudantes dentro de determinado espaço de tempo, muitas vezes sem considerar o quanto estes saberes de fato contribuíram para a formação da habilidade de escrita daquele sujeito. Um exemplo muito comum é o de que os alunos aprendem regras de acentuação ou de

separação silábica de palavras que, em alguns casos, desconhecem o significado. Talvez por essa razão, quatro dos estudantes acima apontaram para a necessidade de aprender sobre a acentuação. É bastante provável que, em todos os anos nos quais estiveram na escola, estes estudantes tenham sido apresentados às regras de acentuação, mas de modo vazio. Assim, ainda consideram que precisam aprender sobre este assunto para escrever melhor, porque ainda o desconhecem.

A necessidade de que as aulas de língua portuguesa sejam diferentes e próximas da realidade dos alunos, muitas vezes acaba sendo mitigada pela necessidade de atendimento ao currículo imposto pelas políticas educacionais, que determinam quais conceitos, habilidades e saberes devem ser desenvolvidos e em quais espaços eles são mais ou menos adequados. Desse modo, afasta-se a criatividade, a curiosidade, daquilo que se está aprendendo. Vejamos o que diz Geraldi:

Na medida em que a escola concebe o ensino da língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais e, visando a produção correta do enunciado e comunicativo culto, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara de pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes; por isso não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa mensagem definida. (GERALDI, 2014, p. 24)

Com base em todas as necessidades e inquietações descritas pelos pesquisados, foi constituído o produto educacional vinculado a esta pesquisa, uma oficina de criação de textos dissertativos, que tentou auxiliar de modo prático e criativo a sanar dúvidas expostas. O produto educacional será descrito no item a seguir.

## 8 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional, elemento importante na validação do curso de mestrado da EPT, torna-se, a partir do proposto neste trabalho de pesquisa, uma oportunidade de contribuir, de modo concreto, para que estudantes do ensino médio adquiram maior competência na escrita de textos dissertativos.

Observando o conceito de Kaplún, vemos que:

Entendemos por material educativo um objeto que facilita a experiência de aprendizado; ou, se preferirmos, uma experiência mediada para o aprendizado. Esta definição aparentemente simples tem várias consequências. A que mais nos importa é a que diz que um material educativo não é apenas um objeto (texto, multimídia, audiovisual ou qualquer outro) que proporciona informação, mas sim, em determinado contexto, algo que facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizado, isto é, uma experiência de mudança e enriquecimento em algum sentido: conceitual ou perceptivo, axiológico ou afetivo, de habilidades ou atitudes etc. (KAPLÚN, p.46, 2003)

O produto educacional proposto nesta pesquisa visa elucidar um problema bastante comum entre os estudantes do ensino médio: a dificuldade na escrita de textos argumentativos. Através da pesquisa junto aos estudantes, foram citadas as principais lacunas no processo de aprendizagem que levam os jovens a encontrar tamanha dificuldade na transcrição de seus pensamentos e conceitos para a linguagem escrita.

A ação pedagógica no ensino de leitura e escrita costuma estar centrada apenas na aquisição de conceitos gramaticais, pouco ou nada se preocupa com a proximidade existente entre a necessidade de comunicação (inerente aos seres humanos) e a escrita. Em Freire, observamos que a escrita é uma importante ferramenta de registro dos acontecimentos cotidianos para que futuras gerações compreendam os processos históricos que nos trouxeram até os dias atuais:

Curiosamente, Paulo, descobrimos, em nossa pesquisa, que membros da classe trabalhadora sentiram uma espécie de obrigação moral de registrar sua experiência, e achamos cadernos onde tudo se vê em sua totalidade. Entremeia-se o familiar, o individual, as defesas individuais e desesperadas, com o que se passa na sociedade, com as greves que ocorrem na ocasião, com o papel da Igreja, com os guardas que estão dentro das minas, verdadeiro exército particular. Tudo isso, Paulo, vazado numa linguagem que é uma linguagem da vida, da história cotidiana. (FREIRE, p. 9, 1985)

Nesse pequeno trecho do livro: Por uma Pedagogia da Pergunta, fica evidente a necessidade de que a escrita deixe de ser apenas uma obrigação a ser aprendida pelos estudantes, mas que se torne uma ferramenta de vida. Espera-se que, através da escrita, os jovens se constituam como cidadãos capazes de questionar a sociedade

em que vivem, registrando suas impressões com vistas à melhoria da qualidade de vida de todos.

Com relação à educação profissional e tecnológica, precisa-se com urgência estimular a produção de conhecimento, a criatividade, a crítica. Enfim, o preparo intelectual e não simplesmente a aquisição de conceitos para aplicação em funções exigidas pelo mercado de trabalho.

Observando o conceito de formação integrada, politécnica e educação tecnológica, em Ciavatta, vemos que:

O termos formação integrada, formação politécnica e, mais recentemente, educação tecnológica buscam responder, também, às necessidades do mundo do trabalho permeado pela presença da ciência e da tecnologia como forças produtivas, geradoras de valores, fontes de riqueza. Mas, também, por força de sua apropriação privada, gênese da exclusão de grande parte da humanidade relegada às atividades precarizadas, ao subemprego, ao desemprego, à perda dos vínculos comunitários e da própria identidade. (CIAVATTA, p.3, 2005)

Desse modo, precisamos propor atividades que fujam à lógica de simples preparação. A escrita é, por si, um processo criativo que envolve leitura, observação, análise e reelaboração de pensamento para, finalmente, produção.

Tradicionalmente, o incentivo ao pensamento e à análise são tarefas reservadas às classes dominantes, por tomarem grande tempo de preparo e amadurecimento. Entretanto, a escrita representa uma ferramenta para que os menos favorecidos consigam defender seu lugar de direito na sociedade, como vemos em Freire:

No processo de divisão, que era feito na época de debulha, os sacos eram pesados pelo capataz, o único que sabia ler e escrever. Um dia eu me dei conta de que, ao pesar os sacos, ele apresentava números falsos, inferiores ao marcados pela balança. [...] Assim, tornamos consciência da importância que significava para o povo o uso da cultura escrita na luta contra a injustiça. (FREIRE, p. 13, 1985)

Percebe-se assim, a necessidade de incentivo ao aprendizado efetivo da escrita, passando antes pela leitura, análise e conhecimento mais amplo de diversos outros saberes fornecidos pelas áreas de conhecimento das Ciências Humanas, Exatas e Naturais.

Hodiernamente, uma parcela significativa de jovens egressos do ensino médio não possuem capacidade plena de leitura e interpretação, ou seja, são considerados analfabetos funcionais, apesar de alfabetizados. Não possuem habilidade suficiente de compreender o que leem, não apenas em Língua Portuguesa como também na análise de gráficos e imagens.

A partir da entrevista e da aplicação de questionário e, considerando a aplicação do produto como oportunidade de aprendizado, foi desenvolvida e aplicada junto aos investigados uma oficina de criação de textos argumentativos, onde os estudantes foram instigados a registrar, de forma escrita, seus pensamentos acerca de temas propostos, atendendo ao que se espera de um texto argumentativo: aplicação da norma padrão da Língua Portuguesa, presença de uma tese, uso de argumentos capazes de sustentar esta tese e proposta de intervenção para sanar a questão apresentada.

Além de atender às necessidades dos estudantes no que tange à dificuldade de escrita de textos dissertativo-argumentativos, a oficina também tem o objetivo de auxiliar estes estudantes nos próximos passos da vida acadêmica, como a prova do ENEM, concursos vestibulares e mesmo a escrita nos cursos de ensino superior nos quais os estudantes deverão ingressar. Além disso, todo o aprendizado adquirido por estes estudantes no processo servirá para a sua trajetória pessoal, participação na sociedade em que vivem de forma plena e consciente.

Obviamente que, para a elaboração deste produto, foram observadas as demandas provenientes das falas dos estudantes e de quais são suas principais dificuldades quando solicitados a escrever um texto.

Finalmente, após a aplicação do produto educacional, foi oportunizada a avaliação deste trabalho pelos estudantes envolvidos, através de aplicação de questionário, com a observação dos resultados pós produto educacional, suas limitações e possíveis melhoramentos.

O produto educacional - Oficina de Produção Textual encontra-se disponível para acesso na Plataforma Educapes, no seguinte link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/728879>.

## 8.1 APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL - AS PRODUÇÕES ESCRITAS E A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A OFICINA DE CRIAÇÃO DE TEXTOS.

O produto educacional - Oficina de Criação de texto - foi elaborado tendo em vista todos os elementos apresentados na análise dos questionários aplicados aos estudantes do terceiro ano do ensino médio pesquisados neste trabalho.

Dessa forma, foram organizadas as atividades e propostas de construção de texto que atendessem aos anseios, dúvidas e inquietações dos estudantes envolvidos na pesquisa.

A oficina foi montada na plataforma Google Classroom<sup>7</sup>, proporcionando que a pesquisadora tivesse, em aulas presenciais, o contato direto com os estudantes e que as atividades também fossem executadas no modo remoto, bem como o acesso aos materiais da oficina ficassem disponíveis aos estudantes.

Figura 9: Layout da Oficina de Produção textual, já no Classroom



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A elaboração dos materiais e atividades propostas no produto tentaram, em todos os momentos, alcançar as dúvidas apresentadas durante a realização da pesquisa, como forma de auxiliar os estudantes concluintes do ensino médio na escrita de textos dissertativo-argumentativos.

No primeiro encontro de aplicação do Produto Educacional, um dos desafios impostos à execução do trabalho foi proporcionar o acesso à internet e aos equipamentos necessários para a montagem da turma no Classroom. A execução do

<sup>7</sup> O Classroom é uma plataforma criada pela Google com a intenção de gerenciar atividades de ensino-aprendizagem. Possui diversas funcionalidades gratuitas de armazenamento de informações, e interação com os estudantes, como propor atividades, dar feedback das tarefas, atribuir notas, entre outras.

projeto foi possível graças ao fato da escola contar com um bem equipado laboratório de informática, com chromebooks que possuíam acesso à internet. Dessa forma, todos os estudantes puderam acessar a turma da oficina e começar a interagir através da plataforma, sem maiores dificuldades. Também foi colocada aos estudantes a possibilidade de acesso à plataforma Classroom através do celular. Desse modo, as atividades propostas de modo remoto puderam ser acessadas livremente pelos estudantes em outros locais que não apenas a escola, o laboratório ou a sala de aula.

A utilização deste modo de trabalho foi fundamental para que o tempo aplicado às tarefas de produção, presenciais, individuais ou coletivas, fosse realmente utilizado para este fim. Na obra: Ensino Híbrido - Personalização e Tecnologia na Educação, podemos compreender que a aprendizagem necessita de interação, troca, mas também precisa de momentos de inserção personalizada e particular de leituras, elaboração de pensamento e análise, como vemos:

A aprendizagem se constrói em um processo equilibrado entre a elaboração coletiva – por meio de múltiplas formas de colaboração em diversos grupos – e a personalizada – em que cada um percorre roteiros diferenciadores. A aprendizagem acontece no movimento fluido, constante e intenso entre a comunicação grupal e a pessoal, entre a colaboração com pessoas motivadas e o diálogo de cada um consigo mesmo, com todas as instâncias que o compõem e definem, em uma reelaboração permanente. (BACICH, 2015, p.49)

Tentando atender a essas diversas necessidades, a elaboração da oficina em formato híbrido procurou, de certo modo, atender diferentes necessidades em diferentes sujeitos e, em todos os casos, promover o conhecimento e acesso à informação.

No âmbito da sala de aula, nas atividades presenciais, a receptividade sempre permeou o trabalho proposto. Tanto da parte dos estudantes que se dispuseram a participar das tarefas quanto da professora regente, que abraçou o trabalho como parte de seu fazer pedagógico, inclusive auxiliando na aplicação das atividades ou sanando dúvidas que os estudantes apresentavam ao longo da realização das tarefas.

Nos diálogos, que foram bastante proveitosos, as questões não eram apenas respondidas pelas professoras, mas eram socializadas. Muitas respostas sobre escrita, sobre as dificuldades e anseios eram melhor compreendidas e resolvidas entre os próprios estudantes, que, na mesma situação de dúvida e ansiedade, compartilhavam dicas para organizar o pensamento e concluir as tarefas propostas. Certamente, esta ajuda mútua virá a servir nos momentos em que, cada um, sozinho, tenha que executar suas tarefas de escrita, na vida futura.

Quanto aos temas propostos para escrita, alguns sugeridos pela própria oficina, outros de livre interesse dos estudantes, as mais variadas opções foram elencadas. Entre os estudantes, temas como: violência doméstica, meio-ambiente, saúde mental na juventude, problemas no sistema educacional, racismo, preconceito religioso, importância da leitura, infância e outros surgiram naturalmente. Prova de que questões importantes habitam os pensamentos dos jovens, embora ainda sejam poucas as reais oportunidades de falar ou melhor conhecer sobre estes assuntos no ambiente escolar ou fora dele.

Além de participar da oficina, aos estudantes foi também oportunizado um momento para avaliar o produto. As questões propostas aos estudantes participantes visavam conhecer as impressões dos estudantes acerca da oficina, visando melhoramentos no próprio material, bem como atender ao que orienta o regulamento do ProfEPT quanto à validação dos produtos educacionais. Desse modo, foi disponibilizado aos estudantes um questionário no Google Forms, contando com 10 questões diretamente relacionadas à oficina. As questões constantes do formulário encontram-se no Apêndice F deste trabalho.

Constatou-se, a partir da análise dos dados obtidos, que a Oficina de Produção Textual foi amplamente aceita pela comunidade na qual os trabalhos foram realizados, como vemos a seguir:

Com relação à acessibilidade e entendimento do trabalho proposto, elementos fundamentais para que o produto de fato alcance o seu propósito, 84,6% dos estudantes acreditam que a oficina atende plenamente estes requisitos e 15,4% concordam parcialmente. As respostas coletadas ficaram assim distribuídas:

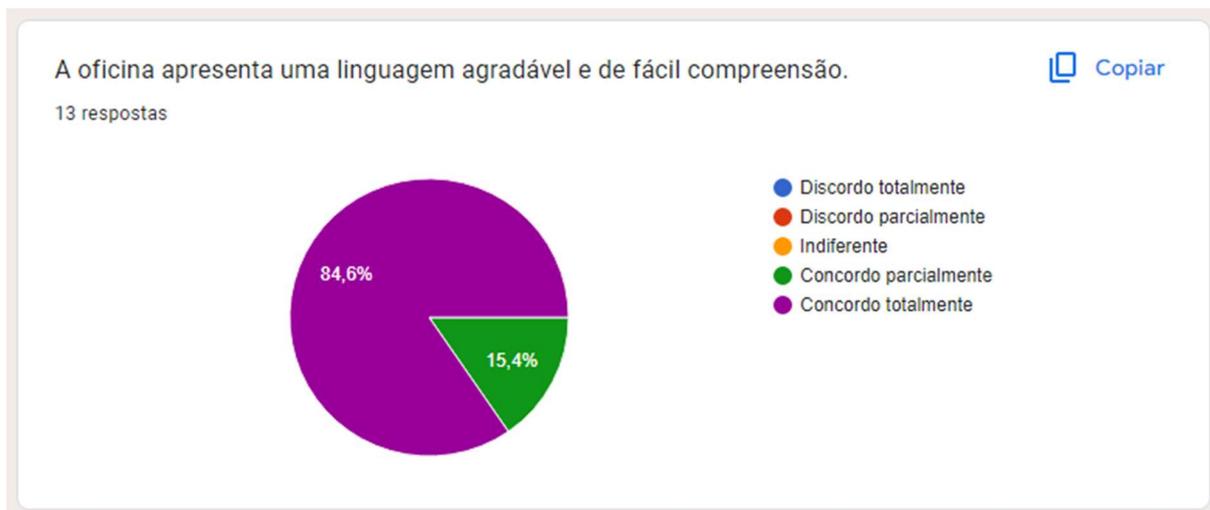
Figura 10: Acessibilidade e entendimento



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com relação à linguagem utilizada e a compreensão, os índices demonstrados também se mantiveram bastante positivos, como vemos:

Figura 11: Linguagem utilizada



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quanto à organização e estrutura da oficina, da mesma forma, os índices de aceitação se demonstraram bastante significativos, com 92,3% dos entrevistados declarando que concordam plenamente com o uso apropriado da estrutura organizacional, as apresentações, ilustrações, recursos de multimídia e a temática, como vemos no quadro a seguir:

Figura 12: Estrutura e recursos



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Com relação à compreensão da proposta, 92,3% dos entrevistados revelam que compreenderam totalmente o material apresentado, como vemos:

Figura 13: Compreensão de conteúdos e informações:



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No que diz respeito ao fato de chamar a atenção dos estudantes, os índices apresentaram os seguintes resultados: 69,2% dos entrevistados concordam plenamente, que as informações contidas chamam atenção, enquanto 23,1% concordam parcialmente e 7,7% demonstram-se indiferentes quanto a este aspecto, como vemos no gráfico disponibilizado pelo próprio formulário de respostas.

Figura 14: Informações atrativas:



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Já com relação ao aprendizado, 100% dos entrevistados concorda que a oficina proporciona interação e aprendizado:

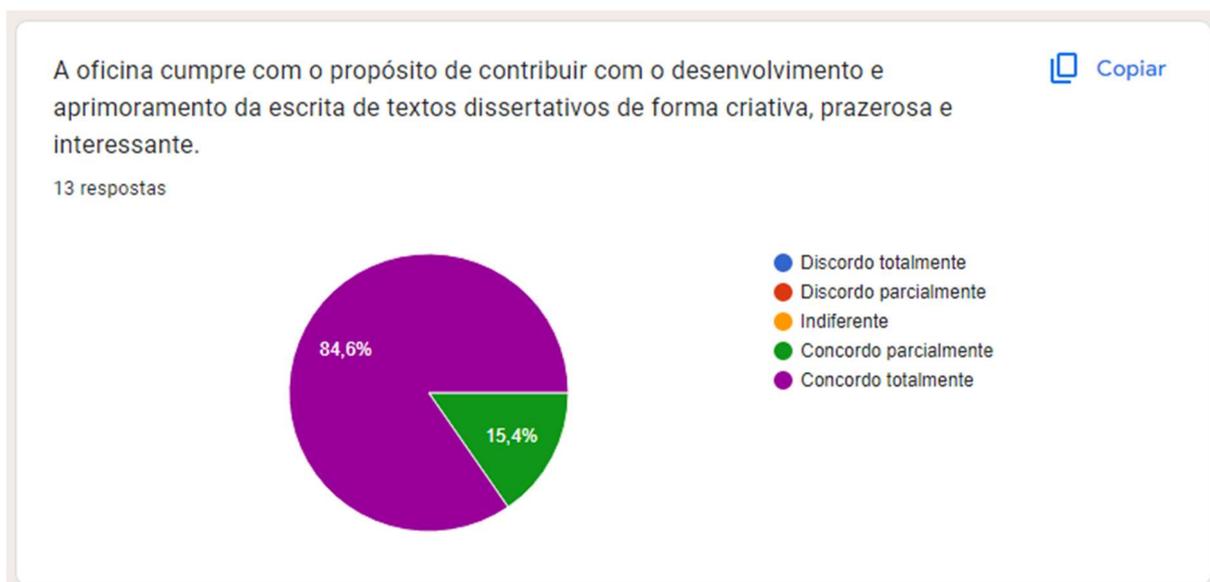
Figura 15: Interatividade e aprendizado:



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quando questionados se a oficina cumpre com o seu propósito, de aprimorar a escrita, 84,6% concordam plenamente que sim, enquanto 15,4% concordam parcialmente, como nos mostra a próxima figura:

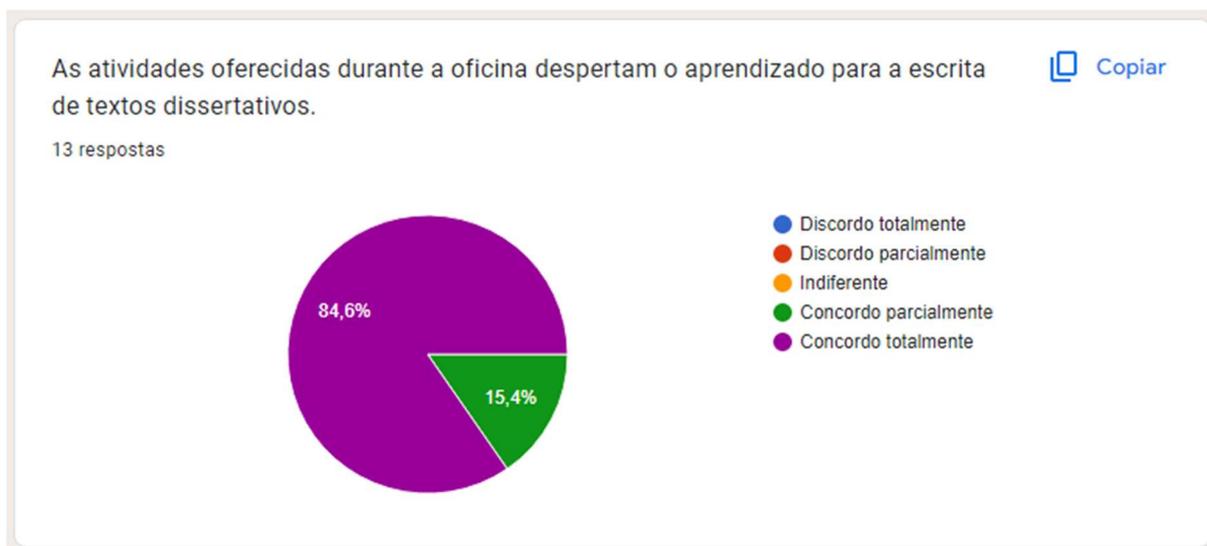
Figura 16: Cumprimento do propósito de aprendizagem:



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A última questão com opções de múltipla escolha questiona sobre o aprendizado necessário para a escrita. Mais uma vez, 84,6% dos entrevistados concorda totalmente com a afirmação, enquanto 15,4% concordam parcialmente.

Figura 17: Despertar o aprendizado:



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

As duas últimas questões sugerem apontamentos positivos e negativos encontrados pelos estudantes na oficina de produção textual. Abaixo estão relacionadas algumas respostas apresentadas, com relação aos pontos positivos percebidos na oficina:

**Estudante 1:** *A oficina me tirou dúvidas que antes eu tinha sobre a redação.*

**Estudante 2:** *Ajudou a organizar e desenvolver textos de redação de uma forma fácil e prática, ajudando a aprender mais sobre o uso de certas palavras para melhor entendimento sobre os assuntos falados*

**Estudante 3:** *Eu acredito que tenha me encontrado no passo a passo da escrita, o que ajuda a concluir um texto mais facilmente.*

**Estudante 4:** *eu achei o passo a passo das atividades fácil de entender*

**Estudante 5:** *Para mim, os principais pontos positivos foram a capacidade de melhorar a escrita para a produção dos textos dissertativos e a explicação da professora para melhor entendimento.*

**Estudante 6:** *vídeos curtos mas com muita informação importante, atividades tranquilas de se fazer*

**Estudante 7:** *Desenvolvimento na escrita*

**Estudante 8:** *materiais e atividades para escrever*

**Estudante 9:** *Aprendi dicas na hora de escrever a redação.*

**Estudante 10:** *Um ponto positivo foi aprender o roteiro para escrever uma redação*

**Estudante 11:** *Bastante material e videos para aprender a escrever uma redação.*

**Estudante 12:** *Aprender a escrever textos*

Com relação aos pontos negativos, as respostas são as seguintes:

**Estudante 1:** *Não encontrei dificuldades.*

**Estudante 2:** *Apenas no início onde encontrei certas dúvidas com palavras mais formais na qual não sabia o significado, mas com o tempo aprendi*

**Estudante 3:** *É difícil colocar todas as ideias no papel, e pensar em tudo mas no fim tudo se conclui*

**Estudante 4:** *não encontrei nenhum ponto negativo*

**Estudante 5:** *A criatividade para começar a falar sobre o tema abordado*

**Estudante 6:** *Uma dificuldade era se concentrar no meio da sala para escrever os textos*

**Estudante 7:** *Criatividade em certas palavras*

**Estudante 8:** *pensar para escrever é difícil*

**Estudante 9:** *Não tive dificuldades para fazer as atividades.*

**Estudante 10:** *Não achei nada difícil*

**Estudante 11:** *Nenhuma*

**Estudante 12:** *Não achei nada difícil de fazer*

Salienta-se que, após a validação pela banca examinadora, o produto educacional deverá ser disponibilizado à comunidade, sendo depositado na Plataforma EDUCAPES e registrado como produto vinculado à dissertação de pesquisa em EPT.

Além do trabalho até aqui já efetivado, em ocasiões futuras ou estudos posteriores, este trabalho pode ainda ser apresentado a grupos de professores, para aplicação, análise e melhoramentos.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola e as práticas que são nela desenvolvidas encaminham, definitivamente, o futuro das próximas gerações.

A busca pelo conhecimento através de propostas que conversem com a realidade dos estudantes, sem excluir nenhuma fala, sem diminuir ou menosprezar saberes pode modificar radicalmente os preocupantes níveis de evasão escolar, baixo desempenho ou formação vazia de saberes significativos.

Neste lapso de tempo em que a juventude tem a oportunidade de aprender a ler, escrever e conviver com os demais, precisamos, com urgência, ensinar a pensar.

Considerando que muitos ainda entendem a escola como uma instituição que educa para a obediência, disciplina e repetição de conceitos, devemos atentar para as palavras de Marques:

Assim fomos "alfabetizados", em obediência a certos rituais. Fomos induzidos a, desde o início, escrever bonito e certo. Era preciso ter um começo, um desenvolvimento e um fim predeterminados. Isso estragava, porque bitolava, o começo e todo o resto. Tentaremos agora (quem? eu e você, leitor) conversando entender como necessitamos nos reeducar para fazer do escrever um ato inaugural; não apenas transcrição do que tínhamos em mente, do que já foi pensado ou dito, mas inauguração do próprio pensar. (MARQUES, p.15, 2006)

Não há como esperar que tenhamos, no futuro, escritores, pesquisadores e pensadores se a escola continuar a limitar a sua atuação à repetição, de forma alienada, dos saberes já constituídos e que servem apenas à preparação para o mercado de trabalho.

A escola, através do trabalho docente e do diálogo com todos os segmentos de sua comunidade, precisa instigar os estudantes à pesquisa, ao registro de suas impressões, reinvenção de conceitos, muito mais do que apenas a repetição do que já foi construído pela humanidade.

O ato de escrita precisa ser libertador, desde o início da formação até às produções acadêmicas, para que todos os saberes e conhecimentos sejam trazidos à luz e devidamente reconhecidos como parte de um todo que compõem as comunidades, as populações. Não apenas o que já foi dito pelos estudiosos, mas também aquelas experiências que são vivenciadas nas situações reais de sala de aula necessitam ser conhecidas, consideradas e avaliadas para que novos parâmetros sejam estabelecidos em prol de construção de conhecimento.

Vemos esta preocupação com a liberdade, com o dizer de forma aberta e convicta o que se pensa e o que se sente em Geraldí:

Há uma espécie de intuição por parte de alguns professores mais inquietos de que a superação dessa dicotomia concorre para desenvolver a riqueza de possibilidade do dizer como “predicar, formar e apresentar, pelo discurso, um ponto de vista” (Bosi, Alfredo). (GERALDI, 2014, p. 19)

Já é tempo das instituições escolares incentivarem a real participação de suas comunidades escolares em um debate sobre os rumos que a educação pública deve tomar para que os jovens não se submetam apenas à obediência e subserviência. E ainda, que o elencado nestes debates, resulte em documentos norteadores das atividades docentes, para a formação omnilateral, democrática e significativa de cada um dos estudantes. Novamente, Geraldí, na sua obra - *A Aula como Acontecimento* - apresenta um panorama bastante esclarecedor sobre a realidade vivida nas escolas:

Mas essa intuição e esse desejo de mudar frequentemente esbarram com o peso da tradição, com a imposição dos programas a cumprir ou mesmo com as justificações teóricas do ensino tradicional da gramática - como fundamental ao domínio da fala e da escrita ou como forma objetiva de comprovar uma produção, um progresso, um acúmulo de informações perfeitamente mensuráveis e notáveis no trabalho de um estudante. (GERALDI, 2014, p. 19)

A pesquisa aqui apresentada teve como principal foco tentar elucidar os reais problemas que impedem o aprendizado da leitura e da escrita de forma emancipadora, que contribua para a formação de futuros cidadãos reflexivos, críticos e protagonistas de suas histórias. Com a intenção de melhor entender quais as reais dificuldades e impasses, a pesquisa buscou, através da coleta de dados por meio de questionário, que os próprios estudantes, sujeitos fundamentais deste processo, registrassem suas impressões sobre as dificuldades encontradas.

Quando questionados sobre a importância da escrita em suas vidas, todos os entrevistados responderam que acreditam que esta habilidade é importante e, quando questionados sobre o que pensam que deveriam aprender para desenvolver esta habilidade, muitos apontaram a leitura.

As instituições escolares, em suas formações, necessitam, de forma urgente, ressignificar a aprendizagem. De nada serve aprender conceitos da língua isolados, vazios de significado, sem objetivos claros, dissociados de leitura, interpretação e escrita.

Como descreve Irandé Antunes:

[...] desde a definição dos objetivos, passando pela seleção dos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em

tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, seu uso e de aprendizagem. (ANTUNES, 2003, p. 39)

Aprende-se a escrever lendo o mundo, através das palavras, através do conhecimento nas diversas disciplinas e através da interação. O ser humano tem a necessidade de se comunicar com outros seres humanos. Se a escola não proporciona momentos de comunicação, de aprender a comunicar, também nega aprendizado.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Compromisso*, nos mostra:

Os professores e professoras Democráticos intervêm o mundo através do cultivo da curiosidade e da Inteligência esperançosa, que se desdobra na compreensão comunicante do mundo. E isso fazemos de diferentes maneiras. Intervimos no mundo através de nossa prática concreta, intervimos no mundo através da responsabilidade, através de uma intervenção estética, cada vez que somos capazes de expressar a beleza do mundo. (FREIRE, 2018, p. 27)

Ao analisar os dados da pesquisa e, especialmente, ao elaborar e aplicar um produto educacional que proporcione espaços de aprendizagem e de comunicação, esta pesquisa se propôs a viabilizar um pequeno espaço onde aprender não seja apenas significativo para a escola ou para a sociedade, mas para os próprios estudantes. Trata-se de um pequeno passo frente ao tamanho das dificuldades que ainda precisam ser enfrentadas para tornar o aprendizado em língua portuguesa e escrita de textos realmente satisfatório em instituições públicas, mas ainda assim, esta pesquisa tentou auxiliar os sujeitos que nela se envolveram, proporcionando momentos de reflexão, momentos de aquisição de saber e momentos de fala.

Com relação ao Produto Educacional - Oficina de Produção Textual, os benefícios gerados aos estudantes incluem: acesso a materiais que podem contribuir com a escrita, oportunidade de leitura, troca e reescrita de textos dissertativos. A oficina, elaborada no modelo híbrido de ensino, proporcionou, aos envolvidos, momentos de convivência colaborativa, onde os saberes adquiridos previamente, através das leituras, eram socializados por todos no ambiente presencial da sala de aula.

Essa dinâmica de atividade não seria possível sem o auxílio da Internet e das ferramentas que ela proporciona ao fazer pedagógico. O trabalho de montagem, o acesso aos conteúdos e a leitura prévia dos materiais para socialização em sala de aula dependeriam de muito mais tempo e recursos caso não estivéssemos já familiarizados com ferramentas digitais como o Google Classroom. A utilização destes

serviços na sala de aula, de maneira efetiva, lúdica e atrativa, impulsiona o interesse pelo aprender, pelo saber. Precisamos que, cada vez mais, as ferramentas tecnológicas sirvam para a elaboração de atividades que auxiliem o aprendizado dos estudantes dentro da sala de aula.

Espera-se que este trabalho seja um mecanismo promotor de alternativas para a transformação positiva das atuais práticas pedagógicas, sempre visando a formação omnilateral na escola, a formação que visa a construção de uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

A conclusão desta pesquisa não significa que este trabalho esteja totalmente finalizado. Sempre existem outras dúvidas, outras histórias a serem contadas e a necessidade de que elas sejam ouvidas com o devido interesse e respeito. Desse modo, novas pesquisas acerca da dificuldade na escrita precisam ser implementadas, bem como novas sugestões de solução para este impasse precisam ser trazidas à luz para que este saber alcance cada vez mais estudantes. Sendo assim, considera-se aqui encerrada uma etapa de um lindo trabalho, mas dentro de um tema que ainda tem muito a ser pesquisado e discutido.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. **Concepções de língua: ensino e avaliação; avaliação e ensino**. Revista de Letras, Fortaleza, v. 31, n.1/2, 2012, p. 83-86. Disponível em: <[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12955/1/2012\\_art\\_micmantunes.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12955/1/2012_art_micmantunes.pdf)> Acesso em 28 dez 2022
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a qualificação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre - Imagens e auto-imagens**. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2002.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português**. - 5.ed revista - Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (Orgs.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAUER, Martin & GASKELL, George. (org.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som – um manual prático**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: <<https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/10/pesquisa-qualitativa-com-texto-imagem-e-som-bauer-gaskell.pdf>> Acesso em: 03 de mar 2022
- BERENBLUM, Andrea. **A invenção da palavra oficial. Identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **A redação no Enem 2020: cartilha do participante**. Brasília, DF: INEP, 2020. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes\\_e\\_exames\\_da\\_educacao\\_basica/a\\_redacao\\_do\\_enem\\_2020\\_-\\_cartilha\\_do\\_participante.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/a_redacao_do_enem_2020_-_cartilha_do_participante.pdf)> Acesso em 27 dez. 2022
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>> Acesso em 10 jan 2023
- \_\_\_\_\_. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>> Acesso em 28 dez 2022

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996  
Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>  
Acesso em 30 dez 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192)> Acesso em 10 jan 2023

BRITTES, Leticia Ramalho. **Efeitos de sentidos sobre o trabalho dos professores de língua materna: uma abordagem sobre a produção do discurso pedagógico.** Orientadora: Prof. Dr. Lílina Soares Ferreira. 2011. 193p. Dissertação (Mestrado) Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Práticas Escolares e Políticas Públicas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Disponível em  
<<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6957/BRITES%2c%20LETICIA%20RAMALHO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 01 de mar 2022.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (orgs). **Português no ensino médio e formação do professor.** 3ª ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009. 255 p.

CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de Gramática. Orientações didáticas e sugestões de atividades.** 1ª ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2014.

CAVALCANTE, Tíssia Cassiany Ferro; LEITÃO, Selma **A natureza argumentativa nos processos inferenciais preditivos na compreensão textual.** *Estudos de Psicologia*, Natal, v.17, n. 1, jan./abr.2012. Disponível em  
<<https://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n1/05.pdf>> Acesso em 09 jun.2021

ClAVATTA, Maria. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** In. FRIGOTTO, G.; ClAVATTA, M; RAMOS, M.(orgs). *Ensino Médio Integrado: concepção e contradições.* São Paulo: Cortez, 2005.

DUFour, Dany-Robert. **A Arte de Reduzir as Cabeças. Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal.** Tradução: Sandra Regina Felgueiras; editor: José Nazar. - Rio de Janeiro. Companhia do Freud, 2005. 216 p.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução: Izabel Magalhaes. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 316 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro / São Paulo: Paz & Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. Paulo. **Pedagogia do Compromisso.** América Latina e Educação Popular - Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 1ª Ed: São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018. 255p.

\_\_\_\_\_. Paulo; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp->

content/uploads/2019/09/15.-Por-uma-Pedagogia-da-Pergunta.pdf> Acesso em 05 de jun 2022

GERALDI, João Wanderlei. **A aula como acontecimento**. 2ª Ed. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2015. 208 p.

\_\_\_\_\_. João Wanderlei (org.). **O texto na sala de aula**. 1ª Ed. São Paulo, SP: Corprint Gráfica e Editora Ltda, 2014, 136 p.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. 1ª Ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2009, 193 p.

GORSKI & COELHO, Eldair Maria, Izete Lehmkuhl. **Variação linguística e Ensino de Gramática**, 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12022>>. Acesso em 09 jun 2021.

JACOBINI, Maria Leticia de Paiva. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 4ª ed. Campinas, São Paulo. Editora Alínea, 2011.

INTERNET. **A escrita no Ensino Médio**. Disponível em <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22078/22078\\_3.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22078/22078_3.PDF)> Acesso em 07 jun 2021.

\_\_\_\_\_. **As finalidades do Ensino Médio na contemporaneidade**. Disponível em <<http://editorageracaodigital.com.br/blog/2019/11/07/as-finalidades-do-ensino-medio-na-contemporaneidade/>> Acesso em 07 jun 2021.

\_\_\_\_\_. **A importância do incentivo à leitura para o processo de formação do aluno**. Disponível em <[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264\\_7813.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17264_7813.pdf)> Acesso em 07 jun 2021.

\_\_\_\_\_. **Educação formal e não formal**. Disponível em <<https://www.escolas.inf.br/artigos/educacao-formal-e-nao-formal/>> Acesso em 09 jun 2021.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Gaúcho - Ensino Médio - RCGEM**. Disponível em: <<https://educacao.rs.gov.br/gestao-pedagogica>> Acesso em 07 mai 2022.

\_\_\_\_\_. **Tipologia textual e ensino de língua**. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41612/23986>> Acesso em 08 jun 2021.

LUKE, Allan. **Análise do discurso numa perspectiva crítica**. In: HYPÓLITO, Álvaro Moreira; GANDIN, Luís Armando. **Educação em tempos de incertezas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 93-110

KAPLÚN, Gabriel. **Comunicação apresentada no VI Congresso da ALAIC – Associação Latina-Americana de Pesquisadores da Comunicação**. Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, junho de 2002. Revista La Piragua. Comunicação & Educação, São Paulo, 2003.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5ª. ed. rev. - Ijuí : Ed. Unijuí, 2006. 154 p. (Coleção Mario Osorio Marques ; v. 1)

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares - 2ª ed. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2008 (Mundo do Trabalho).

MOREIRA HYPOLITO, Álvaro. **Políticas Curriculares, Estado e Regulação**. Educação & Sociedade, vol. 31, núm. 113, 2010, pp. 1337-1354. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87315816015>, Acesso em 05 de jun de 2022.

MOREIRA, Marco Antonio. **Pesquisa em Ensino: Métodos Qualitativos**. In Moreira, M.A. Metodologia De Pesquisa Em Ensino. São Paulo: Livraria da Física, 2011. P.73-116

MOURA, Dante Henrique. **Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: Dualidade Histórica e Perspectivas de Integração**. HOLOS, [S. I.], v. 2, p. 4–30, 2008. DOI: 10.15628/holos.2007.11. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão escolar, Democracia e qualidade do ensino**. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2018.

PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução de Daniel Aarão Reis Filho - 3ª ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2011. 192 p.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. **Literatura e visão de mundo**. Leitura e Visão de Mundo: Peças de um quebra-cabeça. Londrina: EDUEL, 2007.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. 2001. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf> Acesso em 01 mai 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

WODAK, Ruth. **Do que se trata a ACD - Um resumo de sua História, Conceitos Importantes e seus Desenvolvimentos**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237217555> Acesso em 22 ago 2022.

## **APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) PARA PARTICIPANTES MENORES DE IDADE**

Meu nome é Divane Bacin Bolzan, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Farroupilha e estou realizando esta pesquisa intitulada, “A importância do trabalho com a escrita argumentativa para o desenvolvimento sociocomunicativo dos estudantes - A construção e aplicabilidade da produção textual no Ensino Médio”, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Letícia Ramalho Brittes. Para coleta de dados, a pesquisadora realizará a aplicação de um questionário através do Google Forms.

A pesquisa deverá proporcionar benefícios às partes envolvidas, uma vez que, de seus resultados e análises, espera-se uma melhoria na qualidade da escrita entre os estudantes do Ensino Médio e, quem sabe, mudanças nas práticas pedagógicas em sala de aula. Estas ações têm em vista a melhoria da qualidade do ensino e da vida digna e participativa em sociedade. Cabe lembrar que o principal objetivo da pesquisa é ouvir os estudantes e proporcionar um espaço para que os mesmos opinem, reflitam e melhorem a sua capacidade na escrita de textos dissertativos.

Alguns riscos mínimos relacionados ao estudo podem ser provocados, como por exemplo: constrangimento, desconforto, cansaço ou qualquer outro sentimento proveniente das perguntas elaboradas ou do estado físico, psicológico ou emocional. Caso o participante sinta qualquer desconforto, poderá encerrar a participação na pesquisa a qualquer momento. É importante destacar que nenhuma proposta tem por objetivo provocar situações de desconforto ou estresse mas, caso elas ocorram, o participante será encaminhado pela pesquisadora aos órgãos competentes de saúde do município (psicólogos ou equipe de saúde) para acompanhamento especializado.

A sua participação é livre de despesas pessoais e de compensação financeira. Não haverá ressarcimento nem indenizações, visto que não existe despesa financeira alguma da parte dos envolvidos na pesquisa. É garantido o direito de anonimato dos participantes. Garante-se também a liberdade de retirada do consentimento em qualquer etapa da pesquisa, sem qualquer prejuízo aos entrevistados. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados no estudo.

Este termo de assentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder da pesquisadora e outra com o participante da pesquisa.

Em nenhum momento, durante a análise e divulgação dos resultados, você terá sua identidade exposta. A identidade será mantida no mais absoluto sigilo. Serão

omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). Os dados coletados constituirão um banco de dados que ficará sob a guarda do pesquisador do projeto por cinco anos. Depois desse prazo, os dados serão destruídos.

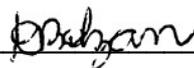
Diante disso, eu, \_\_\_\_\_, após a leitura desse documento, estou suficientemente informado (a), ficando claro que posso retirar este assentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício.

Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido (a), dos possíveis danos ou riscos dele provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar.

Assim, de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) estudante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o assentimento Livre e Esclarecido do(a) estudante para participar deste estudo.

\_\_\_\_\_  


Divane Bacin Bolzan - 55 996872157

Rua Demétrio Ribeiro, 55, Bairro Mauá, Jaguari/RS  
Jaguari, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IF Farroupilha  
Alameda Santiago do Chile, 195 – Bairro Nossa Senhora das Dores – CEP: 97050 –  
685 - Santa Maria, Rio Grande do Sul  
Fone/Fax: (55)32189850 e-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP  
SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte  
CEP: 70719-040, Brasília-DF

## **APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PARTICIPANTES DA PESQUISA MAIORES DE IDADE**

Meu nome é Divane Bacin Bolzan, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Farroupilha e estou realizando esta pesquisa intitulada, “A importância do trabalho com a escrita para o desenvolvimento sociocomunicativo dos estudantes - A construção e aplicabilidade da linguagem escrita no Ensino Médio”, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Letícia Ramalho Brittes. Para coleta de dados, a pesquisadora realizará a aplicação de um questionário através do Google Forms.

A pesquisa deverá proporcionar benefícios às partes envolvidas, uma vez que, de seus resultados e análises, espera-se uma melhoria na qualidade da escrita entre os estudantes do Ensino Médio e, quem sabe, mudanças nas práticas pedagógicas em sala de aula. Estas ações têm em vista a melhoria da qualidade do ensino e da vida digna e participativa em sociedade. Cabe lembrar que o principal objetivo da pesquisa é ouvir os estudantes e proporcionar um espaço para que os mesmos opinem, reflitam e melhorem a sua capacidade na escrita de textos dissertativos.

Alguns riscos mínimos relacionados ao estudo podem ser provocados, como por exemplo: constrangimento, desconforto, cansaço ou qualquer outro sentimento proveniente das perguntas elaboradas ou do estado físico, psicológico ou emocional. Caso o participante sinta qualquer desconforto, poderá encerrar a participação na pesquisa a qualquer momento. É importante destacar que nenhuma proposta tem por objetivo provocar situações de desconforto ou estresse mas, caso elas ocorram, o participante será encaminhado pela pesquisadora aos órgãos competentes de saúde do município (psicólogos ou equipe de saúde) para acompanhamento especializado.

A sua participação é livre de despesas pessoais e de compensação financeira. Não haverá ressarcimento nem indenizações, visto que não existe despesa financeira alguma da parte dos envolvidos na pesquisa. É garantido o direito de anonimato dos participantes. Garante-se também a liberdade de retirada do consentimento em qualquer etapa da pesquisa, sem qualquer prejuízo aos entrevistados. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados no estudo.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder da pesquisadora e outra com o participante da pesquisa.

Em nenhum momento, durante a análise e divulgação dos resultados, você terá sua identidade exposta. A identidade será mantida no mais absoluto sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). Os dados coletados constituirão um banco de dados que ficará sob a guarda do pesquisador do projeto por cinco anos. Depois desse prazo, os dados serão destruídos.

Diante disso, eu, \_\_\_\_\_, após a leitura desse documento, estou suficientemente informado (a), ficando claro que posso retirar este assentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício.

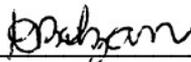
Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido (a), dos possíveis danos ou riscos dele provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar.

Assim, de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

---

Assinatura do(a) estudante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do(a) estudante para participar deste estudo.



---

Divane Bacin Bolzan - 55 996872157

Rua Demétrio Ribeiro, 55, Bairro Mauá, Jaguari/RS  
Jaguari, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IF Farroupilha  
Alameda Santiago do Chile, 195 – Bairro Nossa Senhora das Dores – CEP: 97050 –  
685 - Santa Maria, Rio Grande do Sul  
Fone/Fax: (55)32189850 e-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP  
SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte  
CEP: 70719-040, Brasília-DF

## **APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS OU RESPONSÁVEIS LEGAIS (TCLE)**

Meu nome é Divane Bacin Bolzan, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Farroupilha e estou realizando esta pesquisa intitulada, “A importância do trabalho com a escrita argumentativa para o desenvolvimento sociocomunicativo dos estudantes - A construção e aplicabilidade da produção textual no Ensino Médio”, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Letícia Ramalho Brittes. Para coleta de dados, a pesquisadora realizará a aplicação de um questionário através do Google Forms..

A pesquisa deverá proporcionar benefícios às partes envolvidas, uma vez que, de seus resultados e análises, espera-se uma melhoria na qualidade da escrita entre os estudantes do Ensino Médio e, quem sabe, mudanças nas práticas pedagógicas em sala de aula. Estas ações têm em vista a melhoria da qualidade do ensino e da vida digna e participativa em sociedade. Cabe lembrar que o principal objetivo da pesquisa é ouvir os estudantes e proporcionar um espaço para que os mesmos opinem, reflitam e melhorem a sua capacidade na escrita de textos dissertativos.

Alguns riscos mínimos relacionados ao estudo podem ser provocados, como por exemplo: constrangimento, desconforto, cansaço ou qualquer outro sentimento proveniente das perguntas elaboradas ou do estado físico, psicológico ou emocional. Caso o participante sinta qualquer desconforto, poderá encerrar a participação na pesquisa a qualquer momento. É importante destacar que nenhuma proposta tem por objetivo provocar situações de desconforto ou estresse mas, caso elas ocorram, o participante será encaminhado pela pesquisadora aos órgãos competentes de saúde do município (psicólogos ou equipe de saúde) para acompanhamento especializado.

A participação de seu(ua) filho(a) é livre de despesas pessoais e de compensação financeira. Não haverá ressarcimento nem indenizações, visto que não existe despesa financeira alguma da parte dos envolvidos na pesquisa. É garantido o direito de anonimato dos participantes. Garante-se também a liberdade de retirada do consentimento em qualquer etapa da pesquisa, sem qualquer prejuízo aos entrevistados. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados no estudo.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder da pesquisadora e outra com o participante da

pesquisa.

Em nenhum momento, durante a análise e divulgação dos resultados, os estudantes terão sua identidade exposta. A identidade será mantida no mais absoluto sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). Os dados coletados constituirão um banco de dados que ficará sob a guarda do pesquisador do projeto por cinco anos. Depois desse prazo, os dados serão destruídos.

Diante disso, eu, \_\_\_\_\_, portador do RG \_\_\_\_\_ e responsável pelo estudante \_\_\_\_\_ após a leitura desse documento, declaro ter conhecimento das informações nele contidas e da forma de participação dos estudantes nesta pesquisa. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para que o estudante sob a minha responsabilidade participe como voluntário desta pesquisa. Estou consciente de que o estudante pode deixar a pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido (a), dos possíveis danos ou riscos dele provenientes e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto e de espontânea vontade, expressei minha concordância em participar deste estudo.

---

Assinatura do(a) responsável

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o consentimento Livre e Esclarecido do(a) pai ou responsável legal do estudante para participar deste estudo.

---

Divane Baçin Bozani 55 996872157

Rua Demétrio Ribeiro, 55, Bairro Mauá, Jaguari/RS

Jaguari, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IF Farroupilha  
Alameda Santiago do Chile, 195 – Bairro Nossa Senhora das Dores – CEP: 97050 – 685 - Santa Maria, Rio Grande do Sul  
Fone/Fax: (55)32189850 e-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP  
SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte  
CEP: 70719-040, Brasília-DF

## APÊNDICE D - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS

Título do projeto: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COM A ESCRITA ARGUMENTATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIOCOMUNICATIVO DOS ESTUDANTES - A construção e aplicabilidade da produção textual no Ensino Médio

Pesquisador responsável: Divane Bacin Bolzan

Instituição: Instituto Federal Farroupilha

Telefone para contato: (55) 996872156

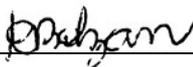
Local da coleta de dados: Instituto Estadual de Educação Professora Guilhermina Javorski - Jaguari - RS

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de questionário e grupo focal, conforme roteiro de questionamentos, na Instituição de ensino supracitada, no período estabelecido pelo cronograma.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como constituirão um banco de dados que ficará sob a guarda pesquisadora do projeto, por um período de cinco anos. Após este período os dados serão destruídos.

O projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IFFar em 25/11/2022, com o número de registro Caae 63132122.0.0000.5574.

Jaguari, 25 de novembro de 2022.



Assinatura do pesquisador responsável

## APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO

Solicitamos sua colaboração para responder às perguntas deste questionário, relativo à dissertação de mestrado de Divane Bacin Bolzan, mestranda pelo ProfEPT – Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Jaguarí. O presente questionário tem por objetivo orientar a mestranda na elaboração de produto educacional e pesquisa sobre as dificuldades que os estudantes do ensino médio enfrentam na escrita de textos dissertativos. A pesquisa está sendo conduzida com finalidade estritamente acadêmica e os dados serão tratados com confidencialidade e anonimato. Contamos com a sua colaboração para responder este questionário, com seriedade no preenchimento das questões a seguir, a fim de que possamos melhor atender as demandas e necessidades dos estudantes do Ensino Médio.

5. Você considera a escrita uma habilidade importante?

6. Você acredita que a leitura e a escrita estão relacionadas? Em uma escala de 1 a 10, o quanto você considera essa relação?

1  2  3  4  5  6  7  8  9  10

2.1 Com que frequência você realiza leituras (sem considerar as redes sociais) ao longo da semana?

Todos os dias  Em um ou dois dias  Nunca

7. Você considera que entende com facilidade o que os outros escrevem? Em quais situações é mais fácil entender o que está escrito?

8. Você consegue associar seus pensamentos e suas referências (de mundo) ao que pretende escrever na redação?

Sim  Não

4.1. Por quê?

9. Você sabe como começar uma redação?

Sim  Não

5.1. Por que você acredita que isso acontece?

10. Você tem facilidade em justificar suas opiniões em um texto escrito? Explique sua resposta.

11. Você consegue associar e utilizar os conhecimentos da gramática que aprendeu nas suas aulas na escrita de seus textos?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Em algumas ocasiões

8.1 Justifique a resposta anterior:

12. Em situações-problema, você acredita que consegue pensar em soluções? E consegue propor essas soluções de modo claro, por escrito?

13. Você considera que escreve pouco ou bastante ao longo de uma semana? Cite os principais locais nos quais você costuma utilizar a escrita para se comunicar com outras pessoas.

14. O que você pensa que deveria aprender para facilitar a escrita de textos?

## APÊNDICE F – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO: PRODUTO EDUCACIONAL

Questionário sobre a aplicabilidade do Produto Educacional "Oficina de Produção Textual". Elaborado com a finalidade de aplicação em sala de aula, no formato híbrido, para estudantes concluintes do Ensino Médio, na rede estadual de ensino do estado do Rio Grande do Sul.

Instruções: A sua opinião é muito importante. Acesse o formulário abaixo e preencha os campos. Muito obrigada pela participação.

### *Sessão 01: Dados Pessoais:*

Nome completo:

Idade:

Escolaridade e curso:

### Sessão 02: Considerações sobre o a oficina:

01. A oficina é acessível e de fácil entendimento.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

02. A oficina apresenta uma linguagem agradável e de fácil compreensão.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

03. A organização e a estrutura da oficina, as apresentações, ilustrações, recursos de multimídia e a temática são apropriadas.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

04. Os conteúdos e informações apresentadas na oficina são compreensíveis.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

05. As informações contidas na oficina chamaram a sua atenção.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

06. A oficina permite a interatividade e aprendizado.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

07. A oficina cumpre com o propósito de contribuir com o desenvolvimento e aprimoramento da escrita de textos dissertativos de forma criativa, prazerosa e interessante.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

08. As atividades oferecidas durante a oficina despertam o aprendizado para a escrita de textos dissertativos.

- discordo totalmente
- discordo parcialmente
- indiferente
- concordo parcialmente
- concordo totalmente

*Sessão 03: Pontos Positivos e Negativos:*

Para finalizar a atividade de avaliação, foram apresentadas duas questões dissertativas, com a seguinte proposta:

09. Qual(is) são os principais pontos positivos que você encontrou na Oficina de Produção Textual?

10. Qual(is) são os principais pontos negativos ou dificuldades que você encontrou na Oficina de Produção Textual?

**APÊNDICE G – PRODUTO EDUCACIONAL**

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/728879>